

NUM DISCO VOADOR VISITEI OUTRO PLANETA

Espantoso relato de uma viagem feita a outro Planeta, num Disco-Voador. Evolução e progresso de uma humanidade avançada que ultrapassa a tudo quanto se possa conceber!

Observação: Digitalização feita com os scans da edição de 1957. Fonte DejaVu Serif 11. Página A5.

Índice

CONSCIÊNCIA.....	4
AGRADECENDO.	5
PREFÁCIO.....	6
PREAMBULO.....	7
NOTA DO AUTOR.....	9
CAPÍTULO I - O ENCONTRO INESPERADO.....	10
CAPÍTULO II - A VIAGEM NO DISCO-VOADOR.....	17
CAPÍTULO III - PALESTRANDO ALÉM IONOSFERA.....	27
CAPÍTULO IV - AS MARAVILHAS DE UM MUNDO ESTRANHO.....	39
CAPÍTULO V - A CIDADE QUE DESLUMBRA.....	48
CAPÍTULO VI - NO INTERIOR DE UMA RESIDÊNCIA....	57
CAPÍTULO VII - VISITANDO UM HOSPITAL.....	68
CAPÍTULO VIII - A PSICOTERAPIA APLICADA.....	81
CAPÍTULO IX - ALMOÇANDO COM O DR. JANSLE.....	92
CAPÍTULO X - NO CAMPO DE PEDAGOGIA.....	106
CAPÍTULO XI - O ESTÁDIO.....	119
CAPÍTULO XII - PILOTANDO UM DISCO-VOADOR.....	131
CAPÍTULO XIII - A ZONA AGRÍCOLA.....	142
CAPÍTULO XIV - NAS OFICINAS DOS DISCOS- VOADORES.....	154
CAPÍTULO XV - O GABINETE DE DESENHO.....	168
CAPÍTULO XVI - DE REGRESSO A TERRA.....	179
CAPÍTULO XVII - ENTRE OS MEUS.....	197
CONCLUSÃO.....	205
O MAIOR EXEMPLO.....	207

CONSCIÊNCIA

Oh!
Divina Maravilha.
Liberta e Insubmissa,
As Paixões Humanas.
Justiça Realmente Cega!

Prende-me o Corpo,
Dilacera-me as Carnes;

Porém, a minha Consciência,
Não tem Forma, nem Peso, nem Cor

Por isso mesmo, Jamais!
Ninguém Poderá
Dominá-la!

AGRADECENDO. . .

... aos nobres corações que, tão prontamente, compreenderam o alcance destes relatos e abnegadamente contribuíram para sua divulgação, só posso dizer:

O conteúdo de seus corações é
TODO GENEROSIDADE!

Não sei onde, quando ou em que circunstâncias lhes retribuirei!

A. Rossi

PREFÁCIO

Conhecemos perfeitamente o autor. Metalúrgico, homem simples, trabalhador, prestativo, de caráter virtuoso, exemplificando, tanto no lar como na rua, por isso mesmo, digno de estudo é o relato de Antônio Rossi, especialmente à luz do Evangelho, que nos diz que "... na casa de meu Pai há muitas moradas".

Seria tola presunção imaginarmos bilhões de estrelas cintilantes, sem vida, sem humanidades, ornamentando o arcabouço universal tão só para o deleite de nossa vista!

Se a parte científica, exposta pelo autor, não satisfizer inteiramente aos nossos anseios íntimos, aproveitemos então os conceitos de sã moral que a obra contém, capazes de nos elevar a mais um degrau evolutivo.

Vamos, por isso, caro leitor, à descrição daquilo que, se acontecesse a nós, os outros dificilmente acreditaríamos.

São Paulo, 12 de abril de 1957.

GENERAL LEVINO CORNÉLIO WISCHRAL.

PREAMBULO

Esta viagem, revestiu-se de inéditas circunstâncias, pelo seu modo pitoresco e quase inacreditável como foi realizada!

De início, quero deixar patente: Nada pretendo impor ou mistificar a quem quer que seja.

Ao admitirmos, em ilusória suposição, que a imensidão constelar aí esteja na sua exuberância, apenas, para deleite da nossa vista, teimosamente, persistimos no erro!

Se nos sentimos diminutos ante a grandeza cósmica, no entanto, recusamos aceitar a sua realidade integral e procuramos nos iludir na persuasão de sermos os únicos seres inteligentes do Universo!

Portanto, nós os iluminados, os privilegiados, ainda preferimos perseverar na incongruência, continuando a recusar aquilo que sempre foi lógico e universal!

Aprendi que a verdade pode e deve ser proclamada a todos, em qualquer época e sob quaisquer circunstâncias, daí, a razão deste livreto.

Por conseguinte, envidei esforços para dentro do meu simples linguajar e modestos conhecimentos narrar os fatos passados comigo, bem como relatar o que de magnífico me foi dado presenciar naquele maravilhoso e tão estranho Planeta.

Assim, tenho a certeza de, indiretamente, me ser dado propiciar - por intermédio do dr. Jânsle, esse grande e fraternal amigo - a ensinança deste livreto, cujo texto se situa muito aquém do verdadeiro mérito e da insinuante magnanimidade daqueles evolidos seres, do tão elevado mundo que habitam.

Procuremos segui-los!

A. Rossi

NOTA DO AUTOR

Transcrição de um trecho do Capítulo I:

Dai a pouco, começaram os meus olhos a receber uma espécie de claridade - certa lucidez esquisita - percebida pelo meu cérebro, agora, registrando em forma de palavras os pensamentos que aqueles estranhos visitantes me dirigiam. Nada proferiam, contudo, eu sentia com clareza a emissão dos seus pensamentos, concebidos por mim como se fossem frases articuladas.

Sem emitirem qualquer som, possuíam a faculdade que poderíamos denominar de “Fala-visual”! Comunicavam-se, portanto, pela silenciosa expressão do olhar, transmitindo a “fala-visual” ou telepatia-visual.

Convenção que ora se estabelece:

Assim, caro leitor, ante a falta de vocabulário e para facilitar a expressão, fica convencionado que, todas as vezes, ao deparar com o emprego de verbos, como: Dizer, Narrar, Falar, Proferir, Enunciar, Expressar, Contar, Relatar, Referir, Expôr e outros congêneres indicativos da ação ou efeito de expressar por parte dos habitantes do Desconhecido Mundo, é de se entender que nada foi articulado ou pronunciado por eles, porém, as palavras me foram sempre transmitidas pelo olhar, na silenciosa propagação do que denominei “telepatia-visual”.

A.R.

CAPÍTULO I - O ENCONTRO INESPERADO

Para amainar as horas ásperas da vida e conseguir respirar, um pouco de ar puro, uma ou duas vezes, por mês, em companhia de uns amigos, dirijo-me a Paraibuna, localidade do norte do Estado, na esperança de fisgar, no rio que lhe empresta o nome, algum dourado, espécie de peixe abundante naquela região, onde há belos e saborosos exemplares que atingem cerca de 12 quilos.

Margeado por verdejantes e belíssimas montanhas, por colossais pedreiras, o Paraibuna atravessa aquela cidade que dista 150 quilômetros da capital de São Paulo.

Do alto das montanhas, deslumbrante panorama se oferece à nossa vista. Lá embaixo, corre o pedregoso rio a se contorcer, convidando a lançar em suas águas os nossos anzóis e ofertando-nos à sombra amiga de suas árvores um repouso físico e horas de imperturbável paz de espírito.

De uma feita, aliás, em um costumeiro sábado, ao chegarmos à beira do rio, enquanto os meus companheiros armavam a barraca, peguei uns sanduíches, o facão, iscas, linhas e saí à procura de um local mais apropriado para pescar.

Ainda não conheci pescador que não tivesse as suas preferências técnicas e predileção por determinado sítio. Assim, procurei um recanto mais adequado, afastando-me dos companheiros.

Logo deparei com um convidativo lugar, coloquei o facão e os sanduíches ao lado, sentei-me e dei início ao lançamento da linha indiana na borbulhante corredeira.

Bendita hora em que me acomodei nesse lugar!

Consultando meu relógio, o seu mostrador acusava 20 minutos para as 17 horas de uma lindíssima tarde primaveril. O sol declinava no ocidente e o seu calor, mais arrefecido, casava-se à luminosidade enfraquecida por algumas nuvens que, acidentalmente, o encobriam.

Entretido na pescaria, ora recolhendo a linha e verificando a isca mordida por peixes de pequeno porte, ora procurando atirá-la em sentido de profundidade para que se acomodasse em direção favorável, permanecia quieto e atento, aguardando o momento, propício de fisgar.

Estava desfrutando de salutar sossego quando, ao menear a cabeça, via duas estranhas criaturas, diferentes da nossa compleição física, aproximando-se a passos lentos.

Entre eles e eu mediava uns trinta metros e, no momento, não soube o que fazer; sentir, apenas, grande receio!

Quando chegaram a uns 10 metros, de um salto, pus-me de pé e quis me distanciar deles, porém não consegui o meu intento. Meus pés estavam como que chumbados ao solo. Estarrecido e suando por todos os poros vi-os avizinharem-se de mim. Pararam a dois metros, um à frente e outro mais atrás!

Olhavam-me fixamente e seus olhos estavam cravados nos meus que, espantosamente, os observava. Estático, impossibilitado de articular qualquer som, na condição de incapaz, senti decorrer um dramático e interminável minuto!

Eles não se manifestaram de pronto, mas esboçando um largo sorriso continuaram com os olhos

sempre fixos, parecendo pretenderem ler os meus pensamentos.

Comecei, então, a raciocinar. Paulatinamente, recobrava a calma e, com certa dificuldade, arrisquei um mui inexpressivo cumprimento, balbuciando: Boa tarde!

No entanto, para maior espanto meu, não obtive resposta alguma, mas percebi pela expressão de seus sorrisos que suas fisionomias se tornaram mais paternal, evidenciando satisfação.

Vencida a primeira impressão de pavor, evidentemente, pude ver se tratar de entes de diferente compleição física, pois estavam absolutamente nus. Não possuíam órgãos sexuais, eram muito altos, deveriam pesar cerca de 120 quilos; tinham somente, dois dedos em cada mão e em cada pé, sendo desprovidos de cabelos!

Permaneceram sorrindo, e através de seus olhos, exageradamente grandes, emanava um ar de estranha doçura e bondade. Por isso, criando mais coragem, esbocei um sorriso “algo amarelo” e lhes perguntei:

— Desejam alguma coisa?

Como resposta, o que estava mais à frente, após balançar a cabeça, afirmativamente, levantou o braço apontando para os seus próprios olhos os seus dois únicos dedos. Não compreendendo o seu gesto olhei fixamente para ele, esforçando-me por interpretar sua misteriosa atitude.

Daí a pouco, começaram os meus olhos a receber uma espécie de claridade — certa lucidez esquisita — percebida pelo meu cérebro, agora, registrando em forma de palavras os pensamentos que aqueles estranhos visitantes me dirigiam! Nada

proferiam, contudo, eu sentia com clareza a emissão dos seus pensamentos, concebidos por mim como se fossem frases articuladas!

Sem emitirem qualquer som, possuíam a faculdade que poderíamos denominar de “Fala-visual”! Comunicavam-se, portanto, pela silenciosa expressão do olhar, transmitindo a “Fala-visual” ou telepatia-visual!

Procurando ficar atento e perscrutar, passei a perceber o que me transmitiam.

— Aqui estamos com a paz de Deus. Somos habitantes de um outro planeta e não tenha receio por que nenhum mal lhe causaremos. Nossa missão é benéfica em todos os sentidos, tanto para você como para os seus semelhantes.

No exato entendimento do que me transmitiam quedei-me, atenciosamente, e eles continuaram o monólogo.

— Tenha confiança em nós que viemos convidá-lo para visitar o nosso Mundo. Não estamos exigindo, apenas, o convidamos. Se aceitar será de sua espontânea vontade; dentro de poucas horas lá chegaremos!

A esta altura o meu cérebro, na sua íntima compreensão, já concatenava melhor as palavras que passaram a se tornar correntes, dentro daquela misteriosa forma de linguajar. Inexplicavelmente, depois, sobreveio, sem que pudesse atinar com a razão, maior facilidade de entendimento. Assim, continuaram a me transmitir a sua fala-visual.

— Garantimos trazê-lo de volta com a mesma saúde e disposição em que, agora, se encontra; então, poderá relatar aos seus semelhantes tudo o que viu e

aprendeu. Reflita bem, é uma grande oportunidade que lhe oferecemos!

Muito desconfiado olhei, de esguelha, para o facão — pensando na excelente arma de defesa — quando, com real espanto, um deles dando uns três passos, com moderação e certa elegância, abaixou-se apanhando-o de sobre a pedra!

Sem concluir o resultado dessa atitude o vi aproximar-se de mim, com um sorriso nos lábios, e oferecer-me a arma que segurei receoso, dependurando-a na cinta.

Ante aquele gesto de confiança passei a raciocinar com mais clareza, ponderando: se quiserem, podem me agarrar à força, pois são muito mais vigorosos e fortes; evidentemente, são pacíficos ou desconhecem a valia de um facão!

É o que dizia a mim mesmo, continuando a lhes fixar os olhos, dos quais irradiavam simpatia e serenidade, quando o meu interlocutor apontando o caminho entre as pedras, me transmitiu:

— Vamos!

Daí, em diante, surgiu o nosso primeiro diálogo porque imbuído de outro estado de espírito e na suposição de não serem agressivos, mas pacíficos, lhes perguntei mantendo sempre os meus olhos fixos nos deles:

— De que forma podemos chegar ao seu Mundo?

— Você já ouviu falar em discos-voadores?

— Já, disse-lhe eu.

— Nós somos tripulantes de um desses discos.

Quer ir? O nosso volitor nos aguarda aqui perto!

— O que é esse volitor? Indaguei curioso.

— Volitor é o mesmo que vocês denominam de

disco-voador!

Fiquei pensativo e rapidamente conclui para comigo: eles devem ser muito mais inteligentes e não me estão forçando a ir em sua companhia, apenas, me convidam.

— Acompanhe-nos, se quiser ir, acrescentou um deles!

Isto posto, começaram a andar e eu aguardei que se distanciassem. Ao tomarem certa distância, resolvi segui-los para ver onde iam.

Caminhei atrás deles. Não obstante, receoso como estava, percorri um pequeno trecho entre as pedras com o cuidado de tê-los à minha vanguarda. Foi aí, após contornar uma grande pedra, que recebi a maior surpresa da minha vida!

Deparei, numa baixada, com um enorme e desconhecido aparelho!

Fiquei assombrado e impotente para qualquer ação. Parei!

Atônito, olhei aquele colosso que inculcava temor é fazia-me diminuto ante o incognoscível. Logo, vi ser coisa originária de outro mundo. Fatalmente, devia proceder de um povo, materialmente, muito mais avançado!

Durante alguns minutos aguardei, na condição de insignificante espectador, por algum imprevisto acontecimento.

Tratava-se de um aparelho estranho, divergindo de tudo quanto, até então, conhecera em meus 35 anos de existência! Era um objeto inteiramente polido, contudo não reverberava, de cor cinza pálido, tinha a conformação de uma guarita e media, possivelmente, uns 30 metros de diâmetro!

Sua altura — até o máximo de sua cúpula — deveria ter uns 9 metros. Estava, absolutamente, pairando no ar, livre de qualquer contato com o solo, numa distância de mais ou menos meio metro!

Suas linhas impecáveis, de contornos aerodinâmicos, lembravam os mais ousados desenhos de nossos técnicos em matéria aviatória. Nunca poderia imaginar uma composição tão estética e perfeita reunindo, em si, harmonia, estilo e grandiosidade!

Ali, contudo, me encontrava à frente de um verdadeiro, genuíno e autêntico Disco-Voador!!

CAPÍTULO II - A VIAGEM NO DISCO-VOADOR

Após verdadeiro êxtase em que estive mergulhado na contemplação daquele gigantesco aparelho, resolvi dar mais uns passos e chegar junto ao chamado Disco-Voador!

De forma imperceptível, ao meu aproximar, abriu-se uma porta e notei, no seu interior, um ente igual aos que acompanhei.

Então, aqueles dois seres apoiando-se a uma reentrância da porta, sucessivamente, galgaram o aparelho, após fitarem-me renovando o convite para acompanhá-los!

Quedei-me, por uns instantes, à porta daquela grandiosa astronave, máquina desconhecida para mim, da qual sequer tivera alguma noção ou ouvira falar, a não ser em comentários telegráficos publicados pela imprensa sensacionalista.

Na verdade, confesso que estava receoso, mas acometido de uma intensa curiosidade, na ânsia de saber e conhecer como era “aquilo”, por dentro.

Nesse ínterim, insistiram para que eu subisse na aeronave, devendo imitar os movimentos realizados por eles.

Fiquei refletindo quanto às possibilidades da minha sobrevivência, sobre qual seria a sorte ou o meu destino se me alçasse para o disco-voador. No entanto, concluí: “Com toda certeza nada me acontecerá, porque, de outra forma, suas atitudes teriam sido outras”.

Continuando a receber tão amável convite, transmitido pelo olhar sereno daqueles seres, pensei em Deus a quem confiei o meu destino e a minha vida.

Daí, não tive mais dúvidas. Tomei a resolução de ir!

Subi, procurando efetuar os mesmos movimentos dos que me precederam, valendo-me da reentrância existente na porta. Entretanto, mal dei dois passos no seu interior, parei para observar se ela continuava aberta!

Então, o terceiro tripulante que nos aguardara dentro do disco-voador, dirigindo-se a mim, transmitiu-me o seguinte:

— Não obstante, nenhum mal lhe sobrevir, desejo saber se está, realmente, disposto a ir. É de sua livre vontade ir, ou está muito impressionado com o que presencia?

Ante semelhante pergunta, endereçada de forma tão cordial, respondi:

— Vou de espontânea vontade.

Depois de haver tomado essa resolução tão positiva, tive a sensação, naquele momento, de perceber a minha firme decisão contribuir para tranquilizar a minha mente, conferindo-me maior dose de confiança, pois sentia reencontrar o domínio de mim mesmo!

Agora, bem mais calmo, com plena lucidez reconhecia enfrentar seres mais inteligentes, embora estranhos; possuidores de movimentos lentos, mas harmônicos; de feições esquisitas, mas tranquilas que, em tudo, denotavam firmeza de atitudes, deixando transparecer estarem seguros do ambiente!

Após esta minha resposta, vi-o dirigir-se para um recipiente que estava na parede. Era uma saliência de uns 15 centímetros, emanada da própria parede interna do disco, afigurando-se-me feita do mesmo material, com cerca de uns 30 centímetros de

comprimento. Tinha aspecto e formato de um ovo comprido, cortado ao meio, inteiramente transparente, contendo um líquido de coloração marrom claro.

Devia ser um depósito de qualquer substância de uso próprio, porém, nunca poderia atinar o fim a que se destinava!

Com gesto vagaroso, aquele ser chegando-se ao recipiente pegou, de uma pequena prateleira ao lado, um objeto que vi ser um minúsculo copo, enchendo-o do líquido nele contido. Para tanto, comprimiu um pequeno botão ao lado do depósito — botão feito à guisa dos de partida dos nossos modernos automóveis — fazendo jorrar, por um orifício existente na sua parte inferior, aquele líquido grosso como o mel.

Depois, mostrando-o a mim, jogou-o na boca e ficou como se estivesse saboreando alguma coisa. A seguir, tomou de um outro copinho e repetiu a operação, enchendo-o até a metade.

Com o copo na mão, aproximou-se de mim e me transmitiu o seguinte:

— Para poder viajar é indispensável absorver este preparado!

Assim dizendo, entregou-me o copo, com a capacidade talvez de 1/4 dos nossos; eu o segurei. Meu cérebro fervilhava: “Será veneno? Será algum entorpecente para eu poder aguentar a viagem? Para que servirá isto?”. E, respondia a mim mesmo: “veneno, não deve ser. Não seriam capazes de pretenderem me envenenar de modo tão claro”. Afinal de contas, pensava: “uma vez morto eu pouco lhes servirei e se for algum anestésico, fatalmente, recobrarei os sentidos”

Travava-se em mim o embate de ideias quando

outra vez, de maneira muito calma, aquele ente me disse: É de suma importância ingeri-lo.

Atento a essa recomendação, levei o copo à boca e toquei, de leve, com a ponta da língua o líquido que continha. Nesse instante, o meu pensamento voou para Deus; o instinto de conservação e o amor à vida despontaram fortemente e mim, como jamais os havia sentido, até então!

Positivamente, estava colocado numa aflitiva indecisão, em condição verdadeiramente precária de “entre a vida e a morte”, frente aquelas criaturas a me observar, atenciosamente.

Naquele angustioso instante, de repente, levei o copo à boca e bebi o seu conteúdo. Era, realmente, um líquido viscoso, de sabor esquisito, espécie de vitamina líquida que, em jejum, costumamos tomar para fixar o cálcio.

Devolvi-lhe o copo; ele sorriu gentilmente e me fez compreender, perguntando-me,

— Podemos ir agora?

— Sim, foi a minha resposta.

Mal acabei de balbuciar essa afirmativa, percebi a porta fechar-se, automaticamente. Apontaram-me uma banqueta para que nela me assentasse. Por minha vez caminhei indeciso, deslumbrado com tudo quanto via e assistia, para o local designado.

No interior de um ambiente sequer sonhado, em estado de parvoíce, agindo como uma criança dentro de uma casa mal assombrada, tudo olhava com espetacular admiração e respeito. Convenhamos, nem outra poderia ter sido minha atitude e nem outros os reflexos do meu sentir.

Perscrutava em derredor; com um lento

movimento de cabeça ia pondo o olhar em tudo e não posso asseverar o tempo gasto no minucioso exame que fiz naquela sala.

Sem possibilidade de engano, a sala em que nos encontrávamos tinha uns oito metros de diâmetros, completamente redonda, de paredes lisas, com teto curvo em formato de cúpula, estava muito bem iluminada.

É indispensável ressaltar que tudo, ali, atendia à configuração do círculo. Não havia um só objeto que não fosse de formato esférico, enfim, que não fosse arredondado! O princípio era único e geral: tudo em direção curva, em sentido curvilíneo.

Havia, no centro da sala, uma mesa circular de um metro de raio, cercada de umas doze banquetas fixas ao solo. Tais banquetas — muito semelhantes aos nossos tamboretos — com cerca de uns 60 centímetros de altura, possuíam um único pé, se espalhavam, simetricamente, por toda a volta da sala, exceto do lado de um misterioso painel.

Apesar da intensa claridade não conseguia distinguir os focos de luz, não havia um ponto preponderante de referência. A luz era igualmente intensiva e difusa em todos os ângulos. Por todos os lados não se projetava uma única sombra, dando impressão exata de que a luz provinha, ao mesmo tempo, do teto, das paredes ou do próprio piso do disco-voador.

Com os atuais conhecimentos nossos, jamais poderemos obter uma difusão de luz tão perfeita, tão uniforme e equitativa. Realmente, ela emanava de tudo em idêntico teor de intensidade ou de força, fazendo-me compreender melhor a profundeza de uma sábia e

conhecida máxima: A boa luz é a vida de seus olhos!

No caso em apreço trata-se de traduzir o que presenciei no interior do disco-voador, sem alusão a qualquer possível propaganda.

Rodeando a sala, em toda a sua estrutura, exceto do lado do mencionado painel, havia uma série de pequenas janelas entremeadas de linhas divisórias. Eram uniformes, ovaladas, com cerca de 25 centímetros de tamanho, estavam dispostas a uma altura de 1,80 metros, assemelhavam-se a pequenos vitraux em séries separadas por esquadrias de aço polido, como dos edifícios de arquitetura moderna.

Em vão, procurei descobrir a porta que me fora aberta para entrar. Ela abriu-se em sentido de “correr” e a sua reentrância havia desaparecido, devendo ter sido justaposta de maneira imperceptível.

Naquela sala, verdadeira meia esfera, o que mais me atraiu a atenção, deixando-me perplexo pelos motivos ignotos de sua configuração foi, sem dúvida, uma espécie de painel repleto de estrias, alavancas e botões, tendo ao centro uma verdadeira tela.

Necessariamente, residia ali o ponto “X” da astronave. Nele se devia reunir diretriz das forças e o comando de todo os dispositivos, do disco-voador, congregando, provavelmente, a síntese do progresso daqueles entes em matérias de navegação ou propulsão aérea!

Interessante era que esse painel acompanhava, também, a configuração arredondada da parede! Não fugia, em absoluto, nem mesmo a tela ao sistemático curvilíneo do conjunto. Bem no centro, ela se sobressaía, côncava, branca e ovalada, devendo medir uns setenta centímetros de borda a borda.

Os botões, espécie de sintonizadores, uns opacos, outros mais luminosos, variavam quanto ao grau de intensidade. As alavancas pareciam correr em estrias ou canaletas e outros dispositivos desconhecidos havia, tendo, por baixo, assinalação de pequenos traços; digamos, taquigráficos!

Aquele conjunto elaborado da mesma matéria, disposto de maneira uniforme, oferecia à vista um “que” de harmonioso, infundindo respeito pela desconhecida capacidade de sua força. Media, aproximadamente, uns três metros de comprimento por 1,80 metros de altura.

Mirava-o em todos os sentidos e sob todos os prismas! Não encontrava fios, ligações, ponteiros, tomadas, relógios, registros idênticos aos utilizados em nossos aviões comerciais ou de turismo.

Acrescia o fato de tudo se me afigurar fabricado de uma só peça, como se fora um único bloco do mesmo material. Material consistente e uniforme, possivelmente fosforescente, tão maleável que pudesse ser adaptado aos mais variados fins!

Esse ponto, para mim, era de capital importância porque servindo, há anos, como chefe de secção de uma metalurgia, conhecia processos de tratamentos físicos e químicos a que se submetem os minerais para deles se extraírem os metais.

Entretanto, nada semelhante me fora dado conhecer na Terra para que pudesse aquilatar ou deduzir da sua constituição. Inutilmente me esforcei para concluir algo. Em vão, procurei resolver o enigma para atinar com o menor detalhe capaz de fornecer indícios de sua composição!

Abandonando o indecifrável enigma daquele

complexo desconhecido, voltei a atenção para as criaturas que me induziram a ingressar no disco-voador e passei a observá-los.

Estava fixando os contrastes físicos daqueles antes, inclusive a disparidade de tamanho e força, quando uma ideia sinistra me ocorreu: “Desejariam eles utilizar-me como cobaia?”

A aflição voltou a apossar-se de mim. Agora, crescia de maneira insopitável, porque não me achava no meu elemento e sim num ambiente inteiramente ignorado!

Felizmente, pressentiram a aflitiva condição de pseudovítima em que me colocara e, vindo ao meu encontro, procuraram me tranquilizar com as seguintes palavras.

— Nós, não viemos ao seu Planeta para buscá-lo. Estamos dando prosseguimento a uma missão. Aliás, missão de paz que gravita em torno de um núcleo chamado “Evolução” e que atende aos ditames da Divina Sabedoria. Nada receie, somos irmãos e queremos ser amigos do seu povo. Depois desta visita nós o devolveremos ao seu mundo e você, com toda certeza, nos pedirá para fazer outras viagens!

Aquele termo “Divina Sabedoria” ecoou nos meus ouvidos de modo tão benéfico que me reconduziu à tranquilidade. Jamais expressão alguma operou em mim tamanha transformação! Retornei à calma e pensei: Graças a Deus, eles, também, são tementes a Deus!

Em face do acontecido, fiquei “parafusando” com os meus botões: “Será que eles têm o poder de conhecer os meus pensamentos; serão tão poderosos a esse ponto?” Agora, mais sereno e para disfarçar o

meu desaponto, lhes perguntei?

— Porque não partimos?

A resposta se traduziu num discreto sorriso que, sem dúvida, revelava a ingenuidade da minha pergunta e solícito um deles acrescentou:

— Há muito que estamos viajando!

Sem sequer me dominar, corria, intempestivamente, para uma das muitas janelinhas e olhei!

Tudo era espaço, nada conseguia entrever. Apoiava-me nas pontas dos pés para poder enxergar através das janelinhas, porém, tudo em vão! Tudo era espaço vazio! Rondei em todos os sentidos mas nulos foram os meus esforços. Sempre o vácuo e nada via!

Ansiado, visivelmente aflito, voltei-me para aquele que estava de pé ao lado da tela do centro do painel. Percebendo o meu desajuste, muito amavelmente me convidou:

— Venha ver o seu Planeta que a olho nu você não conseguirá. Pode vir e observe esta tela!

Foi quando, ao me aproximar do painel, ligaram uma pequena alavanca à guisa de interruptor de luz. Imediatamente surgiu na tela o globo terráqueo, inteiramente suspenso no espaço, como se fora televisionado!

Grande bola esverdeada no centro da tela gradativamente, começou a aumentar fazendo surgir contornos e em sucessão apareceram as montanhas, mares, lagos e rios!

Manejando outros botões, milagrosamente transformaram a projeção, e em vista panorâmica surgiu uma grande cidade. A medida que os seus detalhes se acentuavam pude reconhecer a cidade de

São Paulo!

Vi o aeroporto de Congonhas, o Museu do Ipiranga, o edifício do Banco do Estado, o prédio Martinelli e o do Banco do Brasil que lhe fica fronteiro, enfim todos os principais pontos de referência da Capital paulistana.

Extasiado com tamanha perfeição, procurava notar todos os demais detalhes, quando passaram a focalizar, somente, o perímetro das praças centrais; Sé e Clóvis Beviláqua.

Com incrível nitidez poderia reconhecer, naquele momento, as pessoas que lá transitavam. Assinalava, perfeitamente, os transeuntes, os automóveis, os ônibus, as intermináveis filas humanas sob as respectivas coberturas e distinguia até os jornais empilhados junto às bancas!

Era como se fosse possível ficar situado num palanque à altura de uns cinco metros, de cuja posição pudesse abranger ambas as praças, tal a nitidez da projeção!

Os detalhes projetados na tela eram tão minuciosos que dir-se-ia estarmos participando daquela intensa movimentação, sem ouvir, entretanto, os ruídos dos motores ou a conversação dos transeuntes!

CAPÍTULO III - PALESTRANDO ALÉM IONOSFERA

Por longo tempo apreciei, comodamente instalado no bojo de um disco-voador, aquele borborinho de povo na sua incontida azáfama.

Espetáculo, inédito de projeção, sem deficiências ou interferências de qualquer natureza. Mostrava-se sempre fixo, claro e com um grau de nitidez jamais alcançado pelos nossos mais perfeitos aparelhos de televisão, apesar de estarmos nos deslocando sob incrível velocidade!

Fartando-me dessa contemplação pedi que desligassem o aparelho e voltei para o meu lugar na esperança de dar asas à minha curiosidade, fazendo perguntas. Assim, iniciei:

— O vosso mundo é diferente do meu?

— Não muito, respondeu-me aquele que nos aguardou dentro da astronave. Prosseguindo, disse:

— Também, possuímos casas, ruas e árvores, apenas, o nosso viver é mais objetivo. Não perdemos tempo com futilidades e não nos preocupamos com o que é efêmero e supérfluo!

— Então, os senhores levam uma vida perfeita? Retruquei.

— Perfeita, não. A perfeição nós, os humanos, não a conseguimos. A palavra “Perfeição” não exprime a verdade no que se refere, pois nada é perfeito desde que imaginado ou manipulado pelo homem!

— E, quando classificamos determinado objeto de perfeito? Indaguei, intrigado.

— Então, diríamos: esse objeto corresponde plenamente às exigências do momento.

No afã de satisfazer minha curiosidade, procurei mudar o assunto e inquiri:

— No seu mundo há divertimentos?

— Sim, existem muitos divertimentos, foi a resposta.

— E qual o que mais, lhes agrada?

— O que mais nos agrada e prazer nos proporciona, conferindo-nos grande satisfação é o divertimento de praticar o bem e auxiliar o próximo.

— Então, os senhores se divertem auxiliando o próximo?

— Exatamente. É o que mais nos enche o coração de alegria, tornou a reafirmar com ênfase o meu interlocutor.

— Como pode explicar o fato de que nós, ainda, não chegamos a alcançar a Lua e os senhores viajam de um para outro planeta com a maior facilidade?

— Nesta sua pergunta enquadra-se a que “Conhecimento”. Os terrenos em absoluto, não conhecem sequer o próprio Planeta, como pretendem conhecer outros corpos celestes? Conhecer outros planetas!... equivale a dizer: manter intercâmbio cultural entre si, no entanto este intercâmbio está sequer satisfatoriamente difundindo entre os próprios terrícolas. E, continuando afirmou: É indispensável, primeiramente civilizar as tribos nômades e as selvagens. Civilizar muitos e muitos “civilizados” espalhados pela Terra, verdadeiras saúvas humanas poluidoras de uma civilização. Finalmente, é necessário conhecer e seguir os sábios ensinamentos da própria Natureza para, daí, iniciar os estudos relativos às excursões aos outros planetas. Infelizmente, os povos da Terra vivem dentro de um

realismo “morto”!

— Então, poderemos mais tarde ter aparelhos para viagens interplanetárias?

— Perfeitamente. A Natureza não restringe, absolutamente, nada, apenas, oferece obstáculo. Tais obstáculos são transponíveis e ao serem transpostos nos impulsionam em direção a novas ciências e, em consequência, adquirimos novas concepções da vida. Portanto, os obstáculos são benéficos e instrutivos!

— Os senhores são felizes em seu mundo? Perguntei, ávido de mais esclarecimentos.

— Sim, muito felizes, foi a resposta,

— Mas, na Terra não há felicidade! Afirmei, a essa altura.

— Errar é humano. Fácil é errar, porém o difícil é reconhecer o erro e aproveitar os ensinamentos decorrentes desse erro. O homem terreno, não reconhece seus erros, por conseguinte recebe e sofre as consequências de suas próprias culpas, na maioria das vezes propositais. Foi o que ponderou aquele estranho ser.

— Vejo que o senhor é franco no falar!...

— Indubitavelmente, usamos da franqueza, não só no falar, mas, nas ações, Usar a franqueza é o mesmo que usar a Verdade e esta é o eterno e portentoso veículo esclarecedor das humanidades.

A verdade, é, uma fonte de águas cristalinas, na qual, eternamente flutuará, o bem estar das humanidades!

— Por isso é que lutamos? Objetei.

— Viver é lutar, porém para os irracionais. Para o homem e seus semelhantes, já com elevado poder de raciocínio, a vida deixou de ser uma luta. Se o homem

terreno, ainda hoje, está lutando é porque esta luta foi criada por ele mesmo e não a quer remover.

— Mas como poderíamos viver sem lutar?
Perguntei-lhe.

— É fácil, respondeu o meu interlocutor.

E, no desejo de fornecer maiores explicações sobre o assunto passou à seguinte dissertação.

Tomemos por exemplo a VIDA. A Vida em seu Planeta é um TODO dividido em milhares de pedaços. Indistintamente, uns e outros estão impregnados de caridade, justiça, bondade, compreensão, critério, humildade, etc... Não obstante isso, existem pedaços impregnados de maldade, ódio, rebeldia, inveja, destruição, além dos que estão imbuídos dos sentimentos de domínio, perversidade, riqueza, etc... Presentemente, todos esses pedaços estão completamente dispersos e misturados no turbilhão da Vida, predominando os que mais atendem ao imediatismo dos homens; isto é, os pedaços embebidos de destruição, domínio, riqueza, egoísmo e outros.

Continuando, asseverou: se os dirigentes do vosso orbe colocassem esses “Pedaços da Vida” em seus respectivos lugares, formando uma só VIDA, isto é unindo-os; verificariam, então, que os bons se fundamentariam no CENTRO DA VIDA e os pedaços impregnados de maldade se localizariam na periferia, ou seja, A MARGEM DA VIDA.

Posteriormente, com grande espanto constatariam os “tais pedaços” convenientemente separados deixarem de constituir o chamado “viver é lutar”, que já se converteu em incontrastável brocardo popular!

O caso em si, encerra simples problema exigindo

a reposição dos encaixes “Pedaços da Vida” nos seus devidos lugares, para que a transmutação se processe lentamente e a humanidade terrestre passe a viver num verdadeiro Eldorado Moral!

— E, como poderíamos ajuntar esses “Pedaços da Vida” para colocá-los em seus devidos lugares?

— Isso, transcende de muito as possibilidades atuais do homem, imantado aos interesses imediatos faz com que sentimentos de expressão inferior se sobreponham à sua evolução moral!

Ainda prosseguiu, dando-me a compreender mais ou menos o seguinte: Inicialmente, a pretendida modificação basear-se-ia na instalação de inúmeras escolas de frequência gratuita e obrigatória para todos os indivíduos de 6 aos 20 anos. O desmedido esforço dispendido na manutenção de soberbos aparelhamentos bélicos deveria ser aplicado na difusão do ensino entre os povos.

A sua prática, com a característica de entretenimento, conjugada com exercícios esportivos, de preferência ao ar livre e sob salutar alimentação, deveria transparecer espontânea.

O ensino convenientemente dosado, antes de atingir aos níveis puramente científicos, cingir-se-ia à vida e à sua natural evolução abrangendo todas as partículas do conjunto; ressaltando-se sempre o equilíbrio e a harmonia das relações construtivas e íntimas entre o físico visível e o físico invisível.

Assim, os terrícolas compensariam, de certa forma, as prejudiciais influências do núcleo do seu próprio orbe — Centro das Irradiações Cósmica e Evolutiva — que pela sua posição, ainda excêntrica, provoca uma série de intermináveis distúrbios.

— Como? Inquiri, admirado!

— Sim. O gelo, o degelo, as tempestades físicas e magnéticas, os furacões, terremotos e maremotos, as erupções vulcânicas são todos fenômenos decorrentes do desvio do núcleo. Na Terra, esse núcleo, que nos planetas já verticalizados está situado no centro, encontra-se deslocado. Logo, ao tomar a sua exata e central posição, também, o Planeta terá o seu eixo verticalizado

Atento à explanação cujo assunto era para mim uma verdadeira revelação, limitei-me a menear a cabeça em tom afirmativo.

Prosseguindo sua dissertação, aquela criatura que me inculcava os primeiros lampejos de uma verdadeira simpatia disse:

— A lavoura sofre em demasia por não receber os elementos adequados e suficientes à sua robustez, desenvoltura e vigor. Essa anemia das plantas propicia aos insetos um habitat, verdadeiro paraíso, pois são facilmente corroídas pela avidez destes. A própria cor das plantas e das flores são de um tom opaco e de pouca vida, devido ao Centro de Irradiações Cósmica e Evolutiva se achar fora de posição. Assim que o núcleo atingir sua exata posição, as irradiações serão mais dosadas e equivalentes! Então, as plantas, flores e frutos receberão do Centro de Irradiações uma substância protetora, espécie de defesa ou imunização contra insetos, os quais não encontrarão mais possibilidade de alimentação e procriação, tendendo a serem varridos da face da Terra! Daí por diante, as plantas terão vida mais exuberante; as frutas, as hortaliças, os vegetais serão mais saborosos e dezenas de vezes mais nutritivos. Suas cores mais vivas e

deslumbrantes transluzirão matizes que aos olhos humanos parecerão mais belos, proporcionando-lhes efeitos benéficos!

Estava plenamente absorto nessa, explanação, quando ele acrescentou:

— O reino vegetal, livre de tempestades, geadas, e de pragas, recebendo as irradiações dosadas às suas necessidades, terá sua vida prolongada e conseqüentemente as plantações viverão mais uns 30 anos, devendo a sua produtividade ser aproveitada em 98%. A esse tempo, o homem terreno alimentar-se-á com, apenas, 7% da atual quantidade de alimentos que consome. Se, hoje, ingere mil gramas por dia, passará a se satisfazer com, somente 70 gramas diárias!

— Surpreso, indaguei: O que faremos com tanta alimentação?

— Não, apenas, essa quantidade fabulosa de alimentos será necessária, mas o plantio de todas as áreas disponíveis, inclusive as atuais zonas congeladas do Planeta que, até lá, sê transformarão em terras férteis. Os próprios leitos dos lagos e rios que forem transportados para os atuais desertos a fim de formarem mares úteis de água doce e potável, fornecerão sua cota de aproveitamento. Enfim, tudo concorrerá para alimentar 16 bilhões de habitantes que será a densidade máxima do Planeta Terra!

— Mas, para mim, tudo isto é inconcebível e fantástico, exclamei admirado!

— Como poderemos transportar a água dos lagos e dos rios para os desertos?

— Disto, paulatinamente, a própria natureza se encarregará e o homem da época já mais evoluído, com o seu fator “Colaboração”, procurará canalizar para os

mares de água doce — hoje áreas desertas — as águas da chuva:

Intrigado com aquela cifra astronômica de 16 Bilhões, atrevi-me lhe perguntar:

— Ao atingir a Terra 16 bilhões de habitantes, que o senhor afirma ser a capacidade máxima, ninguém mais nascerá?

— Os nascimentos continuarão em igual proporção aos falecimentos, porém não mais serão concebidos filhos criminosamente a torto e a direito e a qualquer hora. Nessa época, a concepção de um filho será controlada pelo amor puro e tudo se processará dentro de sentimentos nobilitantes enquadrados em objetivos quase santos.

Reportando-me ao início de sua explanação, na qual se referiu à imunização contra insetos, procurei fazer ver ao meu interlocutor que, aqui na Terra, sempre procuramos combater as pragas do reino vegetal para obter melhores colheitas; havendo ele ponderado:

— Sim, é claro. Mas, considero difícil obstáculo o combate às pragas do campo, porque o homem sequer consegue debelar outras que mais diretamente o afetam!

— Afinal, a que se refere? Atalhei em tom discrepante.

— Meu irmão. Trata-se de um assunto prolixo encerrando profundas considerações e não me cabe abordá-lo. Contudo, para o satisfazer, direi: em determinado orbe o homem, que nele habita, ao chegar à sua casa — caverna, furna ou gruta — depara no seu interior com enormes serpentes, monstruosos lagartos e, em certas ocasiões, até com algum gigantesco

dinotério. Por sua vez o homem terreno ao chegar à sua habitação — que não é uma caverna — muitas vezes depara com pernilongos, pulgas, baratas e até, em certas ocasiões com algum camundongo. Quero dizer, com isso, que o homem nem para o seu próprio bem estar e conforto, em obediência às comezinhas regras de higiene, se dignou combater essa bicharada altamente nociva, expulsando-a do seu convívio em benefício de sua saúde. Pergunto-lhe, pois.

— Como irá eliminar pragas que nenhum mal lhe causam de imediato?

— Interrompendo-o, disse: Mas, não se pode comparar um rato com um dinotério, cujo porte é muito maior do que um elefante!

— Nisso reside o seu engano, respondeu-me!

E, para se fazer mais compreensível, adiantou: tanto no orbe mencionado como na Terra existem animais diferenciados, apenas, no tamanho e aspecto, porém distintos em ferocidade e força trazendo cada uma de suas características. Demanda considerar que o dinotério precisa caçar o homem para depois devorá-lo, enquanto o rato, a 20 metros de distância, inocula-lhe venenosas bactérias de que é portador.

O anófele, minúsculo pernilongo, injeta-lhe o vírus da maleita inutilizando sua vida; enquanto a pulga, esse atlético bichinho, com uma simples picada reduz o homem a um imprestável sífilítico.

A barata, esse inseto tão medroso e de aparência inofensiva, ao tomar contato com as carnes sanguíneas, como os salames linguças, mortadelas ou chouriços, contamina-os com os bacilos fluídicos do câncer e da morfeia. São doenças que dizimam a vossa humanidade e acarretam aos homens atrozes

sofrimentos, ceifando vidas moças e proveitosas.

Esses bacilos se encontram em estado fluídico, miasmáticos, são milhares de vezes menores do que os micro-organismos catalogados pelo homem e impossíveis de serem localizados pelos seus mais potentes microscópios.

O relativo progresso da ótica, cujo campo de experimentação é vastíssimo, longe está de conferir a necessária capacidade para essa descoberta, pois, ainda, não distingue vírus de maiores proporções. Trata-se, por assim dizer, da bactéria do próprio micróbio que se aloja em lugares de pouca ou nenhuma ventilação e claridade.

Para combatê-los com eficiência, seria mister escolher uma das seguintes alternativas:

a) — abster-se a humanidade de consumir carnes sanguíneas;

b) — banir do seu convívio ratos, baratas, pulgas, mosquitos e outros congêneres;

c) — aguardar, por centenas de anos, que os raios cósmicos evolutivos não mais permitam ambiente de vida para esses micro-organismos na Terra.

Aliás, as duas primeiras providências são as mais exequíveis e positivas, porque executadas minorariam muito os sofrimentos da humanidade terrena.

Quanto aos raios cósmicos, estes são forças imponderáveis, emanadas da própria natureza — Força Viva Divina — que o ser humano jamais poderá avaliar, visto se concepcionar no campo do indefinível ao seu estado evolutivo!

Enlevado por tão preciosa exposição, atrevi-me a indagar:

— Mas, se o câncer é provocado por micróbios,

porque não é contagioso?

— Isso decorre de uma circunstância peculiar à vida micro-orgânica. Os micróbios, até hoje, conhecidos agem em formação esparsa. Eles podem se unir, mas não o fazem; agem isoladamente. O oposto se verifica com os micróbios fluídicos que atuam diferentemente, porque fundem-se e estabelecem verdadeira corrente microbiana!

— E, se conseguíssemos descobrir o vírus do câncer, este seria curável?

— Sim, é claro. Neste caso, estariam eliminando, apenas, o efeito, continuando, porém, a causa. Infelizmente, o eterno mal do homem terreno é estar sempre remendando as coisas, jamais realiza profilaxia integral.

Rememorando, lembro de lhe haver perguntado: o que seria feito das imensas falhas dos rios e lagos que fossem transportados para os desertos!?

Nesse ínterim o meu interlocutor levantou-se e dirigindo-se a mim, assim se expressou: as montanhas lá estão para esse ajuste e a natureza deixará tudo plano. E, pondo a mão sobre o meu ombro, interrogou-me de maneira expressiva:

— Você deseja, realmente, conhecer o meu mundo? Tem mesmo vontade de visitá-lo?

A mudança brusca do assunto que considerávamos e a sua atitude causaram-me espanto! Refleti por um momento e com certa timidez arrisquei a dizer:

— Nada me acontecerá, não é verdade?

— Sim, segundo lhe prometi, afirmo que de nossa parte nada tem a recear

Sorrindo, desajeitadamente, agradeci, porém ele

continuou a me fitar para dizer:

— Estamos prestes a chegar e pousaremos dentro de poucos minutos!

Recebi esta comunicação como um verdadeiro impacto. Aturdia-me o receio na expectativa de enfrentar, dentro de poucos minutos — sabe Deus como!... — um ambiente inóspito de um mundo desconhecido.

Foi quando, o meu interlocutor, com um olhar de aquiescência, acrescentou:

Pode ir ver o meu mundo!

Ao olhar para eles, com assombro, vi suas fisionomias sorridentes e, confiante, levantei-me cheio de curiosidade.

CAPÍTULO IV - AS MARAVILHAS DE UM MUNDO ESTRANHO

Com certa moderação me dirigi para um dos lados da série de visores localizados na parte interna do discovoador. Apoiado na ponta dos pés procurei sondar o exterior, mas a incalculável velocidade do aparelho não permitia gravar os detalhes do inopinado panorama.

Apesar de possuir vista normal ela não comportou um minucioso exame do que, então, vislumbrava. Porém, em dado instante, pude ver uma cidade que se projetava de encontro à astronave com a sensação de ser impulsionada por incrível força.

Abrangendo minha visão toda sua periferia constatei, contrariamente à conformação de nossas cidades, que ela era oval. Pareceu-me um círculo a se dilatar de maneira impressionante à medida que os seus detalhes se acentuavam.

Súbito, sem nada sentir, notei desmedida quebra de velocidade. A disparidade de deslocamento foi tão sensível que julguei haver parado a astronave. Passamos a voar em sentido horizontal com a velocidade reduzida — velocidade de cruzeiro —, a uma altura aproximada de uns 100 metros!

Deslizávamos, agora, sobre a cidade que se me afigurou feita, inteiramente, de vidro e distinguia, perfeitamente, as suas casas entrecortadas de jardins todas de tamanho simétrico, uniformes, com suas cúpulas vítreas. Suas ruas, simetricamente ajardinadas, sob impecável disposição de conjunto se prolongavam indefinidamente pela profundidade de sua extensão.

— O que são aqueles objetos que se movem lá em baixo?

Perguntei, aflito.

— São os nossos automóveis!

— Mas, não possuem rodas? Acrescentei.

— Sim. Aliás, até o ano de 1980 ou mesmo antes, os automóveis da Terra, não terão rodas e passarão a trafegar horizontalmente a uma altura de 2 metros do solo, pousando verticalmente como uma pluma, assim como o ruído será reduzido em 80%.

Pouco falta à ciência do vosso mundo para dar mais um passo em direção a esses melhoramentos!

Estes “automóveis” ou “autoaéreo” terão um dispositivo para evitar colisões.

Perseverando no meu posto, atentava — agora que o Disco se deslocava, vagarosamente — para os habitantes transitando nas largas calçadas, vendo-os sair de suas casas. Alongando a visão deparei, muito a frente, com uma enorme mancha escura e, não contendo a curiosidade, perguntei

— O que é aquilo?

— Aquilo! É parte do meu povo que nos aguarda; reuniram-se no campo de Experimentação Aérea, especialmente para lhe apresentar as boas-vindas, respondeu-me calma e pausadamente o meu interlocutor.

— O que me compete fazer para agradá-los?

Olhando-me de maneira sugestiva e esboçando um sintomático sorriso, respondeu:

— Tenho a certeza de que o Amigo não necessitará de colares, brincos, amuletos para lhes oferecer. São suficientes a sua presença e a sua sinceridade!

Percebi, claramente, a alusão e sorri. Naquele instante compreendi que me colocara em idêntica situação aos aborígenes trazidos das selvas goianas para o Rio de Janeiro. Fatalmente, seria a sensação, a novidade para o povo que, aglomerado, ansiava por presenciar a chegada do espécimen raro — o Homem Terra —.

Sem dúvida estava transformado na atração do momento, iria satisfazer a espontânea curiosidade daquela gente. Naturalmente, pretendiam aquilatar, de perto, o que já conheciam através de seus poderosíssimos televisores!

Dentro da lógica natural vaidade humana a minha condição seria, deveras, menos inferiorizada se, acaso, estivesse bem trajado, mas o estado que me encontrava era desanimador!

Vestido com calças de pescaria, aliás, muito precárias; com camisa rasgada de alto a baixo, nas costas; de mangas arregaçadas, calçava um velho sapato de borracha e trazia aquele indefectível facão à cinta.

Nesse andrajoso estado iria servir de repasto aos olhos daquela enorme multidão que, a esta altura, me era dado enxergar com nitidez.

Logo mais, passei a distinguir os agrupamentos de pessoas acenando para o aparelho que baixava, lentamente, naquela direção. Assim, foi pousando suavemente e o fez sobre uma plataforma de meio metro de altura, tendo-se aberto, incontinenti, a porta.

Prestes desceram dois dos tripulantes e eu, naquela inelutável contingência, tremia de ansiedade. Jamais poderei descrever o que em mim se passara! Então, aquele ente, meu incansável cicerone, estendeu-

me a mão e pediu-me que saísse. Dirigi-me para a porta e parei ao ver a multidão compacta rodeando o aparelho.

Todos — homens, mulheres e crianças de todas idades — ali se encontravam para me dar as boas-vindas e sorriam alegremente.

Distanciados uns cinco metros acenavam, de maneira fraterna; suas fisionomias estampavam cordial acolhida e demonstravam contentamento em nos receber.

Naquele momento o que mais me impressionou, além da grande massa de seres esquisitos pertencentes a um mundo estranho, foi a ausência completa de ruídos, parecendo estar tudo envolvido por sutil e misteriosa música!

Não obstante, estar presenciando os movimentos de uma massa de povo que dava vazão aos seus sentimentos de alegria, contudo o silêncio, ali era absoluto. Unicamente uma música provinda do alto enchia o ambiente, cuja suavidade não impedia reinasse impressionante silêncio!

Amparado pelo meu companheiro desci e passei a receber os cumprimentos e abraços dos que a mim se aproximavam. Sem dúvida, previamente advertidos da forma pela qual os terrícolas se cumprimentavam, assim procediam. Estavam imbuídos do desejo de me agradar, pois, abraçavam-me cordialmente, segundo os nossos hábitos terrenos!

Cerimonioso e desapontado ia retribuindo os cumprimentos da melhor forma. Longo tempo decorreu a cerimônia da minha recepção.

Após ser cumprimentado demoradamente pelos presentes, a multidão — creio que a um sinal do meu

cicerone — afastou-se reverente e fui guiado pelo braço entre aquela mole humana. Dividiram-se em duas alas para que passássemos até chegarmos à rua!

Aí, o meu acompanhante olhando-me, mais uma vez, disse em sua linguagem visual:

— Veja — Veja e observe; faça as perguntas que entender para depois poder relatar aos seus compatriotas, quando regressar.

Feita a recomendação que me forçava prender a atenção para compreendê-la, voltei-me, avidamente, para contemplar o magnífico espetáculo daquela rua.

Difícil tarefa descrever a visão deslumbrante que tinha ante meus olhos. Extasiei-me patético frente aquele cenário que sobrepunha tudo quanto pudesse imaginar!

Principiamos caminhar a passos lentos e, de início, notei que tudo, lá, era feito do mesmo material. Material vítreo, relativamente transparente, modelado sob todas as formas e sentidos!

Impossível compreender como conseguiam produzir tudo aquilo! Qual seria a técnica para obter tamanha perfeição, utilizando o mesmo material em tão variados fins? Isso era, sem dúvida, uma verdadeira incógnita para mim!

A rua era, antes de tudo, uma impressionante obra de arquitetura. Contrariamente às nossas, ela tinha o formato de um tubo de proporções gigantescas, cortado ao meio. Media, aproximadamente, uns 180 metros de largura, amplamente côncava, atingindo a 12 metros — segundo os meus cálculos — a sua cavidade na parte mais central!

Suas calçadas eram, inteiramente, lisas, limpas, isentas de buracos, fendas ou ranhuras de qualquer

espécie, mediam, mais ou menos, 40 metros de largura.

A calçada assemelhava-se a um enorme lençol de matéria plástica, impecavelmente estendido e jamais utilizado, estando artisticamente ajardinada. Sua guia arredondada identificava-se a um longo tubular que a acompanhasse, discretamente, em toda sua extensão a se perder de vista.

Fui olhando as casas, invariavelmente, redondas, equidistantemente dispostas, intervaladas por soberbos jardins cuidadosamente floridos, entretanto, não possuíam janelas! Apenas, via as suas entradas que atendiam ao formato do semicírculo!

Ali, tudo me impressionava pela perfeição, majestática grandiosidade das construções e inteira conformidade de proporção, oferecendo em seu todo um conjunto harmônico de linhas aerodinâmicas de incomensurável beleza.

Seguimos pela rua, aliás verdadeira avenida, e cruzamos com outros habitantes os quais, após mirarem o meu cicerone, endereçavam-me expressivo cumprimento de indizível satisfação,

Pude, a essa altura, estabelecer com exatidão um confronto de seus físicos, observando-os, detalhadamente, quando caminhavam à frente para nós! Passarei a fazer uma resenha anatômica de seus físicos:

Evidentemente, possuíam cabeça, tronco e membros em idênticas proporções aos nossos, divergindo sensivelmente em certos detalhes porque não eram providos de determinados órgãos!

Principalmente, os habitantes desse mundo desconhecido são desdentados, possuem a boca em

formato igual às nossas, porém guarnecidas por grossos lábios, mas bonitos! O nariz é minúsculo, um tanto achatado e pouco saliente, situando-se um pouco mais perto dos lábios. Suas orelhas demasiadamente pequenas, iguais às de um recém-nascido, contrastam com a cabeça de tamanho um pouco maior que as nossas. Em consonância às linhas das faces arredondadas, também, a cabeça é pronunciadamente ovalada!

Interessante, o fato de não possuírem cabelos, pelos ou penugens de qualquer natureza, inclusive sobrancelhas!

O que possuem de mais lindo são os olhos, muito vivos, límpidos, profundamente expressivos. Não obstante o seu exagerado tamanho são de uma beleza ímpar, e dotados de peculiar atrativo, ainda, vistos na Terra!

A menina dos olhos é de um matiz amarelado, num misto de cor tenuemente cinzento-claro. Em suma, apesar de não serem dotados de cílios que tanto enfeitam os olhos humanos, o olhar daquela gente possui uma privativa beleza, exorna-os e lhes confere um ar de simpatia e de superioridade, prendendo-nos a atenção!

Seus corpos, bem providos de carne, não revelam sinais de ossos ou costelas, nem apresentam qualquer saliência no peito ou nas costas; apenas, ressaltam os acentuados sinais musculares!

As pernas ágeis, fortes, são mais compridas e arredondadas; os seus braços têm as mesmas características. Quase não se lhes nota a cintura e as nádegas bem menos pronunciadas deixam de mostrar o costumeiro sulco que se fecha ocultamente!

As mãos providas de dois dedos — ou seja cada dedo da largura de dois dos nossos — achatados na espessura, mas compridos e arredondados nas extremidades. Os pés das mesmas proporções e feitio, possuindo, também, dois únicos dedos, sendo cada um o dobro do nosso dedo maior, tudo de acordo com a estrutura de seus corpos!

Mais tarde, o que pude observar é o fato de seus dedos não terem falanges, porém constituídos de uma espécie de músculo fortíssimo, contendo no seu interior potentes tendões. Vi, ainda, pelo formato é constituição de seus dedos lhes ser mais fácil segurar qualquer objeto, por irregular que seja, com uma só mão, enquanto, nós humanos, necessitamos de duas! Os seus dedos se coadunam e se ajustam quase anatomicamente às formas dos objetos (o que não conseguimos fazer em hipótese alguma), facilitando-lhes sobremaneira a disposição para abracarem qualquer coisa. Assim, dispõem, sem dúvida, de mais firmeza e segurança para se agarrarem a qualquer ponto!

São desprovidos de mamilos e de seios, dos órgãos sexuais, bem como de unhas; no entanto, conservam normais o pescoço, seja quanto a forma e tamanho!

Embora não possua o ente feminino as mesmas características das nossas mulheres, distingue-se, imediatamente, o sexo oposto pela graciosidade dos seus movimentos, pela maior delicadeza de seus membros e pelos contornos mais acentuadamente harmônicos que os do homem.

Enquanto as nossas raças se decompõem em grande variedade de tipos, e, algumas delas, chegam a

formar grupos distintos porque seus componentes se desenvolvem em flagrante disparidade, ao ponto de produzir verdadeiras aberrações, todos os entes desse desconhecido mundo são uniformes, de tipo estandardizado.

Mesmo em idade madura, aqueles seres não apresentam os membros flácidos ou a obesidade muito própria da raça humana. Portanto, o que lhes confere certa superioridade na aparência é a notável conformação regular de seus membros!

Todos locomovem-se com desenvoltura e peculiar elegância, executando movimentos concomitantes, sem o habitual arrefecimento da espinha dorsal. Seus físicos, em geral, com cerca de dois metros de altura, apesar de um tanto arredondados e retos, revelam harmonia e lhes dá uma atitude sóbria, até muito digna!

Mesmo considerando o fato de andarem despídos, a postura deles, longe de ser “medonha e má”, como alude Camões ao narrar o gigante Adamastor, é correta e convenhamos — sem intenção de ofender aos humanos pudores — mais altiva!

Posteriormente, ao visitar um hospital esclareceu-me um de seus médicos que o corpo daqueles habitantes se compõe de três órgãos vitais: coração, bolsa estômago-intestinal e o sistema circulatório!

CAPÍTULO V - A CIDADE QUE DESLUMBRA

As ruas delineadas em retas perfeitas, niveladas com precisão absoluta, têm tráfego intenso, porém ninguém se locomove pelo seu bojo, cujo interior se destina à guarda e ao trânsito de veículos. Elas são numerosas, constituem verdadeiras avenidas entrecortadas por outras em distâncias regularmente simétricas de um quilômetro, tendo a extensão variável de 300 a 350 quilômetros.

Sendo a periferia da cidade estabelecida por uma elipse, rodeada de uma ampla faixa — símile das calçadas de 40 metros, já mencionadas —, logicamente, formam-se quatro grandes áreas, num sentido que poderíamos denominar de quatro pontos cardeais. Isto porquê, as residências acompanham as avenidas até determinado ponto e estas se prolongam pelas arcas a dentro, segundo as necessidades de cada uma!

Essas áreas não são iguais em tamanho, elas se divergem sensivelmente. Assim, as situadas ao norte e ao sul são bem maiores do que as de leste e oeste, visto as avenidas se prolongarem mais em uma direção, quando suas transversais são mais curtas.

Pelo que se vê, a constituição da periferia contribui, sobremodo, para a formação de duas áreas fronteiriças muito maiores que as opostas. Daí, se estabelecerem, em lados opostos, zonas maiores, quando nas outras duas extremidades se localizam zonas menores, visto ser, justamente, nesse sentido que as avenidas atingem cerca de 300 quilômetros, prolongando-se, posteriormente, pelas áreas a dentro!

Todas as atividades dos habitantes do desconhecido Mundo se processa nessas áreas, que chamaremos ZONAS, onde se localiza tudo mais que possui aquele povo, com exceção de suas residências!

Assim, vamos supor: se na Zona UM, situam-se os hospitais, sanatórios e tudo o que decorre da higiene e saúde pública; na Zona DOIS, funcionam as escolas, universidades e o que concerne ao ensino, incluindo-se as instalações para a prática de esportes, como sejam: estádios e campos de exercícios, etc...

Em contraposição, na Zona TRÊS, se aglomeram as fábricas, laboratórios experimentais, usinas geradoras de forças magnéticas, as oficinas dos discovoadores e seus respectivos campos de experimentação; enquanto, na Zona QUATRO, processam-se os trabalhos atinentes à agricultura, fruticultura, com suas usinas extrativas e outros estabelecimentos que procedem a transformação e fabricação dos alimentos destinados ao consumo!

Ao longo das calçadas, em frente e ao lado de cada uma das residências, acha-se fixada ao solo uma coluna de umas oito polegadas de diâmetro, de cujo interior retiram os transeuntes um tubo em forma de meia lua. Esse tubo possui em uma das extremidades um olho mágico, à guisa dos existentes em nossos rádios, quando na outra ponta existe um botão saliente e luminoso pelo qual identificam a pessoa chamada!

Apanham esse tubo em qualquer das colunas e com ele conseguem transmitir as mensagens que desejam!

Trata-se, evidentemente, de um fone-visão utilizado por aquele povo que dispõe dessa comodidade em qualquer ponto das avenidas. No interior dessas

colunas, é obvio, devem existir dispositivos adequados que lhes propiciem meios de se comunicar ao longe, em cujo ato sempre fixam a pessoa chamada, sendo, ao mesmo tempo, focalizados por esta!

O intenso tráfego decorre, unicamente, dos transportes coletivos, Os volitores de transporte coletivo movimentam-se com uma rapidez inacreditável, a uma velocidade de 1.500 quilômetros por hora!

Esses aparelhos transportadores muito se assemelham a uma pilha de discos de vitrola, encimados por uma cúpula e medem uns 10 metros de diâmetro por uns 5 de altura. São inteiramente semitransparentes, seja no teto, solo ou paredes circulares!

No seu bojo, existem numerosas banquetas redondas para uso individual que se localizam em toda a periferia interna e, no centro, há uma grande mesa comum, também, redonda suficiente para acomodar uma vintena de pessoas.

Tais veículos, automáticos, não havendo um condutor responsável, são acionados pelos próprios passageiros que os movimentam, como só e acontecer com os elevadores de determinados edifícios, os quais dispensam o ascensorista!

Na porta, em formato de arco pleno, há um botão que o passageiro comprime, ao entrar, fazendo com que o volitor se movimente em grande velocidade. Em oposição, do outro lado da porta, outro botão provoca a sua parada!

Ninguém se preocupa com a movimentação do volitor, a não ser o próprio passageiro interessado em descer ou nele subir. Sua porta é ampla e costumam

entrar ou sair atendendo, invariavelmente, os respectivos lados; o que se torna compulsório ante o dever do passageiro, ao descer, de acionar um dispositivo externo para o volitor prosseguir a sua viagem.

Não obstante os volitores se deslocarem com grande rapidez e suas paradas se sucederem em cada meio quilômetro, tudo se processa serenamente, sem solavancos, sem que os passageiros sejam atirados uns de encontro aos outros, como acontece em nossas grandes cidades nos transportes coletivos.

Creio haverem resolvido e superado a lei da inércia. Não consegui saber como podiam realizar esse fenômeno!

Todas as ruas são preferenciais, apesar de possuírem a mesma largura e a mesma densidade de trânsito!

Embora não sejam guiados ou conduzidos e desenvolverem alta velocidade, os volitores, ao cruzarem as ruas, jamais sofrem o perigo de uma colisão, porque existe um sistema infalível, de previdência que interfere, provocando a redução de velocidade de um dos carros, permitindo a passagem do outro!

Imagine o leitor o majestático panorama apresentado pelo cruzamento de duas avenidas de conformação abaulada, com 180 metros largura, planejadas sob requintada simetria, isenta de saliências, lisas como se fora porcelana fina e acrescente a isso a circunstância dos volitores transitarem velozes, silenciosamente, com precisão matemática para avaliar o quadro que presencieii!!

Deixo ao seu critério, leitor amável, aquilatar o

que magnificamente me foi dado presenciar; sua inteligência e imaginação superam qualquer descrição por mim feita.

As calçadas se ligam nas esquinas formando uma perfeita curva e foi num desses ângulos que me coloquei para observar ambas as avenidas. Tudo grandioso, perfeitamente estilizado!

Seguimos em nova direção e continuamos a caminhar por essa avenida perpendicular.

Então, pude notar a idêntica sucessão de residências que havia observado na avenida precedente, onde iniciara o meu passeio nessa deslumbrante e misteriosa cidade.

Suas casas edificadas ao nível justo das calçadas, medindo uns 80 metros de parede a parede e mantinham a invariável equidistância entre si de uma dúzia de metros, em cujos intervalos surgiam esmerados canteiros recobertos de flores que se estendiam da frente aos fundos!

O detalhe interessante era a completa inexistência de degraus. Posteriormente, vim a saber que em toda a estrutura da cidade, não existia um único. As calçadas construídas ao nível das portas e do interior das residências excluíram, é claro, essa possibilidade!

Outra característica impressionante foi a eliminação dos ângulos de todo e qualquer aparelho ou utensílios que lá se fabriquem. Não há na contextura dos objetos um ângulo, sequer, de 90 graus, e com o decorrer da minha permanência, pelas visitas procedidas, pude constatar a veracidade desse fato!

Nas avenidas prepondera uma interminável sucessão de canteiros, entrecortados por larga

passagem por onde transitávamos, sempre ouvindo aquela deliciosa música que não perturbava o profundo silêncio reinante!

No afã de dar ao leitor uma pálida ideia, do que era essa música especial, vamos supor: se ao assistir o desenrolar de um filme do cinema mudo ouvimos os acordes de um piano bem executado, quando essa música em nada se relaciona com as diversas cenas do filme. Assim, essa melodia estranha e incessante em nada interferia na atividade normal, da mesma forma que a música do piano em nada se relaciona com os fatos passados no filme para lhe conferir expressões ou sentimentos!

Assim, se faz presente essa melodia perene provinda do espaço; às vezes grave e uníssona, alterando-se em contínuos acordes com sucessivos ecos que se reproduziam e se extinguíam, finalmente, em conjunto!

Íamos continuando o nosso passeio, quando o meu Cicerone parou e me disse:

— Parece-me que você está encontrando grande diferença entre o que, habitualmente, conhece em seu Planeta, não é assim?

— Realmente, estou muito admirado! Entre o que aqui vejo e o que, de fato, possuímos em nossas cidades há profunda e básica diferença. No entanto, ignoro onde me encontro e desconheço até o seu próprio nome!

— Eu sei como você se chama. Quanto a mim, o meu nome é Jânsle. Sou médico e um cidadão vulgar desta comunidade.

Nesse momento, truncando a resposta que me dava, indicou o bojo da avenida, chamando a minha

atenção.

— Olhe! Disse ele, apontando com o dedo.

Voltei-me para aquela direção e vi, então, um pequeno disco aproximando-se de nós. Este aportou serenamente na calçada; fez-me entrar no aparelho e nele fizemos a travessia da avenida durante a qual procurou me explicar algo que tentarei descrever.

Há, no centro das avenidas, inúmeras plataformas nas quais pousam os discos-voadores. Estes são de dois tipos. Os que se destinam, exclusivamente, à travessia das avenidas e outros maiores deixados à disposição para atender tarefas mais urgentes. Possivelmente, para proceder serviços especiais ou incumbências atinentes à vida normal da comunidade, pois se transladam, apenas dentro da esfera do próprio planeta!

Espaçadamente, nas calçadas das avenidas encontram-se reentrâncias semicirculares, estilo ferradura, utilizadas como ancoradouros para os discos menores que fazem a travessia das ruas. Elas medem uns quatro metros de borda a borda e nelas o volitor, quando parado, se justapõe perfeitamente.

Trata-se de uma espécie de embarcadorio, aliás, todos os que desejarem atravessar qualquer rua terão de se utilizar desses pequenos volitores de dois metros de raio!

— Esses pequenos discos são uma espécie de “Mediador”, disse eu. Eles servem de medianeiros, pois vivem sempre no meio e na medida para serem utilizados.

— Não costumamos denominar os nossos volitores como fazem os terrícolas com os seus diferentes tipos de aviões. A procedência aqui é única

e divergem, apenas, quanto aos fins a que se destinam!

Os pequenos volitores-atravesadores que chamaremos de “Mediador” são inteiramente transparentes. É como se fossem enormes bojões de vidro, nada existindo no seu interior.

O Mediador é impulsionado por força desconhecida e volita da plataforma em que se encontra para o ancoradouro da avenida, aportando, sempre, próximo ao ponto de chamada. Para chamá-lo é suficiente deprimir o botão superior externo de algumas colunas que servem de repositório dos chamados “fone-visão”.

Uma vez no seu interior, atendendo ao comando de um dispositivo especial ele realiza a travessia em linha reta, aportando, suavemente, do outro lado da avenida. Para dispensá-lo é suficiente acionar o botão e ele, pacatamente, aterriza na plataforma de onde veio, desimpedindo a calçada!

A força principal e o controle do Mediador emanam dos laboratórios ou oficinas subterrâneas que se localizam nas confluências das avenidas, segundo explicou-me o dr. Jânsle. Tal sistema de controle mantém o nível de entrada do Mediador em correspondência exata com a altura das calçadas, o que, sobremaneira, facilita e oferece o máximo conforto.

Como não há veículos particulares todos são de uso coletivo, ninguém paga o transporte que é, gratuitamente, fornecido pela comunidade!

Os volitores são movidos por força magnética, oriunda da mesma fonte e impelidos por esta se conservam à altura precisa, pois atendem aos comandos eletrônicos à distância!

Fato curioso foi o presenciar o Mediador interromper a sua marcha por alguns segundos, ficando completamente parado no ar, ao se aproximar um dos volitores de longo percurso! Após, a passagem deste, ele prosseguiu sua trajetória, indo acomodar-se no local próprio e reservado.

No cruzamento das avenidas, aos volitores de longo percurso é provocado uma redução de velocidade assaz suficiente em sintonia com a do aparelho que se aproxima, evitando-se, dessa forma, qualquer colisão! Percebe-se, nitidamente, a preponderância de uma força desconhecida e invisível que dirige, controla e impulsiona os volitores tão perfeitamente, possibilitando o tráfego sem qualquer perigo.

Possivelmente, entra em ação um aperfeiçoadíssimo sistema de forças ignotas emanadas de potentes aparelhos, cujos sensitivos superam em muito os nossos aparelhos de eletrônica!

Já havíamos caminhado um pequeno trecho, quando o dr. Jânsle, transmitiu-me o seguinte convite:

— Vou mostrar-lhe uma de nossas casas. Sei que você está ansioso por conhecê-las!

— Para mim, seria motivo de inteira satisfação conhecer o interior de uma dessas residências, afirmei, solícito.

Após este diálogo, conduziu-se o dr. Jânsle em direção de uma residência próxima, levando-me a conhecer todas as suas dependências!

CAPÍTULO VI - NO INTERIOR DE UMA RESIDÊNCIA

Uma autêntica surpresa me aguardava ao ingressar naquela residência, A surpresa de simplicidade!

Jamais pude conhecer tamanha simplicidade, ela era desprovida de tudo, nada possuía. Para mim, foi desilusão não encontrar no seu interior um utensílio diferente, enfim algo estranho que viesse constituir imprevista novidade. Julguei ter ensejo de conhecer alguma coisa original, algum objeto útil de uso doméstico, porém sofri uma verdadeira decepção!

Nada possuía de notável, digno de menção especial, a pomposa residência, a não ser a disposição dos quartos que, contrariamente ao nosso método de construção, formam uma ala em torno do prédio sem comunicação com o seu interior, composto de uma única sala!

Fugindo aos nossos hábitos, as residências são desprovidas de mobiliário, adornos ou decorações de qualquer estilo, bem como do complexo maquinário que utilizamos para o nosso conforto.

A completa ausência de janelas, portas, lustres, candelabros, armários e da interminável divisão de cômodos muito peculiar aos nossos palacetes, em muito simplifica a vida dos seus moradores!

Baseei-me nessa circunstância para deduzir que entre eles não impera a vaidade ou preconceitos de orgulho tão arraigados à espécie humana!

Praticamente, as residências se compõem, apenas, de duas partes distintas: uma, interna e a outra, externa.

O seu interior é constituído de uma única sala muito ampla, suficiente para acomodar umas cinco centenas de pessoas, tendo, ao centro, uma vastíssima mesa circular com suas respectivas banquetas. O seu piso, ligeiramente côncavo, mais pronunciado ao derredor junto às paredes, de onde emanam sucessivas banquetas intervaladas por mesinhas, também, redondas!

No alto, em toda a circunferência da sala, há uma prateleira onde colocam os recipientes alimentares, verdadeiros: depósitos, particularmente conhecidos pela cor do líquido que contém!

A outra parte é formada por uma série de quartos contíguos, dispostos do lado externo do edifício, tendo acesso para os jardins, sem, contudo, possuir comunicação com o interior da moradia.

Os quartos são amplos e guarnecidos, no centro, por uma grande cama redonda, revestida de um material à guisa de espuma de borracha, mais consistente do que o nosso!

Um travesseiro, circular-coletivo, acompanha o mesmo formato da cama, emergindo saliente de uma das extremidades do grande colchão em toda sua volta, estabelece curiosa disposição!

Assim, dormem em camas redondas segundo o hábito costumeiro do hinterland paraguaiense, mas não utilizam-se de cobertas ou de qualquer coisa parecida.

A disposição no interior da sala lhes permite, em dias festivos, se reunirem para conversar, e o fazem comodamente instalados desfrutando ampla visão do ambiente. Tendo ao alcance os recipientes alimentares sobre as prateleiras, utilizam-se das mesinhas e

banquetas para se acomodarem e entretêm conversação recíproca em todas as direções, ao mesmo tempo ingerem as vitaminas que lembram as nossas geleias.

Lá, não existe o problema da luta para preparação de alimentos e, conseqüentemente, não há libertação de resíduos, inexistindo o que denominamos lixo!

Para esse fim contribuem, sobremaneira, as condições ambientais isentas de poeiras e de vento, além de outros fatores preponderantes que concorrem para manter sempre limpas as moradias.

A profilaxia do ambiente elimina a possibilidade da vida micro-orgânica, evitando, assim, a deterioração. Ipso facto, dispensam as cautelas necessárias à conservação dos alimentos que se mantêm inalterados!

As casas prescindem de cozinha, porque os alimentos são fabricados em local próprio (Zona 4, referida), de onde são levados para os depósitos públicos de que, oportunamente, falarei. Também, eles o dispensam o W.C., pois os seus habitantes não expelem excrementos!

Não exsudando toxinas, como acontece conosco, em virtude da alimentação científica e controlada a que se submetem, livres de impurezas, poeiras e outras contaminações, dispensam o uso de banhos, bem como a complicada e custosa instalação tão útil aos nossos lares...

A entrada de cada residência — porta principal — depara-se com dois aparelhos idênticos aos fonevisão que conheci à margem das avenidas. Em cada lado da porta se localiza um conjunto composto deste

aparelho, mais uma pequena mesa com a sua respectiva banquetta para a pessoa sentar-se. Muitos deles tomam suas refeições nesses conjuntos, enquanto conversam com amigos e parentes, permanecendo, porém, sempre com o olhar fixo naquele olho mecânico do fone-visão!

Pelos esclarecimentos do dr. Jânsle, após um dia de trabalho entremeado de culto e prática de esportes, recolhem-se os moradores às suas residências. Tal dia corresponde em nosso tempo, a uma média de, mais ou menos, 250 horas.

Ao anoitecer passeiam, sem preocupações, dentro de um ambiente agradável, sempre festivo de permanente respeito mútuo. Jamais os componentes da comunidade guardam resquícios sentimentais ou são portadores de despeito, maldade ou sequer engendram pensamentos inferiores, Mesmo nesse pequeno entreato da vida procuram ativar suas mentes, objetivando excelsa harmonia que lhes assegura um indefectível bem estar, em, consonância com as vibrações benéficas que auferem do Alto.

Segundo me asseverou o dr. Jânsle, na sociedade impera a igualdade e reina, portanto, a justiça! A razão de surgir no Planeta Terra o descontentamento, a rebeldia, a revolução e movimentos ideológicos para a concretização de mudança de diretriz — Governo —, afetando, sobretudo, a economia interna das nações é a desigualdade que gera a injustiça!

Não se trata de igualdade apregoada por certos credos políticos, mas o paradoxo dos que se locupletam em detrimento dos seus semelhantes, exigindo o elevado preço do sacrifício geral, com a aniquilação de muitas preciosas vidas!

Eis, o que assoalha o sofrimento e cria disparates sociais, quando todos são iguais ante o Criador! E, assim, concluiu o dr. Jânsle:

— É a prática do amor que vos falta lá na Terra.

Retornando à explanação sobre a vida comum de habitantes, continuou a discorrer, mais ou mero; neste diapasão.

O anoitecer dura, em média 12 horas das vossas e aproveitamos para descansar, passear, trocar ideia em longas e proveitosas conversações. O tempo aqui é sempre ameno, sendo uma eterna primavera, visto existir uma única estação em todo o ciclo planetário desconhecendo os residentes as contínuas alterações atmosféricas do planeta Terra.

A temperatura é sempre estável durante o dia à noite quando sofre pequena mudança é contrabalançada pela profusa iluminação convenientemente dosada que a mantêm inalterável. Daí, a razão dos nossos homens não sentirem frio nem calor, embora estejam permanentemente nus. Há muito que excederam a fase da complicada roupagem e das ilusões alimentadas pelos terrícolas!

Em suas casas transparentes; despídos de malícia, geram, de maneira sublime, os casais seus filhos, ou melhor explicando: provocam a formação dos filhos por um processo natural e espontâneo, mediante um profundo e amoroso fitar de olhos que culmina num acariciador beijo, verdadeiro ósculo germinativo!

Como não possuem órgãos genéticos, a mulher é dotada de uma bolsa para gestação, bem como de uma pequena incisão para permitir o nascimento do filho, o que se processa sem os habituais sacrifícios, aflições e incidentes comuns à nossa humanidade!

Nesse momento, atalhei o assunto um tanto delicado para os meus preconceitos de homem-Terra, indagando:

— De que se ocupam as mulheres se não há serviços caseiros?

Atendendo esta minha indagação, asseverou-me o dr. Jânslé: as mulheres pelo motivo de não terem obrigações diretas, isto é de não terem casa para limpar e arrumar, louças e roupas para lavar, nem sequer cuidar do preparo da alimentação dos que lhe são mais íntimos, ocupam-se, preliminarmente, de estudos!

Procedem aos estudos primários e elementares até os 25 anos — quando, ainda são consideradas meninas — e após esse período ingressam para um curso de aprendizagem teórica de todos os trabalhos manuais masculinos, em pé de igualdade com os homens.

Posteriormente, ao se dedicarem a estudos mais positivos realizam cursos teológicos e em consecutivos exercícios fortalecem e purificam a mente, a fim de poderem transmitir aos seus filhos idênticos ensinamentos!

No entanto, grande parte do tempo dedicam à prática de esportes, onde bem orientadas se formam fortes e aptas a gerarem filhos robustos, na sequência imprescindível da perpetuação e aperfeiçoamento da raça!

Admirado pela espontaneidade com que me eram feitas essas revelações, olhava com extrema simpatia o meu interlocutor e buscando novos rumos à conversação, indaguei da beleza das flores, cujas originais cores muito me impressionaram.

Solicito, esclareceu o dr. Jânsle: Primeiramente, é preciso frisar que todos os habitantes da comunidade sentem um invulgar amor, um respeito profundo — respeito quase sagrado — pelas flores! Para nós, acrescentou o médico, as flores representam a síntese do que de mais belo Deus presenteou este recanto do Universo!

Assim, nas horas de lazer, ficamos longo tempo entretidos na contemplação de uma flor, da mesma sorte que vocês assistem a representação de uma aparatosa peça lírica ou contemplam a execução artística de uma grande sinfonia.

Nos primórdios de nossa infância incluem-se o plantio solene de uma flor que passa a constituir para a criança o entretenimento de seus dias. O desvelo e o carinho com que a cultivam é como se fora a carícia paternal a despontar-lhe os sentimentos de acendrado amor!

Como as flores duram cerca de 180 a 220 anos e são, na realidade, de inigualável beleza e soberba aparência, quando fenecem constituem, sem dúvida, motivo de tristeza para quem as plantou, como para os que acompanharam o seu desenvolvimento.

Interrompendo-o, em momento oportuno, disse:

A noite há iluminação conforme me deu a entender, no entanto, não vejo nada que possa fornecer luz aos habitantes!

— Sim, há iluminação e muito intensa, respondeu-me o dr. Jânsle.

Procurando me elucidar, narrou-me o que vou tentar reproduzir:... realmente, não possuímos como os terrícolas fios e postes ou outros meios congêneres para a transmissão de força elétrica, nem focos para

projeções isoladas de luz porque há muito tempo abandonamos esse falho e complicado sistema utilizado, agora, no seu Planeta!

Já superamos esse problema da iluminação por eletricidade tão apreciado pelos terrícolas, pois além de oneroso oferece continuamente sérios perigos e tem produzido inúmeras vítimas pela complexidade de sua manutenção, o que demonstra a sua insuficiência. Tal método, para nós inoperante, não deixa, contudo, de ser utilíssimo aos homens da Terra, porque vivendo a era da eletricidade esta lhes presta inestimáveis serviços, propiciando-lhes maior campo científico para o progresso e concretização de melhores descobertas, direcionando-os no sentido do aproveitamento da energia nuclear e magnética!

Há, entretanto, em todo o contorno da cidade projetores denominados "Futuores". Tais aparelhos, como vi mais tarde, são de cor clara, com frisos salientes, colocados em sentido vertical e têm a conformação perfeita dos nossos açucareiros de bar. Eles possuem a propriedade de lançar para o alto forte: jatos de gases, que se inflamam produzindo luz fria e estabelecem uma grande abóboda, como se tratasse de um imenso pano de circo.

Os gases lançados, em sentido curvilíneos, fundem-se a altura aproximada de 100 metros com o: que são projetados do lado oposto, produzindo a claridade.

A claridade penetra nas residências através de suas paredes e cúpulas transparentes e, então, a cidade fica profusamente iluminada, interferindo, também, no equilíbrio da temperatura da noite!

Tal iluminação constitui adorno geral,

oferecendo magnífico espetáculo — como alvíssimas esteiras de flocos de algodão — e sua densidade difunde luz uniforme que não prejudica o sono dos habitantes.

Ao atravessar as paredes e cúpulas a luz sofre uma refração determinada pela sua composição através do material externo das residências, ofertando aos seus moradores uma claridade amena e muito favorável ao descanso, proporcionando-lhes, assim, um tranquilo e revigorador sono!

Eis, como conseguimos obter verdadeiras nuvens fosforescentes que se espalham e se difundem amplamente, sem falhas, ficando tudo iluminado até o clarear do dia.

Ao discorrer sobre novo assunto, ponderou o dr. Jânslé que os habitantes para viver não prescindem dos frutos das árvores os quais produzem os sucos-vitamínicos indispensáveis à base fundamental da alimentação geral. Posteriormente, referiu-se ao dever de todos estagiarem no campo, servindo e trabalhando como qualquer lavrador, condição decorrente da necessidade de uma permanência, a prazo curto, junto à natureza para a captação de novas energias.

Assim sendo, na época do "transpasse", o operário trabalha no campo, como o colono na indústria. Aliás, lá e de um modo geral, o missionário é cientista, médico ou engenheiro; bem como o engenheiro é médico, cientista ou missionário. Revezam-se em épocas no exercício das funções, a fim de melhor se familiarizarem com as bases fundamentais da vida do Planeta!

No seu modo de definir, essas bases se resumem, em:

Religião — Medicina — Ciência — Engenharia.

Cada uma delas tem a sua função precípua. Assim, a Religião lhes propicia a higiene mental; a Medicina, a higiene física; a Engenharia, a produção material e vegetal, bem como a formação de agrupamentos humanos; a Ciência, maiores conhecimentos para a concretização de ideais!

Lá, não há nações, nem cores de epiderme diferentes!

Dentro do seu conceito e modo de entender, as nações determinam o separativismo e, logicamente, acarretam a diversificação do progresso, da cultura, dos costumes e da alimentação! Se tal fato se verificasse lá no Planeta, provocar-se-ia o êxodo irremediável da população para outras cidades ou países mais avançados, numa clara demonstração de interesse pessoal.

Em síntese, nesse estranho mundo que visitei, a norma vigente é a seguinte: O que um tem, todos têm!

Esforçam-se os habitantes daquele Planeta no trabalho objetivo para o bem da coletividade, jamais procurando para si aquilo que não pode ser dado aos outros! Ao me fornecer um exemplo, disse-me o dr. Jânsle:

— Se eu faço um bem só para mim; uma segunda pessoa um bem só para ela; uma terceira pessoa, assim sucessivamente, teremos, em conclusão, um benefício disperso em favor de cada um individualmente! Ao contrário, se estes bens forem aplicados à coletividade, acontece que cada um recebe, ao mesmo, tempo, três benefícios. Tal procedimento constitui uma parte de nossa filosofia e não deixa de ser interessante, equitativa e humana, levando-nos ao cumprimento da

sagrada Lei: Amai-vos uns aos outros!

E, nesse diapasão finalizou o dr. Jânsle a sua explanação, quando entusiasmado, atalhei:

— Ao meu ver, dr. Jânsle, isso constitui um socialismo avançado que ameniza a vida em todos os seus setores, facilitando até a recuperação moral e física dos menos favorecidos pela sorte!

— Essa recuperação moral e física a que alude o irmão, também, procuramo-la fazer em nossos hospitais!

— Mas, os senhores possuem hospitais, retruquei muito admirado?

— Perfeitamente. Ainda aqui chegam as inevitáveis consequências das vidas pregressas e, para lhe dar uma ideia do nosso desmedido esforço nesse sentido, vou-lhe proporcionar uma visita a um hospital para que constate os difíceis casos de recuperação. Apesar de constituir raridade, certos indivíduos trazem a mente conturbada e resquícios de tal ordem que, no futuro, os tornam incompatíveis com a vida normal do Planeta. O nosso ardente desejo de recuperá-los levamos a defrontar casos especialíssimos nos quais aplicamos todos os recursos ao nosso dispôr!

CAPÍTULO VII - VISITANDO UM HOSPITAL

Finda a conversação levantamo-nos e deixamos, aquela esplendorosa sala de extensas dimensões para atingirmos a larga calçada da majestosa avenida.

A saída, utilizando-se de um dos fone-visão dos conjuntos postados à porta da residência, o dr. Jânsle travou conversação com algum local distante, tendo eu presumido haver ele solicitado a presença de um volitor para nos conduzir à zona hospitalar.

No entanto, errônea foi a minha pressuposição porque, depois, aproximando-se de uma das colunas acionou um dispositivo e imediatamente um dos volitores maiores — de longo percurso — estacionou à nossa frente.

Tomamos esse volitor coletivo e deparei, no seu interior com dois outros habitantes daquela maravilhosa cidade e, com exceção de duas paradas sucessivas para deixar esses passageiros, fizemos o trajeto em uns 15 minutos.

Finda essa viagem na qual aproveitei para observar tudo quanto podia, descemos e rumamos em direção a um enorme grupo de casas, todas de conformação oval, onde se situavam os hospitais e seções de internamento!

Chegamos ao pátio do hospital de vastíssimas proporções, onde vi inúmeros aparelhos pousados sobre plataformas. Muitos deles eram verdadeiras metades de discos-voadores que tinham, ao centro e rente ao seu piso, uma cama redonda suficiente para acomodar umas 10 pessoas. Nesses aparelhos notava-se, também, um grande tubo atravessando o piso para projetar-se exteriormente, em idênticas condições a

um cone muito amplo!

Ao derredor dessa cama situada no interior dos meios-discos, num plano mais elevado, havia uma espécie de tripé provido de tubos sobrepostos de diversos tamanhos, os quais possuíam bocas entrecortadas por lâminas em frestas, imitando nossas persianas.

Logo fui indagando da finalidade daquele aparelhamento instalado em perfeitas metades de discos-voadores e foi-me dito serem volitores sanitários destinados a conduzir doentes às várias altitudes, segundo o tratamento aconselhado!

Esclareceu mais, o dr. Jânsle:

— Existe na atmosfera muitas camadas cujos elementos terapêuticos são por nós aproveitados na cura de doentes. Assim, de acordo com o diagnóstico, o paciente é levado a uma altura previamente estabelecida, onde permanece determinado número de horas, a fim de se beneficiar com os elementos naturais inerentes àquela camada atmosférica. Casos há do doente necessitar concomitantemente, de dois ou mais elementos para se restabelecer. Desta forma, o paciente é conduzido à camada onde se encontram os elementos A e B, e nós lhe enviamos daqui, por meio de ondas receptadas por aquele cone externo, o elemento C. Armazenado em recipientes adequados, dispomos de elementos distintos e indispensáveis à cura do doente e, quando se faz necessário os projetamos para as câmaras retificadoras do aparelho que se encarrega de atuar, dosadamente, sobre o físico depauperado do paciente, em consonância com o que assimila na altitude prefixada!

Sem calcular que qualquer sugestão minha

deveria, naturalmente ter sido prevista por criaturas tão inteligentes, fiz, afoitamente a seguinte afirmativa:

— Não seria mais interessante aplicar aqui em baixo esses elementos distintos que já se encontram armazenados?

Não levando em conta essa minha impertinência, respondeu-me atenciosamente, o meu interlocutor:

— Realmente, esse procedimento seria ideal, mas os elementos captados perdem 40% de sua eficiência! Assim, o tratamento correspondente a alguns dias poderá se prolongar por meses; entretanto, aguardamos, para breve, uma melhora no processo de captação o que, sem dúvida, solucionará o atual método!

Discorrendo, ainda, sobre o poder terapêutico da atmosfera, em outras palavras disse o dr. Jânsle:... temos observado, no planeta Terra, indivíduos que contraem o bacilo da tuberculose por prática de excessos prejudiciais em ambientes contaminados. Citemos, por exemplo, o avião permanecendo em terra contaminado pelo bacilo, tudo indicaria estar tuberculoso dentro de uns seis meses.

Contudo, após uns dias de permanência, ele toma o seu avião e se eleva a uma determinada altura onde, logicamente — sem o saber — toma contato com os elementos benéficos da atmosfera. Ao atravessar as ditas camadas os bacilos sentem-se desambientados, oprimidos e, de imediato, procuram abandonar o corpo atacado, para serem, então, facilmente destruídos nessa área espacial!

— Quer dizer que evitaríamos muitas doenças se soubéssemos nos utilizar das proveitosas terapêuticas atmosféricas?

Evidentemente, o homem terreno muitos males evitaria se utilizasse proveitosamente os elementos contidos na sua atmosfera, aliás, vitais à sua vida e constituição orgânica!

O interessante é que estou me sentindo muito bem, mas noto que há uma sensível diferença entre esta atmosfera e a nossa, disse eu!

Em atenção à minha assertiva, o dr. Jânsle, respondeu:

— Vou procurar dar-lhe uma explicação.

E, passou a falar discorrendo sobre o assunto, mais ou menos da seguinte maneira:... a atmosfera terrena, apesar de gasosa é pesada e grosseira! É movediça e instável, desloca-se sob diferentes pressões exigindo dos terrícolas pulmão de volume exagerado e, em consequência, obriga-os a constantes movimentos do tórax e do ventre. Aliás, isso é um fenômeno ingênito à natureza porque em remotas épocas os animais terrenos eram dotados de enormes pulmões, verdadeiros foles que lhes permitia vida entre as emanções de gases deletérios, nocivos ou pestilentos.

Convém não olvidar que toda a formação orgânica é congênita ao meio ambiente e que todo o ser vivo é matéria. A matéria por sua vez se estrutura em substância tangente e corpórea, consoante ao meio em que esse mesmo ser se manifesta e vive! Ora, como a nossa atmosfera é muitíssimo mais apurada — que a do planeta Terra, respiramos sem uso do pulmão; trata-se portanto, de uma condição própria do meio!

No afã de me fazer conceber esse mecanismo ou fenômeno orgânico, aludiu à faculdade da nossa borracha, das chapas de ferro dos nossos compressores e até mesmo do vidro, de reter o ar, não

obstante serem materiais porosos. Entretanto, isso acontece porque os poros desses elementos são bem menores do que as partículas que estruturam a atmosfera terrena. Se acaso, tentássemos encher essa mesma câmara de borracha ou esse mesmo compressor com a nossa atmosfera, jamais o conseguiríamos, por ser esta muito mais fina do que os poros desse material!

Aqui não medra o vento e muito menos o que classificam com os designativos de furação ou ciclone. É tão sutil a nossa atmosfera que um ventilador ou uma hélice de avião em pleno movimento não produziria nenhuma corrente de ar e, uma dama que, aqui, usasse seu leque nenhuma sensação de frescor sentiria em suas faces.

Finalizando, o dr. Jânslé assim se expressou:

— Isso o faz compreender: A nossa atmosfera sendo centenas de vezes mais fina que a do planeta Terra é tão sutil, permitindo-nos respirá-la sem a existência de ar. Sem possuímos pulmão idêntico ao vosso, temos um órgão interno que o substitui satisfatoriamente! Portanto, há em nosso corpo uma camada porosa absorvendo a atmosfera para provocar o conhecido processo da hematose.

Dentro do que me fora dado entender, procurei indagar com a seguinte pergunta:

— Então quer dizer que ar é atmosfera em deslocamento e atmosfera é ar preso atuando sem produzir expansão ou pressão?

— À verdadeira conceituação, no caso, foge aos seus conhecimentos, mas você verificará estar respirando atmosfera sem que os seus pulmões trabalhem. Isso, deve-se ao fato dela ser extremamente

final!

Parecendo desejar por um ponto final no assunto, concluiu à dr. Jânslé:

— A Terra está longe de ser agraciada por esta dádiva de Deus!

Por haver estampado, naturalmente, certa dúvida, solicitou-me o dr. Jânslé que fechasse a boca e ato contínuo comprimiu minhas narinas inibindo-me de respirar. Poucos segundos decorreram para que eu sentisse profunda falta de ar, obrigando-me a abrir a boca. Logo retornei ao meu normal e, sinceramente, tive a impressão de prescindirem da respiração, sendo eu o único forçado a praticá-la dentre os habitantes daquela esplêndida cidade.

Pacientemente e cheio de complacência aquele médico voltou ao assunto, discorrendo: Podendo você aspirar o mais impuro, o seu pulmão aceita, facilmente sem sentir, o mais puro. Quanto a nós, nas excursões rápidas efetuadas no planeta Terra, respiramos o que de puro existe na sua atmosfera, inibindo a nossa constituição orgânica de assimilar, em parte, o que de impuro ela contém. É como se tratasse de areia grossa e fina ao ser peneirada deixa extravasar, somente, o que de fino ela contém. Processa-se no nosso organismo um trabalho símile de filtração — espécie de autodefesa — que nos possibilita suportar por algum tempo a atmosfera terrena, embora sem uma adaptação prévia!

Para sua maior compreensão, observe que na própria Terra existem animais vivendo satisfatoriamente com ínfima dose de oxigênio e outros suportando por longo tempo uma atmosfera de nociva saturação. Os peixes, insectos e uma grande variedade

de animais anfíbios que, reciprocamente, se acomodam em ambientes opostos sobrevivendo, longamente, sem notórias dificuldades!

Enfim, os cientistas do vosso mundo deveriam proceder a estudos mais acurados das camadas atmosféricas que circunscrevem a Terra, e de pronto, encontrariam elementos terapêuticos de comprovada utilidade. Tais experiências poderiam ser feitas, de início, através dos próprios aviadores. Ademais, você próprio comprova que não sentiu ar em suas faces, no entanto, os seus pulmões necessitaram desta atmosfera para respirar!

— Esse tratamento nas camadas atmosféricas é a única terapêutica usada aqui?

— Não muito longe disso. São utilizados outros métodos baseados em projeção de raios e gases ignorados pelos terrícolas, conquanto seja exceção o uso de remédios por via bucal, porém as injeções jamais encontram uso aqui!

A esta altura já havíamos percorrido duas secções do hospital, quando fui convidado para ir à sala de curativos a fim de presenciar o tratamento de um ferido que chegaria dentro de pouco tempo.

A seguir, fomos aguardar no pátio a chegada de um volitor trazendo o paciente.

Mal atingimos a parte externa do hospital e o volitor transportando o acidentado baixava suavemente sobre uma pequena plataforma fronteira à porta do edifício. Era um ente igual aos demais.

Não obstante estar ferido, andava com certo desembaraço e apresentava fisionomia calma, embora se pressentisse nele o sofrimento. Entrou, cuidadosamente amparado por dois companheiros e

tinha as carnes do ombro dilaceradas, o que devia lhe estar causando atrozes padecimentos.

Dois médicos o aguardavam na sala de curativos e, logo, foi posto sobre uma espécie de mesa cirúrgica, passando um deles a examiná-lo. De início, começou por olhar dentro dos olhos do acidentado como se naquele órgão visual fosse encontrar alguma solução para o caso.

Enquanto isto acontecia, o outro cirurgião enxugava, com uma espécie de esponja, o sangue que se esvaía da ferida. Imediatamente, esse mesmo facultativo apanhou uma lanceta e principiou a pesquisar o interior do ferimento, talvez, buscando veias seccionadas. Após este exame que durou alguns segundos diligenciou em dar movimentos determinados ao ombro do paciente, na possibilidade de constatar fratura.

Estava presenciando o trabalho dos médicos, quando deu entrada no recinto um enfermeiro trazendo, numa bandeja, três desconhecidos aparelhos. Tratava-se de aparelhos cirúrgicos para serem utilizados pelos clínicos e se me afiguraram tão estranhos, que me limito a descrevê-los conforme pude conceber, tomando, é claro, determinados objetos terrenos. E para estabelecer comparação.

O primeiro se assemelhava muito a uma garrafa de meio litro sobreposta a um bojudo depósito (tipo fundo de moringa), tinha a abertura pronunciadamente curva em formato de respiradouro. Acima da parte bojuda e em sentido horizontal, via-se uma pequena caixa circular!

Os outros dois aparelhos se diversificavam na cor porém, tinham conformação idêntica aos enormes

piões de metal que são encontrados em nossos bazares e eram providos de uma alça onde se via um botão pouco saliente!

Enquanto um dos médicos segurava o braço paciente, o outro tomou o primeiro aparelho pelo gargalo e o apontou na direção do ferimento. Admirei-me de ver, em questão de segundos, as partes desagregadas do ferimento, sangue e outras impurezas serem atraídos, por sucção, para o interior do aparelho, indo-se alocar na sua parte bojuda que era transparente!

Finda esta operação notei haverem procedido uma assepsia preparatória e as carnes do paciente tornaram-se limpas, tendendo para um leve amarelado a sua cor.

Posteriormente, o médico tomou um dos outros dois aparelhos pela alça, mirando-o sobre o ombro do acidentado, ao mesmo tempo que, de forma visível, acionava um botão.

Vi, perfeitamente, pelo bico do instrumento se despejar em jacto um líquido incolor, consoante os nossos lança-perfume. O líquido, assim projetado, cobriu toda a superfície fendida e, decorridos uns poucos minutos, voltou o cirurgião a se utilizar do primeiro aparelho — o sugador!

Aplicando este, novamente, o remédio e mais restos de sangue fora, também, sorvidos para o seu interior, indo juntar-se, aos primeiros resíduos. A carne do paciente se me afiguram agora, mais sadia e creio ter o médico completado a total desinfecção.

Incontinenti, o enfermeiro entregou ao operador o terceiro instrumento, ainda, não utilizado. Posto em funcionamento, lançou, não um líquido incolor como

anteriormente, mas jatos imperceptíveis de uma matéria pegajosa, a qual foi-se acumulando nas cavidades do ferimento!

Era a aplicação de um plasma, obtido pela desintegração de tecidos cuidadosamente conservados, que o aludido aparelho distribuía sobre o ferimento em forma de molduração plástica automática!

Ao perceber a minha admiração, o médico esclareceu que o plasma utilizado era, de fato, a desintegração de tecidos adrede preparada, cuja matéria se funde com a carne do paciente. Facilitando o seu rápido restabelecimento, possibilitava ao paciente nada mais sentir e a cicatriz deixar de ser visível, desaparecendo por completo!

Feita esta breve explicação, encaminhou-se para uma espécie de mecanismo que se encontrava nas proximidades da mesa. Eram dois tubos emanados do piso em sentido vertical, elevando-se a uma altura de pouco mais de um metro, seguindo curvo, horizontalmente, para frente cerca de uns 40 centímetros.

Distanciados, paralelamente, meio metro esses tubos, inteiramente transparentes, findavam por um orifício de uns 35 centímetros de circunferência.

Com um gesto aquele médico convidou-me a aproximar e o vi introduzir os braços nas bocas cilíndricas daqueles tubos, ao mesmo tempo que empurrava uma alavanca interna. Percebi, com clareza, os braços e as suas mãos ficarem inteiramente molhadas como se mergulhadas fossem numa bacia de água!

Pouco durou esta operação e ao retirar os braços notei, ao contato com a atmosfera, estar tudo,

completamente, seco. Parecia haver procedido uma profilaxia preventiva, realizando o costumeiro asseio das mãos!

Isto posto, conduziu-me o dr. Jânsle pelo interior do edifício até o outro lado e, ao chegarmos do lado de fora, apontou outro prédio fronteiriço, dizendo:

— Aqui, se localizam os nossos prováveis criminosos!

Mirei-o com indizível espanto sem contudo, nada responder.

Exteriormente, era um edifício como os demais, porém, internamente, possuía inúmeros compartimentos e em cada porta dois guardas munidos de uma espécie de arma. Via-se ser algo semelhante aos nossos faroletes manuais, de pilhas, onde o seu vidro focal era substituído por um material luminoso, repleto de furos à guisa dos chuveiros metálicos!

Percorrendo um longo corredor guarnecido por aberturas laterais e redondas, para ter acesso a um grande compartimento onde se encontravam 16 crianças.

— Aqui estão eles, disse-me, apontando-as!

Pasma, sem nada perceber, fiquei observando, ao que ele acrescentou:

— Estas crianças já foram criminosos em estado potencial e são portadoras de resquícius; trazem lesão no cérebro e, futuramente, quando adultas podem vir a praticar desatinos.

Convenientemente tratadas ficarão isentas de influências passadas e postas em condições normais de viver com os demais habitantes, sem oferecerem perigo! É o que me fora explicado.

Prosseguindo a visita foram-me mostrados

compartimentos individuais, onde seus ocupantes, todos adultos, eram possíveis dementes, jamais puderam ser recuperados, não obstante, o intenso tratamento a que foram submetidos desde a infância.

Definem os médicos, como lesão natural da mente as doenças da alma contraídas em razão de um pretérito delituoso do seu possuidor. As doenças físicas são todas curáveis dentro de maior ou menor tempo, pois, segundo afirmam dispõem de recursos perfeitos para as debelar!

Ao par desta definição, concluí que aqueles entes incuráveis estavam sofrendo as conseqüências de faltas ou crimes praticados em vidas passadas em outros mundos!

— E, aqueles guardas para que servem? Indaguei curioso.

— Improvisável é o ciclo inicial de manifestação prejudicial dos que se encontram nesse estado. Em determinado momento podem pretender fugir ou mesmo atacar, então, os guardas fazem uso do instrumento de que são portadores. É um “Retentor” capaz de imobilizar o doente no mesmo instante, até passar o seu ataque de insânia. Ninguém toca o enfermo, ninguém o magoa fisicamente, mesmo para efetuar o seu diagnóstico. Em tal caso podemos dispensar o conhecido método de apalpar ou, ainda, o uso de qualquer tipo de instrumento para auscultação, quando nos limitamos a fixar os olhos do paciente para concluir do seu estado físico. Os olhos refletem a condição física da criatura e devido à sensibilidade revelam quais as moléstias e órgãos afetados!

— Esse aparelho aplicado contra a minha pessoa produz o mesmo efeito?

— Sim, entretanto, o seu corpo não resistiria ao poder imobilizador do seu raio. Fatalmente, você sucumbiria!

Imaginei, com os meus botões: acaso não será exagero do dr. Jânslé afirmar que eu não resistiria ao poder imobilizador do aparelho! Afinal de contas não percebo diferenças tão profundas entre o físico de um desses doentes e o meu para não poder resistir, porém, resolvi ficar calado e prosseguir.

Terminávamos esta conversação e, ao atingirmos o lado oposto daquele esquisito sanatório, deparei com um vasto bosque, cujas árvores prenderam minha atenção pelas diferentes particularidades que apresentavam.

CAPÍTULO VIII - A PSICOTERAPIA APLICADA

Passamos a ingressar num grande parque onde se erguiam milhares de frondosas árvores, cujos troncos e galhos eram de cor marrom claro e suas folhas apresentavam-se de um tom amarelo avermelhada como se estivessem quase secas, tostadas pelo sol!

As árvores profusamente floridas mostravam enormes corolas do tamanho de um prato, em cujo centro sobressaiam quatro alvíssimas pétalas ovaladas, dispostas em formato de cruz. Do seu seio repontavam delgados e belíssimos pistilos!

Tais árvores eram de variedades terapêuticas salutareas, constituindo verdadeiros tônicos para a saúde. Suas emanações contribuíam ativamente para a cura restabelecimento dos doentes, segundo me informou o inseparável cicerone!

Fiquei encantado ao ver surgirem pássaros, os quais, displicentemente, se achegavam a nós sem demonstração de receio e provinham de todos os lados como se viessem nos recepcionar!

Eles não eram dotados de asas e sim de membranas ao lado do dorso, podiam pular com natural simplicidade e sem nenhum esforço saltitavam cobrindo distâncias até de 20 metros! Não possuíam penas, entretanto, se diversificavam na cor!

Sentiam-se satisfeitos com a nossa presença, emitiam notas e trinados que sibilavam aos meus ouvidos. Uns gorjeavam clara e alegremente proporcionando-nos agradável sensação e prazer em ouvi-los; outros, com o seu trilar muito semelhante aos nossos pássaros terrenos, se divertiam irrequietos,

comprazendo-se em pular para o cimo das casas e destas para o chão, com espantosa facilidade!

Caminhavam com desembaraçada rapidez e suas pernas muito semelhantes às de nossas aves, findavam em três dedos: dois para a frente e um terceiro, mais forte, estendia-se para trás!

Soube serem pássaros caseiros ou domésticos, vivendo pelas calçadas e, também, no interior das residências, igualmente alimentados pelas substâncias vitamínicas em pé de igualdade com os demais cidadãos. Aliás, todos mantêm nos canteiro de suas casas recipientes adequados onde, habitualmente, depositam alimentos para eles!

De porte nunca inferior aos nossos pombos caseiros, possuem, ao que se vê, os mesmos hábitos destes porque jamais sobem em árvores ou tão pouco nos canteiros. Pareceu-me possuírem o instinto de não magoar as plantas ou flores e, ao contrário dos nossos pássaros silvestres, não destroem ou picam a vegetação!

Intimamente familiarizados com os homens, esses pássaros são queridos por todos e representam complemento à vida em comum dos habitantes daquela encantadora metrópole, embora estejam, quase sempre, cantando em tonalidade alta!

Achei a tonalidade alta para os meus ouvidos, entretanto, o seu cantar não incomoda e nem se mistura com a música natural permanente provinda do espaço!

É necessário acrescentar serem dotados de dupla audição as criaturas daquele estranho orbe. Possuem uma espécie de ambiguidade auditiva que lhes permite ouvir, ao mesmo tempo, duas músicas sem

nenhum incomodo! Seria como se, nós os terrenos, assimilássemos, sem qualquer confusão, as palavras de dois oradores falando simultaneamente.

Continuamos a caminhar por entre as árvores e chegamos a um determinado ponto onde havia dezenas de mesinhas providas dos visores de comunicação, denominados fone-visão, rodeadas por quatro infalíveis banquetas individuais.

Deixamos esta área para ingressar num enorme pátio, em cujo centro notei uns trinta círculos formados por uma tênue camada de fumaça esbranquiçada, retendo, cada um deles, uma pessoa!

Os mencionados círculos mediam uns três metros de diâmetro por uns 5 de altura e se igualavam a tubos de vidro transparentes, levemente embaçados e constituíam verdadeiras cortinas redondas!

Muito próximo dos aludidos círculos de fumaça espalhavam-se mais uns 60 pilares de uns oito metros de altura, em cujos topos se via um aparelho muito parecido com os nossos refletores de luz, dos utilizados em nossos campos de esporte! A diferença era que em substituição ao vidro focal tinham uma placa cheia de orifícios.

— O que representam aqueles círculos, são prisões?

— Não, afirmou o meu interlocutor. Trata-se de doentes mentais encerrados no interior dessas câmaras circulares formada por raios gasosos, a fim de se lhes dar tratamento adequado. Assim, sem magoá-los ou sequer interferir nos seus movimentos propiciando-lhes salutar tratamento, valendo-nos de raio benéficos projetados pelos aparelhos dispostos no alto das, colunas que ladeiam as câmaras!

E, sem interromper o assunto, prosseguiu, explicando:

— Mediante um curioso sistema são projetadas combinações salutares de elementos destinados à recuperação do paciente. Ao receber tão vigorosos impactos, eles sofrem efeitos peculiares que lhe produzem reações, deveras inesperadas. Daí, a razão destes infelizes se debaterem, desejarem fugir, ameaçando romper a Câmara com socos, ponta pés e cabeçadas!

— Mas, não seria melhor deixá-los presos e imóveis do que conservá-los desse modo? Atalhei com certa discricção.

— Visto as reações atingirem prontamente o cérebro dos doentes, mister se faz estarem desimpedidos em seus movimentos; libertos os músculos e nervos para que o tratamento auferido não seja deficiente ou constrangedor. A paralisação compulsória dos membros atuando sobre o sistema nervoso e circulatório acarreta transtornos de tal monta que reduz a eficácia do tratamento!

Mostrando-me sempre curioso e ansioso de saber a maneira pela qual aqueles doentes eram encerrados dentro das paredes gasosas, recebi do dr. Jânsle convite para segui-lo.

Levou-me a uma espécie de coreto onde, rente ao chão, havia um painel de controle com inúmeras alavancas e, ao alto, preso ao painel, um círculo do tamanho de um prato comum que muito se assemelhava a um enorme lho mágico. No centro desse coreto havia instalada uma das mesinhas com a respectiva banquetta e visor de comunicações.

Ao chegarmos, o dr. Jânsle, me apresentou ao

operador de controle dando-lhe a entender, ao mesmo tempo, qualquer coisa que não pude ficar sabendo. O fato é que o tal encarregado dirigiu-se a mim e solicitou que prestasse atenção àquele prato mágico.

Assim procedendo, vi, perfeitamente e bem visível, todas aquelas câmaras de fumaça com os seus respectivos ocupantes! Depois, o dr. Jânsle tomou o fone-visão sobre a mesinha e passou a fixar o olhar nele, não tardando surgir dentro do Olho mágico a cabeça de uma criatura e notei que o meu cicerone lhe transmitia algo. Após rápida conversa desapareceu o indivíduo focalizado e o doutor recolocou, calmamente, o fone-visão no seu devido lugar.

Fiquei intrigado pelo fato de, apesar de haver fixado os olhos no médico, nada ter compreendido do que transmitiam um ao outro pelo fone-visão. Possivelmente, conversaram na linguagem visual utilizada entre eles, ou seja, no próprio idioma corrente, lá do Planeta!

Enlaçando-me fraternalmente, o dr. Jânsle fez-me deixar o coreto em direção às câmaras-sanatório e, em dado momento, me disse:

— Pare aqui. Fique, aí, parado que vou encerrá-lo numa dessas câmaras. Não tenha receio porque nada de anormal lhe vai suceder!

Olhei em derredor para ver se havia qualquer coisa de anormal e percebi, no chão, uma canaleta côncava de uns dois centímetros que limitava um círculo repleto de pequenos orifícios.

O médico afastou-se um pouco e olhou para o operador no interior do coreto, o qual movimentou uma alavanca do painel. Imediatamente e de um só jacto formou-se, ao redor de mim, uma nuvem

transparente. No solo, em baixo dos meus pés, principiou a condensar-se uma nuvem com suficiente força para me elevar a uma altura de, mais ou menos, um palmo!

Desta forma, repentinamente, tornei-me prisioneiro!

Desandei a pisar aquela massa informe sob os meus pés e sentia como se comprimisse uma volumosa massa de algodão. Dir-se-ia que era algo gasoso, ao mesmo tempo dotado de consistência, com determinado grau de expansão.

Irrequieto e não muito satisfeito fui de encontro à parede que me circunscrevia e procurei, de início, rompê-la com as mãos, porém ela, inexplicavelmente, retomava sua posição primitiva!

Do lado externo, o meu amigo olhava-me através da parede-nuvem e de lá transmitiu-me:

— Tente fugir desse tubo de nuvem, se for capaz!

Procurei enfrentar com o corpo a parede flexível que se assemelhava a um lençol de borracha transparente e nada consegui. Debalde concentrei todas as minhas forças em determinado ponto, usando dos recursos que dispunha para me livrar daquela excêntrica prisão. Suas paredes cediam com maior ou menor intensidade à compressão, porém retornavam à posição inicial.

Já estava ficando angustiado naquela condição de prisioneiro e não mais me contendo, gritei: Não consigo me livrar daqui. Não há força que rompa isto!

Com um alegre sorriso, voltou-se o dr. Jânslé para o operador do controle e, naturalmente, em sua linguagem visual solicitou fosse desfeita a minha

prisão.

Incontinenti, senti aquela camada macia de nuvem ir-se reduzindo debaixo dos meus pés e passei a descer como se estivesse num elevador. Quando esta sumiu por completo e senti os pés em solo firme, a parede que me rodeava desapareceu de relance como se fosse sugada pelos orifícios da canaleta ou diluída na própria atmosfera!

Com efeito, senti-me bem mais à vontade logo que me vi fora do cubículo-nuvem.

— Você já estava apreensivo, não é assim? Aguarde-me por uns instantes, aí; foi o que me disse o dr. Jânsle ao me ver livre.

Na verdade, naquela situação de prisioneiro cheguei a pensar de maneira irrefletida: “Desta vez cai na esparrela”. Com certeza, o dr. Jânsle captou o meu pensamento, motivo pelo qual inquiriu-me como citei!

Enquanto ele se entretinha em conversação com o encarregado do controle, passei a transitar por entre as demais celas. Os seus ocupantes, alguns deles, comodamente refestelados sobre a maciez da nuvem que tomava a configuração anatômica dos seus corpos, permaneciam aquietados; outros, surpresos com a minha inesperada presença, tomavam posições exóticas e até hilariantes!

Demorei-me naquele exame e momentos houve que tive ímpetos de rir ante certas atitudes por eles assumida, apesar de sentir confrangimento pela sua triste condição, a qual me inspirava piedade profunda.

Concluída a inspeção, acerquei-me do dr. Jânsle e indaguei.

— Porque há tantos casos de loucura se, aqui, não há os graves problemas da luta pela subsistência e

outros tantos peculiares às condições políticas das instituições terrenas?

— Realmente, os casos de loucura advêm, justamente, pela forma oposta de condições de vida em nosso orbe!

— Como? Inqueri pressuroso por não haver compreendido sua assertiva.

— Logicamente, é por essa razão. Observe a nossa vida, é muito calma, não existindo nenhum dos problemas que afrontam os terrícolas e os envolve durante toda a existência. Muitas dessas criaturas que, aqui, nascem não estão, convenientemente, preparadas para enfrentar uma vida pacífica, plena de bondade, respeito e trabalho. Ainda, não se integram na missão sublime do amor ao próximo e são avessas aos estudos elevados, o que é óbice ao seu estado psíquico! Obstinados se entregam à sublevação ferindo a ordem normal da vida no cometimento de desatinos. Seus atos de insanidade dentro de uma coletividade ordeira, efetivamente, amante do trabalho, da paz e da tranquilidade não encontram repercussão ou ambiente, levando-os a pertinaz obsessão mental aguda!

E, para fazer-se compreensível, passou a citar uma comparação mais ou menos deste teor: Indubitavelmente, qualquer um de nós terminaria demente se nos víssemos na contingência de, permanentemente, vi ver ou trabalhar numa sala onde um aprendiz cantasse, e tocasse piano, ao mesmo tempo que outro procurasse regular o som de um rádio e, ainda, em outro lado um grupo de alegres crianças em algazarra brincasse de pega-pega.

A nostalgia da mansuetude para determinadas mentes se transforma em pertinaz acesso mental de

obsessão que os induz a se revoltar contra tudo. É justamente, o inverso do que sucede na Terra, onde criaturas devido ao intenso borborinho das grandes metrópoles ficam com o sistema nervoso alterado, ao ponto de praticarem desatinos!

E, acenando na direção de um volitor parado mais à frente, pôs-me a mão sobre o ombro e fomos andando. Nesse ínterim, o meu companheiro predileto olhou-me.

— Você deve estar sentindo falta de alimentação. Vamos almoçar em minha casa?

Alegre aceitei e agradei o convite, mesmo porque ia ter ensejo de privar com outras pessoas e de conhecer a forma de alimentação daquele povo. Sentime, deveras, contente e subimos para o interior do disco-voador, ali presente.

A princípio nos elevamos vagarosamente e o dr. Jânslé fez o aparelho se estabilizar para voarmos a altura de uns 10 metros dos prédios, a uma velocidade de uns 40 quilômetros.

— O Doutor parece não ter pressa?

— O nosso tempo é enorme e dilatado, porém o espaço é, por assim dizer, infinito em relação aos nossos empreendimentos. Os nossos passos são progressivos, mas devemos ser cautelosos e seguros para alcançarmos o objetivo!

Sereno e firme em sua estabilidade ia, lentamente, o volitor navegando pelo vazio espaço, como se fora um tapete mágico do conto das Mil e Uma Noites que se transladasse sem ruído e sem a mínima oscilação. Sob nossos pés, numa sequência interminável desfilavam as casas e através de suas cúpulas viam-se as pessoas no seu interior, ocupando-

se de seus misteres.

Fartamente coloridos pela diversidade e profusão das flores, os canteiros se assemelhavam a encantados presépios floridos dos contos de fadas.

Durante esse passeio tive a impressão de estarmos parados e que a cidade se deslocava sob nossas vistas, tal a estabilidade da aeronave. Vi inúmeras aves e pássaros pelas calçadas ou postados sobre os edifícios, quando lhe perguntei:

— Aqui existe força armada constituída?

— Se o Amigo deseja conhecer o nosso exército, lamento não lhe poder satisfazer a vontade, porque não disponho de meios para fazê-lo!

— Mas, qual é o motivo de tamanha precaução, atalhei com firmeza!

— Simplesmente pelo fato de não possuímos força armada, respondeu-me sorrindo. O nosso povo prescinde de força armada ou de policiamento para dar cumprimento às suas leis. No que tange o pleno exercício do direito ou resguarde da propriedade privada, até mesmo para defesa de mulheres ou crianças, dispensamos as tão louvadas forças armadas dos terrícolas! Os que, aqui, habitam estão assaz imbuídos do senso de responsabilidade e da indispensável preparação para se conduzirem bem. Portanto, dispensam a coação!

— Então, quer dizer que não há perigo de uma guerra ou de um ataque?

— A palavra guerra sequer existe em nosso linguajar e o seu correspondente significado representa, para nós, um atentado às leis do Criador! A pureza e a espontaneidade de sentimentos domina a todos, excluindo os perigos dessa natureza, cuja

semente medra em cérebros doentios nas condições daqueles que o Amigo visitou, ainda, há pouco!

— E, não temem uma invasão provinda de outros mundos?

— Também não! Respondendo com calma, frisou: A fim de serenar sua inquietação, aliás muito própria da índole humana e que reflete a animosidade do meio em que você vive, assevero-lhe: os mundos atrasados ou inferiores — enquanto assim permanecerem — não chegarão até aqui. Dos mundos superiores, jamais tememos um ataque e só nos é dado receber elevados ensinamentos e proveitosas lições decorrentes do intercâmbio cultural, se disso, nos fizermos merecedores!...

CAPÍTULO IX - ALMOÇANDO COM O DR. JANSLE

Decorrido uns dez minutos desde que iniciamos o lento passeio sobre a cidade, na sequente superveniência de panoramas uniformes, o meu cicerone e companheiro acelerou o volitor.

A visão foi minguando até a extinção dos seus detalhes e, ao imprimir maior velocidade ao aparelho, tudo tornou-se uma enorme mancha escura!

Em tais condições viajamos, provavelmente, uns quatro minutos, quanto lembei-me de perguntar.

— Diga-me Doutor, como se chama este Planeta?

— Com sinceridade afirmo que pouco adianta você saber o nome deste Planeta para o qual foi trazido e, isso, por uma razão muito simples!

— Qual? Inqueri, deveras interessado.

— Porque os terrícolas o desconhecem; ainda não o localizaram. Pouco importa saber o nome com o qual designamos em nossa linguagem. O essencial e útil seria se me fosse possível lhe dar o nome com o qual a ciência terrena ou a vossa astronomia o identificasse, a fim de facilitá-lo poder estabelecer um ponto preciso de referência para seu raciocínio. Por circunstâncias diversas os homens da Terra — refiro-me aos que se dedicam à astroscopia — ainda não o encontraram, portanto, será inócuo mencionar o nome dado por nós!

Assim se expressando, o dr. Jânsle manobrou alavancas do painel, fazendo o volitor descer verticalmente à porta de sua residência. Essa manobra ele a realizou com impecável perícia que bem revelava a capacidade do arguto piloto!

Sorrindo, acrescentou: Chegamos!

Descemos e ao nosso encontro vieram três alegres crianças, satisfeitas e sorridentes para abraçarem o dr. Jânsle.

— São meus filhos, exclamou, apontando-os sucessivamente. Chama-se Jerle, este é o mais novo; Petreu e esta é a Davará, disse sorrindo.

Procurei acariciar aquelas crianças da melhor maneira possível, porém estava longe de possuir os mesmos sentimentos apurados que elas retinham em suas almas!

À porta nos aguardavam outras três pessoas. Da Vanaá, esposa do dr. Jânsle e seus progenitores que se chamavam: papai, Leejo e mamãe Anauá. Procedidas as apresentações de praxe, fui conduzido para o interior da residência e sentamo-nos, confortavelmente, à mesa.

A mesa estava devidamente posta, isto é, já guarnecida por doze recipientes grandes contendo líquidos e, com apenas, dois cálices.

O anfitrião, olhando para mim, apontou para oito dos vasos menores e esclareceu:... estes oito são alimentos e aqueles outros quatro são bebidas. Siga minhas instruções: coloque o alimento na boca e o saboreie, devendo comprimir com a língua no céu da boca de 10 a 15 vezes, até ser diluído para que se transforme em suco!

— Não faça cerimônia, sirva-se à vontade do líquido cuja cor mais lhe apetercer.

Assim dizendo, passou-me um dos cálices que, para mim, deveria substituir o nosso prato comum, do qual deveria me utilizar durante o almoço. Atendo à sua recomendação, primeiramente, servi-me de um líquido de cor rosa que estava mais ao meu alcance.

Provei-o e, realmente, achei muito gostoso, de paladar delicado e suave de ser saboreado!

Atento, o dr. Jânsle me observava com uma expressão afável, esboçando um sorriso indagativo, como a dizer: “Que tal a nossa alimentação?”.

Valendo-me de sua boa disposição, atrevi-me a indagar do motivo pelo qual aquela mesa inteiriça era de enormes proporções — cerca de uns 18 metros de diâmetro — quando, na verdade, apenas a sua periferia era usada.

— Ainda acrescentei; esta mesa não deveria ser menor? Porque não deixaram em seu centro um espaço circular vago, para que se gastasse menos material?

— A sua ideia é louvável, porém, não pode ter aplicação no caso, visto que a sua conformação e tamanho atendem outros imperativos. Uma de suas funções é, precisamente, receber e refletir os raios gógicos, iluminando o ambiente. Ela substitui, vantajosamente, o complicado sistema de iluminação adotado no vosso mundo!

— Raios gógicos? Repeti instintivamente!

— Trata-se de uma denominação nossa designativa de uma certa espécie de força projetada. Sei que nada compreendeu, porém suas palavras denotam grande surpresa por lhe haver revelado um nome jamais ouvido! A mesma atitude você teria se lhe revelasse o nome que damos a este nosso Planeta. No entanto, quando visitarmos as oficinas dos discosvoadores far-lhe-ei uma pequena demonstração do que sejam os raios gógicos. Vou ter o ensejo de lhe dar uma ideia dessa magnífica força utilizada aqui, ainda, desconhecida no seu mundo!

Agradecendo tão preciosos esclarecimentos,

solicitei permissão para fazer algumas perguntas, desde que não me tornasse importuno e me fosse dado serem respondidas.

— Faça quantas perguntas desejar e procurarei respondê-las, esclarecendo e informando dentro das possibilidades relativas ao planeta Terra. Advirto-o de que serei forçado a cingir-me ao meio ambiente em que você se criou, limitando-me a utilizar suas próprias imagens e concepções para fazê-lo compreender. Do contrário, seria discorrer em terreno estéril, com a inoperante aplicação de termos e concepções particularmente nossas que você estaria longe de assimilar!

— De pleno acordo, disse eu. Agora, queria que me explicasse porque os discos-voadores só descem em lugares ermos e não nos centros populosos?

— É porque prevemos consequências danosas a descida de um volitor em uma grande metrópole. Basta-lhe esta comparação: se detonássemos uma bomba de efeito moral no interior de um emaranhado espinheiral, onde vivessem bandos de passarinhos, poderia você avaliar a extensão do pânico? O resultado seria: mortes, ferimentos, correrias e sustos. É o que, fatalmente, ocorreria na Terra, se acaso descêssemos em lugares densamente populosos!

— E, porque fui eu o escolhido para visitar este Planeta e não um cientista?

— No caso, não se trata propriamente de uma escolha, mas de uma feliz oportunidade sua. Você instintivamente aproximou-se do local em que, naquele momento, nos encontrávamos na excursão à Terra. Casualmente estava só e reunia condições físicas perfeita e indispensáveis à viagem, então, resolvemos

convidá-lo. Foi o que sucedeu, iniciando-se assim, um intercâmbio que, possivelmente, será incrementado. No entanto, afirmo-lhe, agora, se você fosse um cientista, imbuído em idênticas condições, não duvidaríamos convidá-lo a realizar este passeio!

— Mas, a vinda de um cientista não lhe proporcionaria ensejo para aquisição de conhecimentos que o habilitasse a melhorar a vida dos povos terrenos? Acrescentei, muito interessado na resposta.

Revelando certa expressão de dúvida, falou-me mais ou menos o que se segue:... ensinam vossos compêndios geológicos que o bloco terráqueo se transmudou em diferentes eras: a era paleozoica, ou primária; a mesozoica, ou secundária e a era cenozoica, ou terciária. Também, a evolução da ciência humana, no que concerne a época de sua criação, se caracterizou em fases denominadas: idade da pedra, da pedra lascada, do bronze, do ferro, do aço, da eletricidade eletrônica, estando, no momento, vivendo os primórdios da era atômica.

Fenômenos análogos decorreram neste orbe onde, presentemente, nos encontramos em fase evolutiva muito além da atômica era, propriamente dita que a vossa humanidade principia a vislumbrar.

Essas citações foram feitas com o objetivo de demonstrar que pouco ou quase nada adiantaria se colocar um erudito da era do ferro, face aos complexos problemas da era atômica, visto esta se encontrar muito mais avançada! Demandaria se transmitisse a esse erudito longos e integrais conhecimentos das evoluções processuais, bem como lhe fornecer os meios adequados para poder agir em seu meio!

Ora, a vinda de um cientista em seu lugar para ser proveitosa, muito dependeria das lições que lhe ministrássemos, porque uma visita de horas realizada por um dos vossos renomados homens da ciência terrena — como a que o irmão realiza —, pouco adiantaria no sentido que alude.

Espero me seja lícito admitir, com sinceridade, a existência de um lapso muito grande entre a atual evolução da ciência terrena e a nossa. Não considero presunção afirmar a existência de sensíveis diferenças, tão profundas que um cientista terreno, aqui, ficaria apático, sem atinar com a razão das coisas. Equivaleria exhibir ao aluno primário, que com dificuldades maneja as quatro operações, complicadíssimos cálculos infinitesimais, para os quais olharia apático, sem nada entender!

No entanto, demanda considerar que se ministrássemos determinados conhecimentos a um cientista do vosso mundo, na certeza, ficaria apto a introduzir modificações benéficas na vida dos povos da Terra, porém, a obstância está na própria índole humana em cuja mente predomina a ambição, periclitando os beneficiados ante a possibilidade de se deixarem embair por pretenso orgulho no atendimento de interesses pessoais, a fim de procurarem o domínio dos demais povos! E, aduzindo, acrescentou:

— É lei natural que a evolução científica seja correlata ao aprimoramento evolutivo do espírito! A dissonância desta Lei tem trazido eternas guerras fratricidas a vossa humanidade, criando a luta pela sobrevivência, na instituição de uma centena de outros, problemas insolúveis que acarretam ao nosso homótipo acerbas aflições e sofrimentos!

Enquanto, na dissertação de tão profundos ensinamentos, se fazia um hiato, olhei para o meu cálice e vi que não havia sido retido resíduo algum.

Ao tomarmos qualquer líquido, seja leite, café, vinho ou cerveja, sempre ficam resíduos nas paredes ou no fundo do copo, xícara ou vasilha equivalente. Lá, isso não acontecia. O líquido vitaminoso servido não aderiu ao cálice, não deixando sinais ou manchas; lembrava uma bola de estanho derretido, que escorre sem deixar vestígios!

Foi, daí, que percebi a razão pela qual me deram apenas, um cálice para utilizar-me de tantos alimentos! O líquido escorria sem contato, sem deixar restos, ou reter o sabor e cheiro.

Dispensam a lavagem com água, pois mantendo-se os recipientes limpos, ficam aptos a serem, de novo, utilizados. Não obstante, ser água 100% útil para nós, ela não tem finalidades para aquele povo. Diverge a constituição do orbe, composto inteiramente de terra e não formado como o nosso, onde a predominância da água é da ordem de 75%!

A esta altura, o Doutor que se transformara em meu hospedeiro, solicitou à sra. Vanaá mais um cálice e pondo-o ao meu lado, apontou para outro recipiente.

— Este é trigo liquefeito, ou seja, pão em vitaminas. Sei que vocês apreciam muito esse alimento. Nós costumamos misturá-lo com qualquer outra substância. Veja o cálice, contem, as mesmas proteínas da carne misturada com pão!

Realmente, aquela mistura era de cor diferente da do meu cálice e fiz o mesmo. Passei, pois, a ingerir carne com pão e achei deliciosa a mistura, como se fora um prato preparado por autêntico mestre-coza!

O dr. Jânsle indicou outros recipientes e foi mencionando: isto é ovo; este é couve-flor; aquele é arroz. O da minha esquerda é o alimento base do nosso Planeta extraído de uma fruta que contem vitaminas inexistentes na Terra, Experimente e veja quanto é saboroso!

Provei, então, daquela vitamina extra especial e achei saborosa.

Estava, já, bem alimentado e, no entanto, não tinha o estômago cheio, sentindo-me capaz de comer muito mais. A ingestão daquelas insignificantes gramas de alimento, não me dava impressão de haver participado de um lauto banquete, mas, realmente, era o que acontecia!

Lembrando-me de palestras anteriores, indaguei dos motivos pelos quais existe o revezamento no trabalho, ao que o meu hospedeiro, explicou.

— Não podemos considerar cidadão completo aquele que não tiver conhecimento das muitas realizações em todos os setores da nossa vida. Ademais, o nosso objetivo é o de favorecer e ajudar desinteressadamente o nosso semelhante. Somente esta prática, aliada à bondade, fará perdurar e incrementar a paz e o progresso da nossa humanidade, trazendo-nos o fortalecimento do amor pela ação do desinteresse!

— Pelos conceitos que me revelou, chego à conclusão: nunca a minha gente poderá chegar até aqui por seus próprios meios?

— Nunca, é uma afirmativa inaceitável. Mas, daqui a muitos e muitos anos, vocês o farão. Por enquanto, sequer descobriram o material próprio, assaz resistente, incapaz de ser desintegrado pela

atmosfera, bem como as leis concernentes à libertação da energia gravitacional!

— Mas, existe no meu Planeta esse material?

— Perfeitamente, mas buscam-no em polo oposto! Persistem em pesquisar material duro, de alta resistência, quando deveriam buscá-lo dentre os materiais flexíveis e dúctis extremo! Demandaria, também, se aplicassem ao estudo de forças magnéticas e das leis que regem o magnetismo. O suficiente conhecimento destas leis lhes abriria vasto campo para a solução de obstáculos que lhes oferece o átomo, a eletricidade e, ainda, outros fenômenos físicos não bem definidos. Sendo a energia magnética força universal, entrosada em todos os elementos da vida, como podem sair do terreno das dificuldades, transpôr sérios empecilhos que se derivam dessa mesma força? Sequer definem a eletricidade e muito menos o magnetismo que são forças interdependentes! É óbvio que a sua humanidade se limita a concepcionar no vácuo e nele procura erguer consistentes bases. Daí, as prementes dificuldades, os inúmeros óbices e anos de pesquisas infrutíferas que redundam em constante fracasso. É, em suma, a resenha do que lhes têm sucedido!

— Então, o material do disco é flexível?

— Quando o apanhamos em seu mundo, qual era a forma do nosso volitor, retrucou-me o dr. Jânsle?

— Era, mais ou menos, do formato de uma guarita!

— Isso explica que, quando pousado, tem uma forma e viajando em alta velocidade adquire o aparelho o formato de um disco achatado, aliás, visto e constatado por milhares de seus concidadãos!

— E, que material é esse, doutor?

— Trata-se de um material que difere em muito dos quantos são utilizados pelos terrícolas, entrando em sua composição um único elemento já conhecido, denominado: fósforo!

— Mas, o fósforo é um inflamável, acrescentei.

— Meu amigo, os volitores são acionados por energia adquirida do cosmos em combinação com elementos do próprio material em sua contextura, aliada a princípios ignotos de vossa ciência! Está satisfeito com a explicação?

— Estou satisfeitíssimo, declarei. Peço desculpar a minha intensa curiosidade, mas sei que não mereço tanta consideração em receber pormenores sobre o funcionamento e composição dos discos-voadores. Afirmei com desusado ênfase!

— Gostaria imenso lhe explicar tudo pormenorizadamente, contudo, não me é permitido. Permita-me lembrar ao Amigo que está recebendo alta deferência em ser trazido até aqui e nós como os terrícolas, possuímos, também, os nossos mandamentos que não nos é dado transgredir. Em todo o caso, vou-lhe adiantar algo sobre o assunto.

E, começou a dissertar sobre o assunto, cuja reprodução procuro fazer dentro das minhas possibilidades.

O material flexível utilizado em nossos volitores é altamente poroso. O volitor quando parado, os seus poros se fecham e ele adquire uma conformação que se altera em vertiginosa velocidade. Neste segundo estado, dilatam-se os poros para receber energia auxiliar! O volitor é formado por uma capa porosa e flexível que gira sobre si mesma e vai se achatando

quanto maior for a sua rotação!

A energia auxiliar exterior se regulamenta pelo diâmetro dos poros, e maior será o impulso do volitor quanto mais for a energia recebida. É evidente que essa dilatação tem limite, a fim de não se processar o seu esfacelamento!

O disco não possui motor e tudo nele transcorre silenciosamente. Dentro do seu bojo, onde viajamos comodamente, controlamos com singelo maquinismo não só a direção desejada, como a respetiva velocidade.

— Então, os eixos entre o bojo e a capa devem ser potentes?

— Engano seu! Não existem eixos e tudo gira dentro dos princípios magnéticos dos mundos que, não possuindo eixos, estão sempre girando no espaço. É um plágio da engenharia sideral, uma espécie de miniatura dessa suprema maravilha que rege os sistemas celestes!

— Desta vez, dou-me por satisfeito. Estou contentíssimo pela sua paciência e amabilidade. Muito obrigado!

Disse estas palavras, pressionado por verdadeira emoção!

Estávamos findando o almoço, quando o meu ilustre Amigo mostrou-me outros recipientes, afirmando: isto é cevada; este é vinho e os outros dois são bebidas que não existem lá na Terra.

Passei a experimentar as bebidas e, francamente, não apreciei o seu paladar. Tinham um acentuado e indefinível gosto de doce aguado que não sei explicar. Uma delas era forte como fernet, porém de sabor diferente; o vinho não possuía o paladar dos

nossos e talvez deva-se, isso, ao fato de não conterem a mínima dose de álcool.

Apesar de entretido na palestra notava os demais membros da família a me observar com singular curiosidade, analisando-me, talvez, dentro de suas concepções íntimas. Para eles não passava despercebido o menor gesto meu ou as minhas mínimas expressões, pois maneavam, constantemente, a cabeça em sentido aprovatório!

Pedindo permissão, levantou-se o dr. Jânsle para buscar na prateleira quatro recipientes, trazendo dois de cada vez, colocando-os sobre a mesa e, dirigindo-se a mim, disse.

— Você vai provar nossas sobremesas, feitas com néctar das frutas. Tenho a certeza de que vai apreciá-las.

Tomando um daqueles recipientes, gentilmente ofertei ao dr. Jânsle, que aceitou. A seguir, enchi o meu cálice e provei. Espantosamente, senti o sabor de um delicioso mamão; assim, como laranja, abacaxi e abacate!

— Estou satisfeitíssimo e, com certeza, por três dias não precisarei tomar qualquer outro alimento!

Fiz esta afirmativa ante a insistência com que me ofertavam, convidando-me a repetir a sobremesa.

Outra vez, levantou-se o dr. Jânsle e, diretamente me ofertou outro cálice contendo um líquido escuro, dizendo:

— Quero que você tome isto!

— Doutor, desculpe-me, mas estou satisfeito e permita-me não aceitar mais nada. Retruquei, como moderação.

Voltou a insistir, instando-me a tomar aquele

líquido, e ante o seu pedido, para não me mostrar descortês, agradei, aceitando.

Qual não foi, porém, a minha surpresa ao sentir na boca o nosso gostosíssimo e insubstituível cafezinho. Tão admirado fiquei, não me contendo exclamar,

— Quanta gentileza, doutor!

— Sei que vocês não dispensam o cafezinho após as refeições e de outra forma o seu almoço não ficaria completo. Nós não costumamos tomar café, mas usamos uma outra fruta que o substitui com real vantagem em substâncias vitamínicas. O café que está saboreando é um composto químico, especialmente preparado para lhe causar esta agradável surpresa!

Assim se expressando, estendeu-me a mão e, efusivamente a apertei num gesto de sincera gratidão, ao que ele aduziu.

— Percebo a sinceridade do seu agradecimento e nos sensibilizamos mais em guardar a recordação de um afetivo aperto de mão, que um saco abarrotado de riquezas!

Enumerando aos familiares do dr. Jânsle todos os meus mais afáveis agradecimentos pelo trato lhan e tão gentil hospedagem, despedi-me comovido.

Ao sairmos seguido pelos presentes, não deixei de elogiar o lauto almoço, até o instante em que o dr. Jânsle se despedia de seus pais, esposa e filhos.

Caminhávamos na ampla calçada daquela residência em direção ao volitor estacionado e, apesar de haver comido como um gastrônomo não sentia o menor peso no estômago!

Agora, no meu íntimo, outra interrogação se agigantava: “Como podem conhecer tantas

particularidades ao nosso respeito? Procedem como se tivessem convivido conosco!...”

CAPÍTULO X - NO CAMPO DE PEDAGOGIA

Vou levá-lo a visitar nossas escolas, onde se ministram as primeiras lições, falou-me o incansável companheiro.

Tomamos o volitor e, após, uma longa travessia em cujo percurso nada me foi dado observar, visto o volitor se transladar em alta velocidade, chegamos a outra parte daquela imensa metrópole — creio que do lado oposto às instalações hospitalares e descemos.

Durante esse tempo permaneci pensativo e cheguei a morder a mão para me assegurar se, de fato, eu estava vivo ou se era vítima de um sonho muito nítido. Cheguei mesmo a pensar: “será que eu morri e disto não estou certo!”, tal era o desenrolar dos imprevistos acontecimentos que vinha de presenciar! Estive, na verdade, a ponto de duvidar de mim mesmo e, assim, por várias vezes me examinava e mordia o próprio dedo para me certificar da realidade!

No entanto, sentia-me vivo, pleno de saúde e bem alimentado pelo opíparo almoço que acabava de me ser ofertado em casa do dr. Jânsle, em companhia de seus familiares.

— O que tanto o impressionou que o levou a ficar pensativo? Transmitiu-me o dr. Jânsle, após me haver fitado demoradamente!

Sacudido, de súbito, por esta indagação, procurei me reajustar, por perceber que ele havia perscrutado o meu pensamento! Assim, resolvi me desabafar.

— Deveras, estou cismado por não atinar a razão pela qual conhecem tantas minudências a respeito da nossa vida íntima no planeta Terra. Pois, o senhor

chegou a me ofertar um delicioso café!?

— Primeiramente, evite me chamar de senhor; trate-me por irmão, disse o médico.

Depois, para desanuviar a inquietação que me assediava a mente, principiou a tecer algumas considerações cujo teor procurei reproduzir.

Meu irmão, disse ele, possuímos uma aparelhagem assaz eficiente, de captação sensível, que nos permite ver, ouvir e observar amplamente o sistema de vida dos terrícolas. Você ignora a nossa possibilidade de conhecer e interpretar até as formas pensamentos emitidas pelo nosso homótipo!

Pode crer, de longa data, efetuamos excursões ao seu Planeta, onde colhemos material abundante para estudos quer no reino mineral, vegetal ou animal. Costumamos aportar demoradamente na Terra e devido, lá, fazemos estudos complementares que se estendem aos animais de grande porte!

Procedemos a pormenorizados estudos dos acidentes geográficos do globo terrestre, inclusive de sua constituição oceanográfica, ocupando-nos, também, da sua vastíssima fauna e flora. Analisamos a composição da sua atmosfera em variadas altitudes e a densidade das variadas camadas que cercam o vosso orbe. Enfim, dentro das nossas possibilidades, esquadrihamos toda a cosmografia terrena nos seus mais variados setores!

Ademais, mantemos instalados sobre o vosso globo, de maneira direcional, verdadeiras estações transitórias dotadas de aparelhagem conveniente, que nos permite captar as imagens e projetá-las em nossos salões de estudos, onde equipes especializadas se encarregam de acompanhar, *pari passu*, todas as

atividades científicas dos seus países mais adiantados!

Não tenha dúvidas meu Amigo, que as nossas possibilidades de conhecer e saber o que passa no vosso mundo são vastíssimas! Assim, alongamos as nossas observações aos hábitos, forma de vida, conceitos e preconceitos da humanidade que o habita, pois, chegamos a sintetizar as raças e os povos nos seus demarcantes usos e costumes!

Dentro do palpitante assunto classificado de “modernismo”, assevero-lhe que temos obtido, continuamente, publicações, revistas, jornais e livros de toda a natureza, procedentes das mais variadas regiões do vosso globo. Isso acontece, às vezes, em circunstâncias fortuitas, outras porque procuramos tirar partido da condição momentânea de incidentes ou fatos acidentais, que nos permitem aproveitar o ensejo!

É evidente que evitamos ocasionar prejuízos a quem quer que seja, sendo o nosso único objetivo o bem comum futuro!

Podemos, a qualquer momento, captar suas transmissões radiofônicas, inclusive as projeções que televisionam em todo o orbe e, prazerosamente, muita vez nos divertimos em assistir os seus jogos esportivos, comícios políticos, exposições de vária natureza, festas comemorativas suas competições aquáticas, automobilísticas e outras, lá, realizadas!

De determinados acidentes casuais da vida humana procuramos tirar proveitosos ensinamentos para o nosso povo, evidenciando-lhes os erros e suas naturais consequências. Como decorrência dos fatos sucedidos, extraímos, na análise, o útil e aproveitável, sintetizando o que de ruim se deve excluir!

Essas magníficas ilações têm o precípuo e

salutar fito de robustecer a nossa fé, tornando-nos mais gratos ao CRIADOR, por nos vermos colocados em um mundo pacífico, pleno de quietude e amor, quando há outras criaturas postas em um mundo maravilhoso, pleno de encantamentos, e, apesar de esclarecidas o aviltam — *modus faciendi* — com suas próprias ações, na difusão da maldade e no olvido de que, lá, se encontram temporariamente!

Sem a devida gratidão para com DEUS, os homens violentam a sua SUPREMA BONDADE, que os assiste na Sua eterna benemerência em todos os instantes da vida, para se tornarem vaidosos, atrabiliários e opulentos, quando constituídos em sociedade, estado ou nação!

— Mas, isto é, verdadeiramente, assombroso, Foi a minha exclamação.

E, nesse mesmo diapasão, continuou o meu interlocutor a expender suas considerações, que se resumem desta forma.

A Terra, não se encontrando nas condições dos mundos subdesenvolvidos, mas no estágio de mundo esclarecido, onde seus componentes já distinguem, claramente, o bem e o mal, equipara-se a um perigoso delinquente que, cômico, infringe as leis e como tal precisa ser, permanentemente, vigiado para não constituir possível perigo.

Em síntese, as atividades de seus moradores alimentam uma caldeira em ebulição, onde as paixões se fermentam na ânsia da riqueza, do domínio e de outras tendências inferiores, ao ponto de não pouparem, sequer, os próprios semelhantes para a integral satisfação de seus apetites! Utilizam-se de descobertas científicas para engendrar a destruição e

sabemos não titubearão provocar maiores males na fúria insana de se sobrepujarem, afetando, assim, a economia de outros planetas que lhe são vizinhos

Fez uma prolongada pausa e finalizou.

— Eis, porque conhecemos um pouco da vossa vida intestinal! E, aduziu: Esqueçamos isto, não se apoquente. Caro irmão, vamos à nossa visita, visto seu tempo estar se tornando escasso!

Isto posto, colocou-se bem à minha frente e pondo as mãos sobre os meus ombros, ordenou-me que movimentasse os olhos, ora para baixo, ora para cima, de um lado para outro e vice-versa. Por uns minutos submeteu-me a um exame e tomou o meu pulso. Longos instantes ficou me auscultando e, depois disse:

— Você está resistindo satisfatoriamente!

Encantado com as magníficas preleções do dr. Jânsle e estupefato com, tudo que me rodeava, interessava-me, de imediato, conhecer mais esse estranho mundo, pouca importância atribuindo ao meu estado de saúde. Sentia-me bem e não punha em dúvida o meu excelente estado físico, ao par de uma ótima disposição!

Findo esse perfunctório exame, o dr. Jânsle passou a esclarecer.

— Estamos na zona leste da cidade, no fim das avenidas por onde trafegam os volitores e nesta área se localizam os campos de culto, as escolas e os esportes.

A medida que íamos andando, passou a referir-se aos campos de culto onde se pratica a religião, a quem tem por base três pontos fundamentais:

- 1) — Profundo respeito a Deus e à sua Criação!
- 2) — Prática efetiva e contínua dos seus

ensinamentos!

3) — Estudos no sentido de ampliar os conhecimentos relativos ao Universo!

E, alongando suas considerações, finalizou com o seguinte conceito:

— Quanto maior é o nosso conhecimento sobre o Universo, tanto mais percebemos e sentimos a Bondade, a Grandeza e o Poder infinitos de Deus!

Nos campos de culto há cerca de uns 40 grandes abrigos de tipo standard, isto é, arredondados, sem paredes laterais, cujos telhados em forma convexa — voltados para cima — são sustentados por colunas dispostas em simetria.

Os abrigos comportam centenas de banquetas, tipo meia lua e, num plano mais elevado, salientam-se oito banquetas maiores dispostas em linha reta, onde se acomodam os mestres ou sacerdotes. Enquanto sobre a mesa redonda via-se um dos já conhecidos fone-visão, concluí que a disposição das instalações permitia a administração dos ensinamentos simultaneamente, pois os mestres ficam sentados de costas — 8 para um lado e 8 para outro lado — tendo à frente grupos de seus alunos.

No perímetro daquela mesma área, mas fora desses abrigos, em grande extensão via-se outros agrupamentos sucessivos de oito banquetas e respetivas mesas de idêntica configuração.

Transitando por entre aquelas belíssimas instalações, testifiquei a diversidade e, comparativamente ao que possuímos, não nos sobram razões de ufania.

Logo, demos entrada no campo de pedagogia, isto é, no local onde se situam as escolas.

Contra as minhas expectativas, pareceu-me uma sucessão de continuidade, ou uma reprodução do que havia observado nos campos de culto, não deixando, entretanto, de ser interessante! Quase as mesmas acomodações, uma infinidade de mesinhas, cada uma com oito banquetas e num plano mais elevado, sentam-se os professores em igual número.

— Mas, isto são as salas de aula? Perguntei, tanto desapontado ao meu cicerone!

— Exatamente. O ensino, aqui, é ministrado só um método que poderíamos denominar de “em série conjunta”, porque a matéria a ser objetivada é dividida em oito partes definidas, devendo, cada uma destas, ser focalizada por um professor.

Discorrendo quanto ao ensino “em série conjunta”, passou aos detalhes. Tomemos, por exemplo, simples copo. Assim, caberia ao primeiro professor explicar o seu formato, suas dimensões convenientes, tem como analisar os detalhes de suas variadas formas, procedendo sua comparação com outros recipientes congêneres; ao segundo, competiria falar de suas cores, seus matizes, possíveis variações e transformações, bem como ressaltar as influências por elas exercidas; ao terceiro mestre, discorrer quanto a origem e a história, reportando-se à data de sua invenção, nome do inventor e dados correlatos; ao quarto, dissertar quanto à composição da matéria, das vantagens de aplicação deste ou daquele material segundo aos fins a que o copo se destinasse, ao quinto professor, abordar a sua utilidade, o seu uso através dos tempos, ampliando determinados princípios básicos ao sexto, explanar a biografia do seu inventor, entrosando-a com os ensinamentos de outros mestres;

ao penúltimo, caberia definir e analisar a matéria na sua composição molecular e, finalmente, ao último procurar tornar compreensível a dosagem química dos seus elementos!

Desta maneira, os alunos não se recordando da data ou do nome do inventor, bastaria lembrar o quinto professor; se desejasse algo quanto à composição química do copo, valer-se-ia do terceiro; em caso de dúvida quanto à influência dos matizes, socorrer-se-ia do segundo mestre, assim, sucessivamente!

Análogo sistema é cumprido na administração das demais disciplinas, pois não usam cadernos, lápis, livros e outros pertences tão comuns às vossas escolas.

Os ensinamentos se processam e se propagam diretamente — de cérebro a cérebro — visto os alunos serem dotados de prodigiosa memória, aliada a um elevadíssimo índice de compreensão. A memorização deles é tão acentuada que, sem exceção, possuem a faculdade de se recordar de minudências dos primórdios de suas infâncias!

Estava assimilando a sua palestra, porém absorto na conclusão de pormenores antes observados, desde a minha chegada ao desconhecido Mundo. Portanto, nesse instante, meu pensamento se encontrava alheio à visita que fazia àquelas dependências e, tão logo se me ofereceu ensejo, inquiri:

— Por que o material aplicado em certos volitores e em determinadas construções não é totalmente transparente, como acontece em casos análogos?

— Para nós, o material em uso é sempre transparente, ainda que não o seja para você! O

material que o Amigo julga ser semitransparente ou translúcido não permitindo, como em outros casos, ver o seu interior, é diáfano à nossa vista como os vidros comuns de vossas janelas. Isto deve-se ao poder de penetração de nossa vista, oito vezes mais forte e, em determinadas condições, o seu alcance é, ainda, maior. Daí, o ofuscado ou embaçado à sua visão é permeável à nossa vista que o interpenetra, facilmente!

Ter plena confiança em nossas vistas, ou em nossos sentidos, é o mesmo que andar por caminhos nublados entre despenhadeiros.

— Então, pelo que vejo estamos em condição muito inferior?

— Em absoluto! Os terrícolas não se encontram tão inferiorizados quanto lhe possa parecer, mas atravessam um estado de vida inteiramente ajustado aos conhecimentos obtidos dentro do grau evolutivo que atingiram. De maneira geral, ele reflete o apuro dos sensitivos de determinados órgãos físicos! Estabeleça, para seu entendimento, um paralelo entre as crianças nascidas há 50 anos atrás e as recém-nascidas, de agora. Medeia sensível diferença caracterizada de maneira insofismável, que não comporta contestação! Já nascem dotadas de cabelos, com olhos abertos e, precocemente falam e se movimentam. Logo, tudo está perfeitamente certo, enquadrado no plano evolutivo da sua humanidade.

Mas, o que é preciso fazer para melhorar a vida em nosso Planeta?

— Melhorar a vida... Repetiu o dr. Jânsle, com certo espanto. Não, meu amigo! A vida é a mais bela e deliciosa expressão de toda a Natureza que Deus implantou no Universo. O essencial não é melhorar a

vida, mas reformar o homem. Impõe-se a reforma íntima do ser humano. A vossa humanidade desfruta a vida num Planeta considerado, em relação a outros, um paraíso, porém os homens deturpam as suas delícias e o transformam num verdadeiro inferno!

Assim se expressando, prosseguiu:... torna-se imperioso ponderar que o Supremo Criador, ao dadivar Suas bênçãos ao planeta Terra, conferiu-lhes esplendores e maravilhas, as quais o homem-terra não aproveita ou sequer agradece. Nos sentimos entristecidos por ver, afinal de contas, o habitante terreno, já, em certo grau de evolução e entendimento não ser capaz de considerar bem essas oferendas divinas e sair do emaranhado confuso criado por ele próprio!

Não padece dúvida, existir na Terra muitos e muitos homens imbuídos de boa vontade e de orientação esclarecida, mas, infelizmente se constituem em minoria. É mister principiar a trilhar o estreito caminho do Bem: para atingir a larga estrada do Amor. No entanto, tudo indica que, somente, após o término da evolução do ciclo, com profundas alterações telúricas, lhes acarretando acerbos sofrimentos, conseguirão sair do caos e implantar nos seus corações a suprema Lei, do: Amai-vos uns aos outros!...

Creio ser esta a linha de conduta e orientação que os libertará, então, a presente memória se converterá, com o advento do terceiro milênio, em maioria.

— Mas, o Doutor mencionou outros planetas que não são “paraísos”?

— Realmente. No concerto do Universo há

mundos rudimentares, onde seus habitantes com vislumbres fisionômicos de “homem”, alimentam-se engolindo, ávidamente, os vegetais crus, raízes e cascas. Nem certos de vossos animais se alimentam dessa forma! A água utilizável provém de imundas poças e devido ao calor reinante se transformam em focos pestilentos que os dizima impiedosamente. Suas vestimentas consiste numa espessa camada de pelos longos e rústicos. Gigantescos e horripilantes animais se entredevoram e invadem os agrupamentos humanos que, sequer, têm noção do uso de uma simples lança de pedra para a própria defesa. Vivem no alto de penhascos para se porem a salvo dos ataques de animais, em estado de verdadeira incompreensão. Num incrível primitivismo, disputam ávidamente as locas, e o aparecimento nos céus de um mero papagaio lhes causaria terrível pânico! Pondo, agora mais firmeza no olhar, acrescentou: No seu mundo, isso não acontece, não é verdade?

— Indiscutivelmente, não. O Doutor tem toda razão... A Terra é um verdadeiro paraíso!

Já tinha percorrido todo o campo de instalações, quando ansioso por mais pormenores, interoguei indiscretamente.

— Não existiria possibilidade de se ir a esse orbe, que o Doutor mencionou, para ensinar-lhes muita coisa útil, facilitando-lhes a vida?

— Entrevejo nisso a expressão dos seus sentimentos de generosidade e reconhecimento que seria uma ação, altamente, humanitária. Contudo, se tentássemos não seríamos compreendidos. Na certeza, procurariam nos despedaçar a unhas e dentes, forçando-nos a uma reação incompatível com o nosso

grau evolutivo!

Com a sua proverbial atenção, sempre pronto a aclarar suas respostas, o dr. Jânsle passou a tecer mais as seguintes considerações.

Confronte o Amigo, o sucedido no planeta Terra, onde JESUS — o Filho de Deus, meigo e amoroso, durante toda a sua estadia entre os homens regou-os com o bem, frutificou-os com o seu santo amor, profligou as conceituações da época convidando-os a se unirem sob a égide do PAI AMANTÍSSIMO, atestando suas palavras com soberbos milagres e ingentes maravilhas por todos contemplados — foi perseguido, injuriado e crucificado. Não obstante, é forçoso considerar que, há milênios, vinha a Terra passando por um processo evolutivo e, naquela época, já existiam os “doutores” credenciados a interpretar a CIÊNCIA DIVINA! '

Pergunto-lhe, agora: pode-se obter ou esperar êxito junto a um povo que sequer sentiu os lampejos da escrita, que está engastado ao primarismo do entendimento e jungido à feroz luta pela sobrevivência? Se procurássemos esta aventura seríamos trucidados, sem o direito de apelar para o poder de defesa, pois o nosso discernimento anteviu, com segurança, a possibilidade do acontecimento. Eis, o sucedido ao SUBLIME ENVIADO!!!

Portanto, falece-nos autoridade para agir segundo os ditames de seu generoso coração. Assim, a eles compete seguir a evolução natural através dos seus próprios recursos, seja físico, moral ou espiritual, porque está escrito: A cada um, segundo suas obras!...

Trocados mais uns passos, nos abeiramos de um dos aparelhos repositórios dos fone-visão. Nele

acionou, o dr. Jânsle, um; botão e não tardou que um
volitor, atendendo ao chamado, pousasse
silenciosamente numa plataforma próxima.

CAPÍTULO XI - O ESTÁDIO

Depois da longa, proveitosa quão instrutiva palestra, dirigimo-nos para o volitor estacionado, quando me fez o doutor Jânsle a seguinte proposição:

— O Amigo prefere visitar a zona agrícola ou assistir a uma competição esportiva que, neste momento, está se realizando em sua homenagem?

— Em minha homenagem... Quem sou eu para receber tamanha prova de consideração!? Foi o que exclamei surpreso e, logo acrescentei: Devemos comparecer à competição e deixar para mais tarde a visita à zona agrícola.

Ao tomar esta resolução, recordei-me dos nossos homens proeminentes — mormente os chefes de Estado —, quando homenageados deixam de comparecer às reuniões programadas, decepcionando os promotores da recepção. Com essa atitude provocam desilusões aos participantes que, muitas das vezes, sacrificam seus interesses para apoiarem essas festividades com a sua presença, contribuindo para seu maior brilhantismo.

É coisa corriqueira entre nós essa forma de proceder, que constitui quebra de compromisso assumido, com visível prejuízo ao patrimônio público e particular. Mirando-me nesse espelho, tomei imediata resolução de ir, assistir à competição esportiva.

Isto posto, ascendemos para o volitor e este, imediatamente, se movimentou para a outra banda da área que nos encontrávamos.

Alguns minutos depois, divisei uma construção salientando-se pelo seu grandioso porte e, vista do alto, era gigantesca, volumosa, sendo circular o seu

contorno!

Ela comportava em seu interior uma enorme multidão, lotando suas dependências para presenciar a competição, já iniciada. Lembrei-me, no momento, do Maracanã, praça de esportes onde, no Rio de Janeiro, se efetuam célebres partidas de futebol e outras competições esportivas.

Contornamos em parte o estádio e descemos vagarosamente sobre um vastíssimo pátio onde se achavam pousados umas centenas de volitores de diversos tipos. Após lenta aterrissagem, encaminhamos-nos em direção às portas de entrada.

Ingressamos sob aquela imensa cobertura redonda, erguida majestosa à considerável altura, isenta de colunas, vigas ou escoras e que inexplicavelmente, sustinha as amplas arquibancadas! Suas paredes emanavam de uma sólida base redondo-inteira, circunscriviam todo o estádio, iniciando-se rente ao chão junto às demarcatórias do campo interno. Elas eram transparentes, de molde a permitir, da parte externa, se pudessem localizar os lugares vazios nas arquibancadas. Sua elevação atingia, aproximadamente, uns 60 metros até o máximo de sua altura.

Não vi guichês, nem portões de ingresso para o picote de entradas; era livre o ingresso!

Igualava-se aquele estádio ao aspecto de um imenso chapéu chinês colocado de boca para o alto, tendo, ao centro, um magnífico campo de esportes.

Sua colossal base possuía uns 6 metros de altura e o seu piso, levemente ascendente, permitia o acesso por inúmeras portas, verdadeiras bocas de forno. Essas portas eram de considerável espessura e as paredes do

estádio como se fossem enormes pranchas de vidro, impecavelmente ligadas, com, a grossura de uns 80 centímetros!

Percorrido aquele monumental saguão, eu e o meu companheiro demos entrada no recinto do estádio, propriamente dito.

Logo paramos na larga faixa demarcatória que circundava o campo, lançando a vista para aquelas soberbas instalações, numa voraz apreciação de sua esplendorosa disposição e conjunto,

Não vi degraus para se atingir a arquibancada e o piso se erguia pronunciadamente côncavo até o mais alto ponto. Espécie de corredores se intervalavam por toda a sua estrutura, tanto em sentido vertical com horizontal, permitiam às pessoas chegar aos lugares pretendidos.

Entrevisava em todo o conjunto da arquibancada, geometricamente dispostas e cavadas no próprio material transparente do piso, formas distintas talhadas com esmero. Tratava-se de moldes anatômicos do corpo humano que faziam sobressair os quadris, o formato das coxas, da barriga das pernas e até calcanhares, ofertando excelente comodidade!

Essas formas anatômicas se amoldavam com justeza às saliências do corpo, estavam inteligentemente dispostas em toda vasta arquibancada do estádio. Intervaladas pelos aludidos corredores, sua configuração era de tal ordem que permitia aos seus ocupantes estirar as pernas, ora cobrindo as cavidades anatômicas correspondentes, ora consentindo mantê-las encolhidas em posição lateral!

Por vários minutos estive apreciando aquele

povo, comodamente instalado nas poltronas anatômicas, prazerosamente assistindo ao torneio que se desenrolava em rápidas jogadas. Suas silenciosas risadas bem demonstravam o real interesse pelos lances mais sensacionais da partida!

Era de se ver a facilidade daquela gente se locomovendo por entre os corredores lisos, acentuadamente elevados, dando-me impressão exata de que seus pés aderiam ao material do piso inclinado, ajustando-se perfeitamente!

Ao ser convidado para subir, apesar do meu sapato de borracha, escorreguei diversas vezes, o que levou o meu inseparável cicerone a me amparar com suas robustas mãos. Assim, depois de cuidadosa ascensão, refestelei-me numa daquelas cômodas poltronas, passando a divisar amplamente o campo e todo ambiente.

As dimensões do campo deviam corresponder às dos nossos maiores gramados oficiais de futebol, medindo, possivelmente, uns 100 x 50 metros, tendo as linhas divisórias de fundo em formato circular.

Erguia-se, do lado externo do campo, um arco de ampla abertura que se projetava, exatamente, como linha divisória central e provinha de umas colunas de uns cinco metros de altura, contrapostas nas linhas laterais.

No meio do referido arco — que é o centro do campo —, surgiam dependurados, à guisa de minúsculas lanterninhas japonesas, três aparelhos do tamanho de uma grande lâmpada, de notável alvura, que espargiam luzes em forma espiral. Assim, também, nas linhas de fundo e atrás da meia lua, havia um poste de uns quatro metros de altura sustentando outro

aparelho muito semelhante aos do centro do campo, mas provido de um tubo em espiral, como se nele fosse artisticamente enrolado.

Espalhados por todo o campo, via-se em linhas já retas e paralelas, equidistantemente dispostos na distância de uns 90 centímetros, círculos de um diâmetro pouco maior que os nossos discos de vitrola. Tais círculos ocupavam toda extensão, sendo que, na meia lua das extremidades e sob o poste, eles eram de dimensões muito maiores.

Tudo aquilo se me afigurava obra arquitetônica oriunda de inteligências superiores, elaborada sob um conjunto de linhas irrepreensíveis, numa disposição agradável a harmoniosas dimensões. Uma única peça ou um só detalhe aberravam da distribuição ordenada do todo que constituía aquele magnífico e grandioso estádio!

Iniciou o dr. Jânsle uma pormenorizada explicação da disputa esportiva e, entre outras coisas, relatou-me o que reproduzo, a seguir.

O jogo é realizado entre duas equipes compostas de 23 elementos cada uma, distribuídas em 12 atacantes e 11 defensores. Cada jogador traz, na perna direita, uma braçadeira de uns quatro dedos de largura, espécie de tornozeleira que servia para distingui-lo. Assim, os pertencentes a um quadro usam a de cor azul, enquanto os adversários trazem a de cor amarela.

O jogo consiste na movimentação rápida e constante dos jogadores sobre os círculos dispostos por todo o campo, cabendo aos defensores impedir os atacantes, que vêm pulando de círculo em círculo, de atingir a sua meta. É óbvio, ser lícito utilizar, somente,

os círculos vagos, sendo considerado falta pisar em qualquer outro, já ocupado.

O início de jogo se processa com a distribuição em uma ala — isto é, a metade do campo — e de 12 atacantes do quadro A, contra 11 defensores do quadro B. No outro meio campo se postam os 12 atacantes do quadro B, contra 11 defensores do quadro A.

A disposição inicial é delimitada por um setor no campo de luta, dentro do qual os jogadores do quadro que vai iniciar a peleja se colocam, atendendo, é claro, às combinações prévias. Cabe, portanto, ao quadro, adversário dispor seus elementos em contraposição, de forma a oferecer maior chance de defesa. Ainda que essa posição se faça vis-à-vis, sempre restará um círculo vago tanto para o quadro A, como para o quadro B, visto os defensores serem em menor número. À técnica defensiva de qualquer dos quadros interdepende da utilizada pelo seu ataque.

É indispensável para a conquista de um tento o jogador saltar de círculo em círculo, esquivando-se dos adversários até atingir a meta localizada na meia lua final. Quanto a técnica dos contrários, esta consiste em ocupar com presteza e antecipação dos possíveis círculos vagos que impeçam o acesso do jogador adversário à sua meta!

Para o jogador progredir e ultrapassar a defesa adversária é preciso pisar, exatamente, dentro dos círculos, não sendo permitido alcançá-los de maneira a tocar na sua borda, pois, nesse instante, provocará a assinalação de uma falta.

O método de constatação de faltas é perfeito; não pode haver burla! Os juízes humanos são substituídos por aparelhos de alta sensibilidade que

acusam, sem perigo de engano o infrator!

Praticada a falta produz-se repentino clarão idêntico à cor da tornozadeira do jogador faltoso e o espectador, mesmo distraído, tomava conhecimento da falta por parte do quadro cuja cor cintilou. Ao mesmo tempo, um jacto indicativo de luz se projetava do círculo onde foi praticada a falta à tornozadeira do elemento faltoso, pondo-o em evidência ao público e, no centro de campo, acendia-se um dos aparelhos — focos brancos — existentes no meio do arco.

Desta forma, o acender de luzes — amarela ou azul — era um aviso geral dado pelo cintilar do clarão e confirmado no centro do campo por um dos projetores correspondentes. Simultaneamente o infrator é indicado ao público pelos jatos luminosos projetados, diretamente, do círculo à sua tornozadeira!

No meu modesto entender, aquela praça de esportes era dotada de aperfeiçoados aparelhos do gênero eletrônico, numa vantajosa e modelar substituição do juiz, pela perfeita assinalação das faltas e rapidez na autorização de novas jogadas!

Quem nos dera obter tanta precisão nas arbitragens de nossas partidas de futebol! Com certeza, evitaríamos as tropelias, discussões, rixas e até a costumeira intervenção policial contra certos torcedores mais violentos e afoitos.

Constatada a infração pelos refletores, todos permaneciam parados na posição em que se encontravam até a projeção de nova luz, significando estar tudo normalizado. Depois, ao apagar-se o terceiro refletor, automaticamente, estava autorizada a continuação da peleja.

Quando o jogador de um quadro estava em

posição regular, isto é, em pé ou com o pé num dos círculos, e o adversário pisava esse mesmo círculo, acendia-se, então, a luz indicativa da falta. A espantosa precisão com que o jacto de luz localizava, sem perigo de erro, o infrator, deveras, deixou-me perplexo!

Um tento ou ponto era consignado quando um jogador atingia o círculo maior no centro da meia lua, na extremidade do campo. Então, nesse momento, profusa iluminação era espargida pelo aparelho situado no topo do poste atrás da meta. Essa luz invadia toda a área e a sua cor era consoante a tornozeleira do elemento que atingira a meta contrária.

A esta altura, paralisava-se o jogo e os disputantes voltavam aos seus lugares, pulando de círculo. Para assumir as posições de ataque e defesa, aguardando o apagar do terceiro refletor do meio de campo. Isto posto, iniciavam as incursões, procediam jogadas numa veloz sucessão de esquivas inteligentes que redundavam em inesperadas surpresas, permitindo, às vezes, o elemento menos visado progredir terreno e chegar a alcançar sucesso.

O campo é inteiramente liso, salientando-se os círculos de cor marrom escuro. Os postes e o arco eram de material idêntico, porém transparentes como um vidro muito puro e em nada dificultavam a perfeita visão do espectador!

É mister que as faltas praticadas durante o jogo sejam em número reduzido; nem sempre o quadro detentor de maior número de pontos é o vencedor da partida, dizia-me dr. Jânsle no seu relato: Não adianta o quadro A marcar 30 pontos e ter 80 faltas, quando o quadro B marcou, apenas, 20 tentos e praticou só 30

faltas. No cálculo da porcentagem, logicamente, o quadro B é o vencedor, porque considera-se elevado índice técnico o menor número faltas!

Se, eventualmente, um dos militantes usar brutalidade física contra o adversário, incontinente, cessa a disputa e o seu quadro é considerado perdedor. O jogador que cometeu a violência é levado para um hospital a fim de ser submetido a rigoroso tratamento das faculdades mentais. Outra não é providência tomada?

— Essas faltas são frequentes?

— Não, aliás, constituem exceção. A última vez que um jogador arremessou um colega ao chão foi, precisamente, há 42 anos passados e dessa época não mais tivemos reprodução de caso análogo!

— Este esporte desenvolve bem o físico dos seus participantes? Indaguei para conhecer dos benefícios advindos de sua prática.

— Por incrível que pareça, a prática deste esporte beneficia o físico como se estivessem nadando, jogando futebol e xadrez, simultaneamente!

— Jogando xadrez? Como pode ser isto?

— A estratégia das posições táticas dentro do campo constitui um verdadeiro teste enxadrístico, porque se visa obter esta ou aquela posição, com a qual torna-se impossível impedir a marcação do tento. Aqui, como no jogo de xadrez, acontece obter posições inapeláveis que se traduzem em vitória.

A tática aliada à rapidez e à agilidade eram as características do jogo e duvido possam os nossos melhores atletas competir com algum sucesso frente aquelas criaturas.

Era visível o preparo físico dos jogadores e o seu

treinamento em conjunto. Pareciam autômatos que se deslocavam com incrível ligeireza, esquivando-se dos adversários e criando, sempre, oportunidade para os companheiros do seu quadro. Das arquibancadas presenciava-se a movimentação tática e, inesperadamente, concretizavam posições de visível ameaça para um dos quadros.

Principiando a compreender os lances, passei a torcer para o quadro azul, por ser a cor mais viva e da minha preferência!

Nas jogadas mais sensacionais, a torcida antevendo, é claro, as suas consequências imediatas chegava a acenar os braços ou acompanhar com gestos e silenciosas risadas o desenrolar da partida.

Suponho que a velocidade desenvolvida nas jogadas não permite a qualquer um de nós aguentar mais de 10 minutos de jogo. Não seria exagero afirmar ser-nos impossível imitá-los!

Impressiona o elevado grau de compreensão e esportividade que são possuidores os seus participantes. Basta acender a luz e todos param, permanecendo imóveis sem tomar as dissonantes atitudes dos nossos craques futebolísticos.

Indiscutivelmente era um belo espetáculo, atraente, que nos levava ao entusiasmo de propugnar pela vitória do quadro predileto.

A duração da partida é, em geral de duas horas aqueles 46 elementos haviam sido escolhidos entre os melhores jogadores, para participarem do encontro em minha homenagem.

Em dado momento, o dr. Jânsle, olhou-me fixamente, dizendo.

— Temo venha surgir complicações no seu

metabolismo orgânico, dada a ausência, aqui, de certos elementos de sua atmosfera. Apesar do seu físico estar resistindo galhardamente, muito além da nossa expectativa, tomamos as precauções indispensáveis para evitar-lhe qualquer dissabor. É a razão pela qual convido-o a aproveitar o seu exíguo tempo em outras visitas para melhor se certificar do nosso sistema de viver!

— Por mim, estou pronto para sair quando quiser, foi a minha breve resposta.

Após alguns minutos, e numa das interrupções da partida, levantamo-nos e, com real espanto, vi os jogadores voltarem-se para o nosso lado, bem como postar-se de pé toda a multidão, saudando-nos fraternalmente com os braços!

— Esta honra é toda para você! Falou o dr. Jânsle, ao mesmo tempo que punha a mão sobre o meu ombro.

Acenando o braço procurei agradecer àquela espontânea e sincera manifestação que me deixou emocionado, calando intimamente no espírito.

Novamente, amparado pelo dr. Jânsle desci em direção do piso que contornava o campo e nos retiramos por uma das portas mais próximas.

No caminho refletia pensativo sobre a generosidade daquele povo muito superior a mim, o qual se dignou honrar-me com tanta distinção na coletiva manifestação que acabava de prestar!

Sinceramente, sentia-me envergonhado da minha insignificância, do estado lamentável dos meus trajes, enfim da minha pequenez perante seres eminentemente superiores, que acabavam de me dar uma lição de cordialidade aos mesquinhos

preconceitos de um homem-Terra!

CAPÍTULO XII - PILOTANDO UM DISCO-VOADOR

— Então, apreciou o jogo promovido em sua homenagem? A festividade teve um cunho comemorativo pela sua visita a este Planeta e, me sinto satisfeito de haver contribuído para isso! Disse-me o dr. Jânsle com notória franqueza.

— Fiquei sensibilizado por tal distinção e reconhecimento, sobejamente, não fazer jus a tão grande consideração. Porém, levo uma excelente impressão de todos e do rígido cavalheirismo dos jogadores, da sua disciplina, agilidade e empenho com que efetuam as jogadas, Exímios na execução dos lances, encantou-me o apurado raciocínio na pronta conclusão das possíveis favoráveis posições para a conquista de um tento. O espetáculo que presenciei foi magnífico. Gostei imensamente! Sou-lhe devedor de tudo isto!

Neste diapasão comentei com o dr. Jânsle certos detalhes da competição que acabávamos de presenciar, surgindo, durante a conversação, mais esta curiosidade.

— As festas habituais se resumem em jogos esportivos?

— As nossas festividades não se resumem, apenas, em jogos esportivos, mas as temos em modalidades diversas, tanto quanto as várias do vosso orbe!

Sempre solícito não se negou, a mencioná-las: realizamos como fazem os terrícolas, grandes festas comemorativas de nascimentos, formaturas, promoções, casamentos, etc... O próprio falecimento de um dos nossos cidadãos não deixa de constituir para nós certo motivo de alegria. A alegria do dever

cumprido e da jornada finda!

Em dias festivos nos reunimos em massa no local da festa, para a qual não há convites por nos considerarmos uma grande família. Se a festa se realiza em qualquer residência ou no interior de qualquer outro recinto, os participantes tomam seus lugares e, dentro em pouco, tudo fica literalmente tomado.

Como qualquer de nossas residências pode abrigar umas 600 pessoas, no início das homenagens passam a se alimentar com os líquidos postos inteiramente à disposição, cujo valor nutritivo é conhecido pela cor do frasco. Trava-se edificante conversação, abrangendo toda a sala, onde os olhares se cruzam abordando os assuntos mais variados.

É usual alguém se levantar e fazer preleção, no que é acompanhado, silenciosamente, pelo olhar dos demais, sendo alvo da máxima atenção.

A ingestão de líquidos é feita com moderação e, por senso educativo, não praticam excessos, não havendo perigo de intoxicação por serem os alimentos de elevado grau de pureza e as bebidas não conterem a mínima dose de álcool.

Estas foram de certa maneira as suas palavras, cujo sentido procurei transmitir aos leitores. Contudo, posso acrescentar pelo que disse em sua explanação, mais o seguinte.

As festas de regozijo por motivo de nascimento, precede um criterioso exame clínico e, só as realizam, após a declaração de que o nascituro está isento de resquícios perigosos. Assim, se aduz ser uma desventura ou uma verdadeira infelicidade o nascimento de uma criança dotada de certas

imperfeições!

Por ocasião de algum falecimento, convictos de que esse ente já extravasou a taça do sofrimento dando mais um passo em direção a Deus, se rejubilam e se comparam em certas cerimônias, nas quais tomam parte com indizível sinceridade, pois desconhecem a vingança ou o ódio e são despidos de orgulho e vaidade!

Já nos encontrávamos a uma certa distância do estádio, quando o meu amável companheiro me fez a seguinte proposição.

— Você é capaz de viajar e dirigir sozinho um, volitor?

— Se me for ensinado o seu manejo e como conduzi-lo creio que serei capaz de dar uma volta, respondi assaz surpreso!

Prazeirosamente levou-me para um dos volitores estacionado e me convidou a subir.

Fez-me aproximar do painel de comando e deu início a uma lição de pilotagem da aeronave, indicando-me as alavancas e botões, especificando as que deveria movimentar para fazer o aparelho funcionar. Desta forma, procurou demonstrar-me a maneira pela qual o volitor tomaria direção à esquerda ou à direita, bem assim, o modo de fazê-lo descer sem perigo de choque.

Cabia-me manejar uns cinco dispositivos, apenas. Com eles ser-me-ia permitido evoluir sobre a cidade, devagar e seguramente. Quanto aos demais não deveria tocá-los em circunstância alguma.

Após a pausada instrução, fez-me repetir com riqueza de detalhes a lição, incluindo-se as especiais recomendações para a utilização dos determinados

controles, a fim de ser a minha experiência coroada de sucesso.

Deveras, achei muita simplicidade nas instruções e tudo aprendi com rapidez sem quaisquer dificuldades. Achava-se, agora, apto a efetuar sozinho a viagem. Entretanto, ao deixar o volitor, o dr. Jânsle referiu-se às alavancas com estrias, as quais não deveria tocar para evitar que a astronave não se evolasse no espaço.

— Entendeu bem as explicações; há qualquer dúvida?

— Creio que estou bem preparado, asseverei.

Ao se afastar, o dr. Jânsle procurou tranquilizar-me.

— Seja cuidadoso e tenha calma, pois nada lhe acontecerá. Não se impaciente se encontrar alguma dificuldade, porque não há nenhum perigo!

— Se me arrisco a tanto é porque confio plenamente na sua pessoa, mais que em mim próprio. Vou na convicção de que sairei ileso desta experiência! Foi o que lhe respondi.

— Então, desejo-lhe um bom passeio.

Só, no interior da aeronave, confesso ter sentido um calafrio pela espinha e mais foi para corresponder à confiança do dr. Jânsle que me propus a realizar o passeio, pois imaginava comigo: “Será que não me vou meter nalguma enrascada?”.

Contudo, seguindo as instruções recebidas, acionei o botão de partida e já o volitor se alçava em grande velocidade, o que fez de maneira quase imperceptível, sem nenhuma oscilação! Num instante, encontrava-se sobre a cidade e tratei de dirigi-lo na direção combinada.

Movi a alavanca, pois, segundo ficara estabelecido, eu deveria aterrizar na parte sul da cidade, isto é, do lado direito do local da minha partida. Logo que acionei a alavanca devida para me encaminhar nesse sentido, o volitor principiou a dar voltas, em vez de se dirigir para o ponto pretendido.

Estranhei aquela linha de voo circular não prevista.

Fiquei em situação do aprendiz de pilotagem que, pretendendo dar certo ângulo no avião, provoca sua inclinação em demasia, obrigando-o a voitar sobre si mesmo. Vi que a manobra não estava correta e procurei estabilizar o aparelho para poder prosseguir em linha reta.

Apesar das tentativas feitas não obtinha resultado satisfatório e aflito nem mais olhava para fora do volitor, tão preocupado em encontrar uma solução para o impasse.

Tentando me recordar das instruções recebida decidi fazer combinações e como consequência o volitor prosseguiu em direção diversa, zigue-zagueando sem rumo, subindo ou descendo sem qualquer orientação, o que me punha inquieto.

Em sucessivas evoluções desorientadas, seguidas de paradas repentinas fiquei durante vários minutos voando sem rumo, sem uma solução exata que me situasse no caminho certo!

Imaginei estar perdido e sem possibilidades de salvação. O meu sistema nervoso muito contribuiu para que me atrapalhasse e cheguei, mesmo, a rogar a Deus que se apiedasse de mim, protegendo-me conferindo-me a felicidade de descer são e salvo!

Dentro das minhas concepções já estava

desesperado e confuso! Havia perdido a noção de tudo, inexplicavelmente, o volitor tomou direção certa, adquiriu velocidade e pousou normalmente sobre uma plataforma, como se nada houvesse acontecido!

Refeito do susto, rápido abandonei o aparelho e logo avistei o dr. Jânsle, que ria gostosamente.

— Gostei de ver a sua perícia, disse-me em tom amigável.

— Que enorme susto levei, doutor. Atrapalhei-me e foi difícil ajustar os controles para poder chegar até aqui. Imagine se eu não conseguisse voltar mais, o que seria de mim?

Foi o que asseverei, na ingênua convicção de ser o autor de tal proeza!

— De qualquer maneira você chegaria a este local, objetivou o dr. Jânsle e, para me tranquilizar, ponderou.

— O aparelho estava sendo guiado por dois controles possantes, aqui do solo!

— Então, porque o senhor deu-me uma lição tão detalhada, se existia essa preocupação ao meu respeito? Retruquei.

— Seria uma indignidade de nossa parte, um verdadeiro atentado, devolvê-lo ao seu Planeta sem a sua preciosa vida! Você não acha?

— Nesse caso não fui eu que fiz a aterrizagem?

Paciente, sorriu amavelmente e dando-me umas palmadinhas no ombro, finalizou.

— Não tenha dúvidas, você contribuiu muito para isso!

Fiquei todo vaidoso, mas interiormente pensei: “Eu não interfiri em nada, fiz papel de boneco e viajei por conta e risco dos controles automáticos. Essa é que

foi a realidade!”

Dentro do meu incompreendido orgulho cômico da minha perícia de piloto, procurei detalhar ao dr. Jânle as minhas aflições e os pormenores da minha atuação em conduzir o volitor. Ele ouviu-me atencioso, esboçando um sorriso afável, contudo, pude compreender pela sua atitude que a minha narrativa não o convencia, pois manifesto era o seu desinteresse.

Refletindo melhor, concluí, de fato, nada fizera. Tudo se limitou a uma mera experiência, ou seja, uma brincadeira para verem o meu procedimento. Então, procurei dar novo rumo à palestra e lembrei-me de indagar da música!

— Qual a razão de ouvirmos sem interrupção a música natural provinda dos céus e o cantar dos pássaros, quando não escutam outros ruídos, tão pouco a própria voz?

— Digo-lhe numa síntese: o estado físico da atmosfera dificulta a propagação de certos sons e essa propagação não chega a impressionar as células auditivas.

E, como sempre, no desejo de se fazer compreensível, deu-me esta explicação: os sons, como qualquer outra substância, possuem corpo. Tais corpos são distintos e se selecionam. Assim, digamos, as categorias dos corpos são A —B— C—D— F. etc.. Os nossos ouvidos captam categorias vibratórias, permitindo a entrada de 3 corpos: A— B e F, quando os ouvidos da criatura terrena captam outros três elementos: A— C e D.

Acontece que a melodia dos pássaros e o som da música natural estão catalogados na classe A, por conseguinte, nós a captamos e você também. Fica

sendo, assim, uma sintonia comum. Em conclusão, se os sons das marteladas, em eventual choque de volitores e outros congêneres estiverem categorizados no tipo F, os nossos ouvidos não permitem captá-los, porque estão fora de nossa camada de onda auditiva!

Desta forma, você poderá escutar ruídos que não ouvimos, enquanto, por nossa vez, escutam os sons que os seus ouvidos de homem-Terra não percebe!

— Mas porque em nosso mundo somos forçados a ouvir o barulho enervante dos maquinários, motores, falatórios radiofônicos, estouro de bombas que chegam a nos assustar; quando, aqui, reina completo silêncio?

— Isso é, meu amigo, embora duvide, uma penitência. Melhor definindo, uma graça Divina!

— Mas, como pode isso acontecer, se concebemos a graça Divina como um bem e não como um flagelo, e é em tal condição que classificamos o barulho na Terra?

— Sim, incontestavelmente. Os ruídos e as doenças são dois flagelos benéficos, isto é, de recuperação que Deus legou ao planeta Terra! São penitências morais e espirituais enquadradas no caminho evolutivo dos terrícolas. Pelo veículo da penitência é que vocês conseguem chegar às alturas do progresso, apesar de a entenderem por expiação ou povoação!

Esse pensamento refletia bem a condição a avançada daquela humanidade, habitando um mundo superior, muito evoluído, onde tudo era silêncio! Não um silêncio de tédio ou de medo, mas cheio de uma quietude confortadora que me proporcionava um indescritível bem estar!

Lá, nada se ouvia, apesar do intenso movimento

dos volitores cruzando-se sob alta velocidade num constante ir e vir, além dos da categoria de interplanetário que subiam e desciam, cujas trajetórias não conseguia acompanhar!

Esquecia-me de mencionar a existência, em certos cruzamentos das avenidas, de usinas geradoras. Essas usinas que não visitei se situam no centro dos cruzamentos de algumas avenidas, têm a sua cúpula ao mesmo nível das calçadas e no seu interior se concentram maquinismos para a difusão de força magnética e controle dos volitores em circulação. Creio provir delas o tal sistema de sinalização, paradas, chamadas e devolução de volitores em toda uma determinada área.

Tais usinas, provavelmente, devem se comunicar sob o piso das avenidas e se ramificarem por toda a cidade numa canalização subterrânea e nelas servindo muitos operários numa fiscalização técnica intensiva. Esta é uma conclusão minha!

Existe nas zonas adequadas outras oficinas de montagens, onde operários trabalham martelando peças, porém sem produzir nenhum ruído perceptível.

Segundo declarei, o que mais me impressionou nessa colossal metrópole, seja porque a sua harmonia me empolgava tocando profundo o meu ser, seja pelo ato de estar sempre presente aos ouvidos, era a maravilhosa música provinda dos céus!

Seria essa música a sinfonia da própria natureza, classificada como sinfonia dos mundos? Aceitava-a como sendo um milagre que me deixava perplexo e fazia-me aquilatar da impossibilidade de um ente humano produzir semelhante maravilha!

Era a expressão da suavidade doce e

compassada, harmoniosa e confortadora, impregnada de algo divinal que saturava o meu íntimo; enfim, uma sinfonia celestial executada para a nossa alma!

Não sei dar uma definição satisfatória, mesmo porque não sou músico. Entretanto, posso asseverar que emitido um som, simultaneamente outros quatro ou cinco surgiam, continuando o primeiro a ser ouvido como se fora a base de sustentação às demais notas musicais. Finalmente, tudo se entrelaçava de maneira inexplicável, harmonizava-se, extinguindo-se numa só tonalidade!

Li, alhures, que Grand Canyon, nos Estados Unidos da América, dá-se um fenômeno interessante. Em profundos vales daqueles íngremes maciços montanhosos perpassa o vento e, no seu contínuo movimento produz uma espécie de música natural. As modulações produzidas, as vezes, são de tal sortes acentuadas que se estabelece uma estranha música como se fora uma melodia da própria natureza!

Naquele sepulcral silêncio do Grand Canyon muitas pessoas tiveram oportunidade de apreciar semelhante fenômeno e as de sensitivo mais apurado narram-no como sendo uma música provinda do espaço por deformações do vento!

Posso afirmar ser a música que ouvia extasiante arrebatadora e, para mim, significava não propriamente uma sinfonia, mas um sopro sobrenatural que me enlevava os sentidos, predispondo-me ao exercício de ações magnânimas!

Ao seu ressoar, sentia profunda calma, inigualável serenidade e um bem estar indefinível que se traduzia em, disposição e confiança.

E... aquela maviosa música, persistia como um

sedoso lençol, sob nossas cabeças.

Harmoniosos sons, nos envolviam, e se estruturavam, formando verdadeira montanha musical.

Assim, aquele povo, segundo soube, fica horas e horas se deleitando com a peculiar melodia que, para eles, representa um prazer, ao par de substancial repouso espiritual e conseqüente reconforto físico!

Compulsoriamente, o volitor havia-me conduzido à zona agrícola daquela misteriosa cidade e o meu encontro com o dr. Jânslé tinha sido decorrência de um plano adrede preparado!

CAPÍTULO XIII - A ZONA AGRÍCOLA

Percorríamos ampla calçada, verdadeira prancha de vidro cristal, em direção aos depósitos alimentares, quando paramos para encetar nova conversação.

— Sinto-me tão eufórico não sabendo a que atribuir; se ao régio almoço ou à deliciosa música espacial. Imagino, se a hospitalidade que me propicia fosse oposta, isto é, vendo-o em uma das nossas cidades, movendo-se com inúmeras dificuldades sob ar abafado, suportando a poeira e outras imundices, com alimentação grosseira de fortes condimentos, o que faria?

— Trata-se de uma hipótese quase irrealizável. Não poderia ingerir os alimentos que vocês, habitualmente, tomam.

Assim se expressando, diligenciou em tecer comentários que procuro reproduzir.

Ingerindo vitaminas-alimento eu poderia viver um pouco em seu Planeta, porém não suportaria as refeições pesadas dos terrícolas. Para utilizar os produtos da Terra seria indispensável a média de uns 60 quilos de alimento vegetal para a extração de vitaminas suficientes a uma refeição das nossas!

Ante esta estimativa, atalhei com tom de gracejo.

— Então, não haveria alimento que lhe chegasse?

— Realmente, isto já foi calculado por nós. Se fôssemos obrigados a emigrar para a Terra e lá tivéssemos de viver, tudo se consumiria em poucos anos. Providências de outra ordem seriam precisas a fim de possibilitar a nossa permanência, lá.

— Então, quer dizer que não nos visitarão nem; pelo ano dois mil? Aliás, supõe-se que o nosso orbe se acabará, nesse ano!

— Haverá, sim, sensíveis mudanças até o ano 2.030 do vosso calendário e se processará uma verdadeira metamorfose moral e física, ao lado de uma, radical mudança em todos os setores da vida humana.

— Como sabe o doutor de tudo isto? Por conhecimentos científicos ou religiosos? Indaguei, pressuroso.

— Pela ciência apoiada intimamente aos conhecimentos religiosos. Há muitos milênios palmilhamos estradas idênticas e o que sabemos com relação Universo cinge-se à altura de nossa inteligência e grau de compreensão! Se, hoje, rondamos o, seu Planeta e o observamos é, justamente, para estarmos ao par de toda essa maravilhosa metamorfose, aliás, já iniciada!

Atravessando, depois sob árvores frondosas, notei serem da mesma espécie das que rodeavam os estabelecimentos hospitalares; elas ostentavam belíssimas e caprichosas flores, enfeitando o ambiente.

Chegados a uma linha divisória, avistei distante uns 80 metros uma série de interessantes construções, divergindo de tudo quanto havia conhecido, até, então. Eram depósitos de vitaminas em líquido, ou sejam os recipientes públicos destinados a guardar a alimentação daquele povo!

Aproximando, vi que os depósitos se assemelhavam a gigantescas ampolas de injeção, com o mesmo formato, possuindo o indefectível prolongamento tubular, igual à parte que costumamos

cindir para a extração do líquido contido.

Inteiramente transparentes, tais depósitos não possuíam qualquer junção ou aderência em suas paredes lisas e, eram sustentados à baixa altura por pilares de um metro, formato meia lua, com encaixes feito braçadeiras. Eles estavam, paralelamente, dispostos em intervalo simétrico e mediam uns 50 metros de comprimento, por uns quatro de diâmetro!

Por baixo, havia uma espécie de roseta que fazia o papel de torneira, por onde as pessoas colhiam o líquido vitamínico, servindo-se das qualidades e quantidades que desejassem.

Do outro lado, via-se uma abertura circular por onde eram abastecidos pelos volitores tanques das substâncias trazidas, diretamente, das usinas. Eles eram em número de 35, representando outras tantas qualidades de vitaminas que se diversificavam pela tonalidade da cor, Enfileirados em longa extensão, os depósitos estavam expostos ao ar livre, sem nenhuma cobertura especial que os guardassem.

De entre as cores mais familiares destaquei a amarela, a azul, marrom, branca e outras vivas e berrantes cujos matizes são conhecidos por nós. Os habitantes distinguem as vitaminas pela sua cor peculiar, servem-se delas e transportam-nas às suas moradias nos volitores de uso livre.

Para maior conforto daquele povo, em reentrâncias dos próprios pilares, ha copos destinados aos que desejarem tomar suas refeições no local, sendo habitual reunirem-se sob as árvores das proximidades, aproveitando-se, também, para aspirar suas salutares emanações!

Atrás de cada uma das ampolas-depósito há uma

plataforma elevada onde pousam os discos-tanques, a fim de procederem ao descarregamento, realizando-o sem desperdício de um único pingo. Tudo é muito limpo e perfeitamente executado, correndo, normalmente, o trabalho de abastecimento, sob impecável asseio.

Ao visitar as plantações, fiquei admirado com a qualidade da terra. Ela é granulada como se fora serragem grossa, visivelmente mais pesada que a nossa dando a impressão de ser, até certo ponto, refratária à água. Sua cor de um roxo-vivo é agradável à vista. Penso mesmo, que não sendo poeirenta não se transformaria, facilmente, em barro!

De modo geral as plantações tomam a conformação de nossos vinhedos e se expandem a uma altura de um metro, paralelas ao chão. As árvores frutíferas possuem o tronco da grossura dos nossos coqueiros, atingindo uns 10 metros de altura com grossos e robustos galhos.

Os frutos nascem nos galhos, dependurados em um cordão de uns 10 centímetros de comprimento.

As folhas se assemelham às das nossas laranjeiras, porém não tão verdes, no entanto, apresentam uma linda tonalidade azul marinho escura e pendem, justamente, do aludido cordão.

A cor dos frutos de um roxo-avermelhado, pouco mais escuro que a nossa beterraba comum, sendo o tronco das árvores de um cinzento-claro!

Interessante é a disposição especial dos galhos — metade de um lado e a outra metade do outro —, parecem grandes pássaros com as asas abertas. Os referidos galhos, do comprimento de 5 a 6 metros, adquirem essa regular conformação porque, quando

tenros, são alvos de um trato especial que os leva a ganhar tão original posição, e, segundo o critério deles visa poupar espaço, facilitando a colheita! Há variedade de frutas com formato e cores diferentes, não obstante as árvores e folhagens se assemelharem, tomando aspecto uniforme, pouco se diferenciando entre si!

Táttria é o nome de uma fruta cujo tipo é o da abobrinha e, segundo o dr. Jânsle, portadora de valiosa dose de cálcio.

Pelos esclarecimentos recebidos, as madeiras são muito resistentes e as plantas têm vida prolongada, excedendo em muito as mais duráveis do planeta Terra!

— Porque, possuindo madeiras tão fortes e resistentes, não procuram utilizá-las para outros fins? Perguntei.

— As árvores, meu amigo, são por demais generosas, alimentando-nos com seus frutos. Podemos afirmar que elas contribuem, sobremaneira, para o nosso desenvolvimento e consideramos desumano sacrificá-las para outros fins. Elas, também, tem vida. Provêm do solo e a ele devem retornar; ademais, se fizermos utensílios preparados com madeira, estes serão de duração efêmera. Como tudo que produzimos é com fito de ter longa duração, damos inteira preferência aos minérios!

Naquela enorme área são cultivadas todas as frutas e demais similares. As plantações de igual espécie são separadas por largas veredas e nos seus próprios agrupamentos essas, alas são de menor largura para facilidade da colheita.

De espaço em espaço, numa distância

aproximada de uns 100 metros, há plataformas redondas de meio metro de altura destinadas ao pouso dos volitores que transportam frutas e trabalhadores para o exercício de suas atividades. Ao lado de tais plataformas, quase rente ao chão, existe outra de menor tamanho onde se fixam os fone-visão, iguais aos que encontramos nas avenidas. Esses aparelhos, providos de dois dispositivos, servem para chamar ou dispensar os volitores.

Nessa mesma área de plantio se calca as 35 usinas especializadas na preparação dos líquido-vitaminas. Ficam montadas defronte às plantações da fruta que se extraem as vitaminas, Realizam trabalhos complexos, sob prático método, isentos de confusão ou balburdia, onde todos se entendem 100%, evitando a superveniência de inúteis esforços.

Por se resumir em salutareos extratos de frutas, os alimentos daquele povo são de muitas variedades, condicionados a gostos diferentes.

Nas plantações as frutas são colhidas, selecionadas e conduzidas para as usinas extrativas. O seu tratamento é longo, são submetidas a processos desconhecidos para a separação da massa, para fornecer o néctar da fruta, ou seja, a sua essência. Essas essências são encaminhadas aos laboratórios das próprias fábricas, quimicamente tratadas para se tornarem em condições de serem, normalmente consumidas!

Após constatação do grau de pureza, o líquido é enviado aos depósitos públicos para consumo.

O bagaço das frutas, bem assim a massa restante são reconduzidas ao solo dos campos para servir de adubo, tal como sucede com as nossas

plantações.

Os habitantes não possuindo dentes, saboreiam os alimentos, procurando mantê-los na boca durante alguns minutos, até serem assimilados. Muito naturalmente, cada um tem predileção por esta ou aquela qualidade de vitamina-alimento, ou seja, apreciam mais um tipo de vitamina-líquido que outra espécie embora cômicos da necessidade de absorverem as mais úteis ao organismo e ao equilíbrio geral de suas forças

Ingerido o alimento, formado o suco na própria boca, ele vai direto para a bolsa distribuidora que, neles, se situa à altura do estômago, a qual se encarrega de distribuir o essencial para os diversos órgãos do corpo. Assim, obtêm o iodo para o sangue, o cálcio para os ossos e o fósforo para o cérebro, não lhes restando resíduo algum para expelir!

De uma coisa eu tenho a certeza, é que quando tomei aquela alimentação, senti-me como se tivesse participado de um lauto banquete, ficando satisfeito por haver mantido perfeito equilíbrio orgânico ao fazer a digestão. Encontrava-me em tão excelente disposição que poderia praticar qualquer exercício, sem me expôr aos perigos decorrentes de esforços realizados após as nossas habituais refeições!

Logo mais, sentamo-nos sob árvores amigas ao redor de uma mesa sobre a qual, como nas demais, havia um fone-visão, onde encetamos nova palestra.

— Diga-me doutor, aqui não chove?

— As chuvas são periódicas e mais pronunciadas em certas épocas, pois se trata de um fenômeno climatérico, embora seja diverso daquele que se processa na Terra!

Aqui, como lá, a chuva alimenta o solo, é um indispensável fertilizante.

Discorrendo sobre o “fenômeno chuva” passou a relatar:... as nuvens se formam na atmosfera, porém situam-se em elevadíssimas camadas que sequer correlacionam, diretamente, com o meio ambiente. Quero, com isso, dizer que a formação e as consequências da chuva não são iguais às alterações telúricas. Estas acarretam violentas transformações atmosféricas e, num processo próprio, trazem frio, ventos, ciclones, verdadeiras catástrofes aos terrícolas.

As nuvens que, aqui, se formam em elevadíssimas camadas, tomam o formato de bolhas de sabão. Após a sua indispensável saturação, elas se desintegram lentamente e caem graciosas, como se do alto de um edifício se atirassem montes de confetes de papel de seda branco.

Divergem em muito das chuvas que vocês estão habituados a presenciar, pois, seus pingos são arredondados e quase do tamanho de uma de vossas unhas, com a aparência de escama de peixe. Finos e transparentes, tais pingos não possuem o mesmo teor de liquidação da vossa água, mas têm a propriedade de se assimilarem ao solo com espantosa rapidez.

Em outras condições, ao tomarem contato com as coberturas e outros congêneres, os pingos vão rolando, resvalando até se extinguirem sem deixar o menor vestígio. Assim, quando caem sobre nós podemos pegá-los e mantê-los nas mãos temporariamente, presenciando o seu lento desaparecimento.

Gradativamente, eles vêm se reduzindo à medida que se aproximam do solo e, já na descida, se

evaporam, tornando-se difícil a queda de mais de uns 30 pingos por metro quadrado de superfície, em média. Portanto, a chuva exerce mais na próxima atmosfera os seus benefícios, que, diretamente, na própria terra!

A chuva, contrariamente do que sucede no seu Planeta constitui belíssimo espetáculo; caindo, silenciosamente, ao som de sutil música é algo inconcebível aos sentidos humanos!

— Doutor, tenciono algo indagar com referência às residências.

— Diga que o preocupa, respondeu-me, atenciosamente o meu caro amigo Jânsle.

— É uma simples curiosidade! Se as residências são todas uniformes, desejava saber se algum habitante pretendesse construir uma casa diferente para morar, isso, lhe seria permitido?

— Perfeitamente. Nós até lhe forneceríamos o material para construir quantas casas desejasse! Envidaríamos esforços para satisfazê-lo.

Ele pode falar tudo o que pensa?

É claro, mesmo porque: “A liberdade de manifestação de pensamento, é um fecundo mostrador; Divino orientador das humanidades para o progresso e a civilização”.

— Pergunto isso, porque na Terra nem sempre podemos nos expressar e a maioria se preocupa em possuir um grande número de casas, palacetes, vilas residenciais, inclusive possuir automóveis, acumulando, também, riquezas em bancos.

— É simples a resposta ao quesito que formula. Isso, se verifica pelo fato de vocês estarem trabalhando dentro da efêmera grandeza material, quando nós, tão somente, visamos a Eterna Grandeza Espiritual. Se um

dos nossos concidadãos se dispusesse a tomar essa atitude destoaria do geral, vindo a constituir exceção. Logo, concluiria haver retrocedido moralmente perante a coletividade, pois, tudo se processa segundo o seu meio. Daí, a grande diferença!

— E, que diferença, exclamei. Seria como se trabalhássemos à noite na escuridão e os senhores de dia, na claridade!

Foi o meu conceito ao procurar estabelecer uma pequena comparação, ao que o meu interlocutor asseverou.

— Não deixa de ser interessante a sua comparação, foi a sua resposta e, levantando-se disse: o que importa, no momento, é saber como está se comportando o seu físico em face da diferenciação a que se sujeita!

Novamente, aquele médico e amigo de todos os instantes, tolerante e paciente, se propunha a me examinar, solicitando a que me aquietasse.

Acompanhando o seu gesto, levantei-me. Atendi com prazer a tudo quanto determinou no sentido de facilitar a perscrutação que, em mim, desejava fazer.

Colocado à minha frente, passou a fitar os meus olhos. Serenamente, aguardei que a sua perspicácia profissional o orientasse, pois sentia-me senhor de perfeita saúde, em plena posse e domínio dos meus sentidos.

— Compreendo a sua condição, porém alguns fenômenos orgânicos podem ser orientados com imprevista precipitação, visto seu físico não estar, cabalmente, afeito ao ambiente.

Foi o que disse o dr. Jânsle com sua cordial afabilidade, acrescentando.

— Vejo que está resistindo bem!

Após alguns minutos, findo o exame a que me submeteu, transmitiu-me o seu diagnóstico.

— Pouco tempo lhe resta para permanecer entre nós, portanto, não percamos o que há de mais precioso. Aproveitemos para uma ligeira visita ao Gabinete de Desenho, antes de conduzi-lo às Oficinas dos volitores. Sua permanência é delimitada às condições físicas do meio e nesse cômputo se inclui o tempo da viagem de regresso!

Assim se expressando, enlaçou-me carinhosamente conduzindo-me por entre uma daquelas alamedas arborizadas e paramos juntos à primeira plataforma que encontramos.

Preliminarmente, teve o cuidado de solicitar a vinda de um volitor, após comprimir o dispositivo necessário numa pequena coluna. Encontrava-me, ainda, observando detidamente a folhagem, quando surgiu, do lado direito, o aparelho que rápido pousou sobre a plataforma.

Prestes, induziu-me a entrar no disco, partindo em direção oposta, isto é, dirigindo-se para o norte da cidade, onde se localizavam as oficinas e laboratórios.

— Dr. Jânsle o sr. a pouco se referiu sob civilização, não foi?

— Sim, exato!

O sr. pode me dizer qual a verdadeira civilização?

— Posso, mas quero adverti-lo que, o raciocínio do homem do planeta terra ainda não o concebe.

— Não tem importância, pode falar!

A verdadeira civilização é aquela, em que, o ser racional pode matar, roubar, caluniar e não existe a

mínima consequência para esses delitos.

— Mas isso é um absurdo dr.!

— Não pode ser uma coisa dessas!

— Bem te avisei quanto, a sua incompreensão.

CAPÍTULO XIV - NAS OFICINAS DOS DISCOS- VOADORES

Ganhando fenomenal velocidade o volitor devorava o espaço à média de uns três mil quilômetros, pelos cálculos feitos à posteriori.

Voando à baixa altura, tudo se me afigurava uma massa informe quando mirava através de suas paredes transparentes, ou mesmo quando alongava avista pela sua porta de entrada.

Pouco tempo depois de nos encontrarmos no seu interior procurei travar nova conversação.

— O Senhor que parece conhecer tudo a nosso respeito, poderá me dizer qual das religiões praticadas na Terra é a mais certa?

— Na questão da mais certa é preciso frisar incluir-se nelas o livre arbítrio do homem, o qual ninguém pode tolher, visto Deus não se opôr a essa faculdade que caracteriza o ser por Ele próprio criado! Todas as religiões são necessárias, porém cabe ao homem discernir o certo em tudo quanto é errado, sem o que não efetuará sua formação evolutiva!

E, qual a religião praticada neste Planeta onde me encontro?

— Neste orbe a religião compreendida cinge-se ao conceito; tudo quanto existe no Universo é doado por Deus, portando, Ele é o único doador universal. Nós os viventes não temos o poder de doar qualquer coisa insignificante que esta seja, e se fazemos realizamos o inverso. Daí, não existir para nós o DEI ou DOU, tão comum aos terrícolas! Realmente existe o inverso, isto é o retorno: assim, se dou uma maçã, estou, ao contrário, recebendo uma, e... recebendo

sempre, dentro da máxima que já lhe citei: A cada um segundo suas obras.

Passou, então, a dissertar sobre o assunto por mim iniciado.

Considere que não há, propriamente, diferença entre o crime cometido por um ser evoluído e um selvagem, em estado de quase completa ignorância. A falta, em si, é a mesma. Ela, apenas, se diversifica quanto ao seu retorno em relação ao grau de compreensão de cada um, porque se processa e se reflete em consonância ao maior ou menor discernimento daquele que a praticou.

Os meus concidadãos atingiram a um progresso moral de tal jaez que não mais se iludem com as grandezas materiais. Vivem alheios ao processo de acumulação de bens materiais, por estarem convictos de que são meros passantes por esta morada do PAI. Visam, tão somente, concretizar o conhecido provérbio: Mens sana in corpore sano.

Há, no planeta Terra, indivíduos cômicos de que se não houvesse ouro, dinheiro, perderiam os homens o interesse de viver, aceitando a falsa premissa de não haver mais progresso e, conseqüentemente, tudo ficaria estacionário!

Esse raciocínio é errado. O cognominado “vil metal” não impera em nosso orbe, no entanto, temos uma progressista, sóbria, plena de quietude. Inversamente ao que julgam, o dinheiro concorre para instituição do orgulho, da discórdia, gerando a disputa entre os homens. Ele alimenta o interesse, faz sobreviver a ganância, desencadeando guerras, quando as nações são, diretamente, atingidas em sua economia.

As sucessivas guerras deflagradas entre a vossa humanidade tiveram, por principal, escopo o interesse econômico criado pelo dinheiro! Logo, ele é maléfico e a extirpação de qualquer mal, sempre trouxe benéficas consequências.

Não padece dúvida que o uso do dinheiro é das aquisições materiais se fazem imperiosas em seu Planeta, mas deve existir, nessa prática, maior discernimento, respeitando-se o lema criado entre vocês: “Nem tanto ao mar, nem tanto a terra”!

O apego aos valores materiais de alguns dos vossos chega a ser infantil, pois julgam ter possibilidades de efetuar aquisições “post-mortem”, o que se constata, ainda, em determinados agrupamentos do vosso orbe.

Esta é a triste síntese da história de vossa humanidade, não obstante, nela encontramos o sublime exemplo de JESUS. Durante sua passagem pelo orbe terráqueo, jamais atentou para os bens materiais ou fortuitos prazeres da vida terrena. Se, assim, Ele agiu é porque tinha convicção da existência de incomensuráveis grandezas, além das efêmeras do vosso mundo!

Sublimidades e elevadas grandezas serão, sempre, encontradas em qualquer setor da atividade humana, tudo dependendo de querer encontrá-las, mesmo banido o “vil metal”!

Neste ínterim, o volitor acabava de aterrizar, habilmente manobrado pelo seu condutor. Havíamos percorrido uns 350 quilômetros de extremo a extremo daquela magnífica cidade.

Descíamos na área que o dr. Jânsle afirmou situarem-se os edifícios dos cientistas, onde procede-se

estudos correlatos à Medicina, Engenharia e Ciências; onde há laboratórios, oficinas bem como campos de treinamento e de experimentação aérea.

— Então, quer dizer que foi nesta zona que eu desci?

— Exatamente, porém, do outro lado, onde mantemos os campos de pouso permanente para facilidade de acesso aos que nos visitam.

Deparei com edifícios de diversos tamanhos, prevalecendo a maioria dos que mediam de 70 a 80 metros de diâmetro, entre os quais calculei, pelo menos uns 30.

Havia, ali, muitos laboratórios de pesquisas em funcionamento, únicos providos de claridade local, oriunda de seis “futuores” instalados em suas paredes e dispostos em simetria. Esses futuores, bem menores que os destinados à iluminação geral da cidade, tinham, também, o feitio de um açucareiro de vidro.

Indagando, posteriormente, quanto a qualidade da luz, foi-me esclarecido ser o resultado do raio “gójico” negativo com o raio “gójico” positivo que, entrando em contato, produzem aquela luz. Além disso, utilizam o mesmo raio para a obtenção de um gás denominado “Ilómito”, cuja propriedade é a de transmutar a cor de qualquer matéria!

A matéria que for submetida à ação do gás ilómito vem a sofrer substancial alteração em sua cor, a qual de escura pode passar a ser branca, adquirindo a faculdade de se tornar, inteiramente, transparente em seu todo, ou, apenas, na parte atingida pelo gás!

Distante uns 50 metros destes edifícios, sobre uma plataforma de uns dois metros de circunferência por um de altura, encontrava-se uma espécie de

telescópio. Tratava-se de um aparelho, tipo cone, em cujas paredes internas via-se canaletas tubulares estriadas em número de doze, dispostas em sentido vertical.

No fundo desse aparelho havia uma bola inteiramente branca, em forma de meia lua, de cor leitosa e análoga aos globos de luz.

Ao focalizarem qualquer ponto longínquo, esquisitas bolas amareladas se projetavam das canaletas do cone em direção ao objetivo visado, lançadas no espaço em intervalos de dois segundos.

Tais bolas resplandescentes ao serem projetadas criavam um círculo luminoso no espaço, cujo centro dava-me ideia de um extenso e uniforme túnel, verdadeiro orifício etéreo aberto até o ponto visado. A saída do cone elas eram vistas, facilmente, em série contínua para, logo depois, estabelecerem um único traço preponderante que, mais ao longe, desaparecia por completo, ficando, apenas, a luminosidade formada pelo círculo.

Efetivado o contato com a superfície do objetivo, elas se encandeciam expandindo um imenso clarão. A seguir, no fundo do aparelho acendia-se o globo leitoso que passava a emitir pelo interior do etéreo túnel luminoso um fecho de luz.

Essa luz dava nítida impressão de ser ondulada. Tais ondas subiam continuamente pelo túnel formado e ao atingirem o ponto dado, captavam por um sistema de telefoto-visão (televisão e fotografia) a superfície atingida pelo clarão decorrente da incandescência das aludidas bolas!

As ondas retornavam, em descida, com uma coloração azulada, de um azul tênue quase

imperceptível, atraídas que eram por outro aparelho instalado na cúpula de um dos edifícios onde trabalhavam cientistas incumbidos de determinada tarefa. Essas ondas, assim captadas, penetravam através de outros complicados instrumentos até onde se via uma tela girando sobre si mesma, para, então, refletirem a gravação feita da imagem, com incrível nitidez.

Sem dúvida, foi um imponente espetáculo assistir o funcionamento de um verdadeiro telescópio automático!

Procurei indagar do cientista e médico se aquelas bolas poderiam viajar por milhares ou milhões de quilômetros sem se desviarem do objetivo.

A distância não é tão considerável quanto supõe, e, nem sempre, a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. Importa considerar que o espaço compreendido entre dois mundos se compõe de inúmeras camadas inerentes a cada um deles, além de uma incalculável capa hidrogênica que envolve totalmente esses mesmos mundos com as suas respectivas camadas atmosféricas. Essa capa de hidrogênio vai se rarefazendo em sua periferia a tal ponto de se estabelecer entre elas o que vocês denominam vácuo, Assim, milhares de quilômetros são representados por esse “vácuo” onde, praticamente, não subsistem os fatores tempo e espaço. Inexistindo esses fatores qualquer objeto dirigido e impulsionado dentro desse limite espacial atinge quase que automaticamente o seu outro lado. Portanto, a distância a vencer não é a, precisamente, expressa em quilômetros, o que permite a realização em curto espaço de tempo das viagens interplanetárias. Além do

mais, é imprescindível considerar que se vedado fosse aos habitantes dos diferentes planetas estabelecer intercâmbio, sernos-ia impossível focalizar esses mundos com centenas de milhões de quilômetros de distância entre si. Se a Suprema Vontade não o permitisse, poderíamos estar separados por uma estreita faixa e baldados seriam todos os esforços nesse sentido, porque tudo seria excluído das nossas possibilidades e concepções. E, concluindo, acrescentou: Os homens-Terra usam e abusam indiscriminadamente do vocábulo “impossível” que, neste caso, estaria sendo empregado com acerto.

— Mas, os mundos permanecem envoltos em mistérios?

— Mistérios? Acentuou, expressivamente o dr. Jânsle, Eles não existem! O que há são coisas lógicas e naturais superando o nosso. Entendimento, são fenômenos que fogem à nossa inteligência. Digo-lhe mais, se cada habitante do seu Mundo descobrisse um fenômeno ou mistério não se esgotaria o seu número, restando, ainda, uma imensidão de coisas por descobrirem!

Interrompendo a pergunta que lhe ia dirigir, tomou-me pelo braço e me conduziu em direção a um dos grandes edifícios próximos, alegando.

— Vamos alterar o nosso programa. Iniciemos a visita per uma secção de perfuração de peças.

Ingressamos naquele prédio, inteiramente redondo, dispondo de várias portas de acesso, sempre configuradas em estilo “bocas de forno”.

Logo à minha direita, quando entrei, vi uma enorme banca de serralheiro a qual não tinha pés, com uns 5 metros de largura, como se fora extensa

prateleira e se estendia de um vão de entrada a outro próximo.

Sobre as demais bancadas, de uns 20 metros mais ou menos, emergia da parede, à altura de um metro, um possante braço que se alongava até a borda da banca de trabalho, em cuja ponta pendia um aparelho análogo a uma “espiga de milho”, porém, de maior dimensão.

Observei, no centro do salão, um possante pilar redondo de, aproximadamente, um metro de diâmetro por uns três de altura. De sua parte superior, distribuídos em volta e em sentido horizontal, se projetavam oito braços que se afinavam, de cujas extremidades pendia um instrumento interessante do feitio que procurarei descrever.

Assemelhavam-se a um tubo de mais ou menos um palmo, recurvado para baixo, no qual adaptava-se um mandril cheio de pequenas rosetas, devidamente assinaladas por traços. Essas rosetas eram visíveis em toda a volta do mandril e os traços que possuíam representavam a escala de regulação, destinada ao controle do diâmetro exato das perfurações.

Na frente desse mesmo mandril surgia um tubo curvado para cima, com cerca de meio palmo, findando numa espécie de olho mágico. Era um visor no qual havia uma cruzeta riscada, cujo centro se resumia num minúsculo ponto transparente.

Ao se iniciar a curva deste último tubo, em posição horizontal, achava-se preso um recipiente redondo destinado ao depósito de resíduos das perfurações em andamento.

Da base do possante pilar, quase rente ao chão, erguiam-se oito longos braços recurvados, distanciados

um metro da sua periferia, sobre os quais se assentavam dois tubos redondos, em formato circular. Assim, esses dois círculos metálicos rodeando o pilar serviam de trilhos, à guisa de mesa, onde assentavam as peças a fim de serem, convenientemente, trabalhadas.

Ao presenciar o trabalho executado por operários sobre as bancadas, em cujo topo havia o tal aparelho semelhante à “espiga de milho”, vi-os apanharem umas placas de certo material, já previamente perfuradas, e as superpõem com exatidão. Depois de, assim, justapostas introduziam pinos nos furos que se correspondiam.

Tratava-se de rebites inteiriços, isentos de cabeça, Os quais se ajustavam aos furos como um pistão de motor dos nossos carros!

Procedida esta operação puseram a peça debaixo do aparelho “Espiga”. Acionado este, vi projetar-se do seu bico um foco de luz sobre o pino e percebi que recebia fortíssimos impactos, principiando a desdobrar-se, formando uma cabeça até ser inteiramente desbastada e igualar-se ao nível da chapa!

Feito o trabalho constatei, com espanto, que o rebite se tinha confundido com a chapa, não deixando sinal algum, e toda a peça tornara-se um único bloco. Repetiram a operação do outro lado, em idênticas condições e com os mesmos resultados!

— Apreciou os serviços dos nossos martelos? Agora, vamos ver como trabalham as furadeiras, acrescentou o Doutor.

Acercando-se de mim, levou-me para o centro do salão, junto ao pilar.

Nesse momento, aproximou-se um operário trazendo um grande pedaço de um material que me pareceu ser pesadíssimo, pois tendo uns cinco palmos de comprimento por um, de largura, necessitou da ajuda do dr. Jânsle para ser posto sobre os trilhos, debaixo do mandril.

Ajustado aquele bloco de material desconhecido — espécie de ferro — sobre o suporte circular, pedi-me o dr. Jânsle que olhasse dentro do visor, enquanto com os dedos girava as rosetas do mandril, procurando ajustá-las segundo suas intensões. Nesse visor — olho mágico — vi formar-se, por meio de riscos luminosos, um triângulo perfeito.

Terminados os preparativos, solicitou que me distanciasse da máquina e suspendendo o braço deslocou um botão por uma canaleta. No tal botão, semelhante ao nosso fusível, produziu-se um ponto luminoso que deixava entrever riscos assinalativos.

Mal fora o botão deslocado de sua posição normal, um foco de luz em forma de triângulo se projetou pelo canal interior e para fora do mandril sobre a peça que, ali, colocaram. Por incrível que pareça, aquela luz foi cavando um furo na peça exatamente igual ao triângulo formado no visor.

No entanto, o que me deixou mais perplexo foi ver as estilhas e limalhas subirem pelo interior do fecho de luz triangular, para se depositarem no apêndice bojudado mencionado!

Visivelmente impressionado com o forte poder daquela luz perfurante, presenciava tudo com clareza, pois o material do maquinário era transparente.

A seguir, o dr. Jânsle girou um pouco mais aquele botão para a direita e vi, então, que os resíduos

resultantes da perfuração eram, agora, maiores, alijados em maior quantidade, demonstrando ter sido acelerada a máquina ou posta em mais alto grau de potência!

O facho de luz ia trabalhando aquele material como se fora uma afiadíssima broca das nossas furadeiras e não se decorreram dois minutos para a enorme peça ficar perfurada!

Então, o dr. Jânsle reconduziu o botão ao seu primitivo lugar e este girando, automaticamente, sobre si mesmo, interrompeu a onda luminosa, desligando-se o maquinismo!

Ansioso por ver o resultado, fui convidado para examinar a peça, porém lembrei-me que ela deveria estar muito aquecida.

— Pode examiná-la e tocá-la sem perigo, está fria!

Não resistindo à curiosidade introduzi os dedos naquele triângulo. As paredes da peça estavam lisas como vidro, internamente apresentavam um acabamento perfeito, como se um grande e perito aplainador as houvesse trabalhado. Sequer uma rebarba ou saliência me foi dado constatar!

Foi-me esclarecido que, por intermédio daquelas rosetas, o mandril poderia projetar focos de luz atendendo às formas conhecidas para a obtenção de qualquer espécie de furos.

— Até um furo côncavo ou abaulado seria possível ser obtido?

— Perfeitamente. Para tanto devem ser regulados os raios centrais e adjacentes, a fim de que a projeção do objeto configurado corresponda ao original. Respondeu-me solícito, o amigo.

— E, um furo cônico, também, poder-se-ia fazer? Indaguei curioso, a fim de melhor me informar das possibilidades do aparelho.

— Também é possível. Vou fazer um para lhe mostrar!

Iniciou a operação de reajuste das rosetas e, logo, indicou-me o visor. Passei a observá-lo e constatei a configuração de um impecável cone que nele se delineara.

Ajustada a peça por sobre aquele suporte circular, novamente foi o botão deslocado para a parte superior da sua canaleta e nele, agora, passou a percorrer um filete de luz que cobriu todos os riscos, estacionando em ponto prefixado.

Imediatamente o fecho de luz passou a ser projetado em forma cônica, iniciando-se a perfuração da peça, como acontecera antes. A ponta do fecho de luz tinha, mais ou menos, uns 15 milímetros e à medida que devorava a peça ia-se alargando paulatinamente.

Em idênticas condições, os resíduos subiam por dentro do fecho de luz para localizarem-se no depósito bojudo e, dentro em pouco, a luz configurou o cone naquele consistente bloco!

Reconduzido o botão ao seu primitivo lugar, outra vez, ele girou sobre si mesmo e desligou o aparelho, apagando-se a luz.

Removida a peça procedi um cuidadoso exame e verifiquei tudo perfeito, sem defeito algum e que o cone fabricado na peça tinha, na verdade uns 90 milímetros de boca.

Pelos meus cálculos deveria haver, provavelmente, mais de um quilo de limalhas e detritos resultantes das perfurações e, no entanto, o asseio era

característico e a sala se conservava como se nada houvesse sido executado!

Como este é o ramo do meu serviço profissional, permita-me afirmar que só um artífice poderia verdadeiramente, aquilatar os grandes obstáculos vencidos, por eles, na manufaturação daqueles furos. Em se tratando de material muito mais duro e resistente que o nosso aço, só um profissional poderá avaliar, como disse, as insuperáveis — para nós — dificuldades de precisão, segurança e rapidez, excluídas do seu trabalho!

De entre as oito furadeiras existentes, quatro delas se diferenciavam porque eram providas de gigantescos mandris, bem maiores que uma placa de torno, não obstante possuírem uma só roseta e os seus visores serem os mesmos.

Procurando saber o motivo, foi-me esclarecido que essas máquinas se destinavam a realizar furos redondos, podendo perfurar de 1 a 15 polegadas e, ao completar a sua explicação, acrescentou.

— Esta luz perfurante são os raios “Guítricos” de que lhe falei. Trata-se de raios luminosos potentíssimos em forma de lâminas. Aqui, ele é utilizado em baixa frequência, porém posto em alta frequência são de um inimaginável poder destruidor!

— É interessante como podem os operários confeccionar peças tão complicadas sem a orientação de um desenho ou de um molde?

— Venha comigo e lhe mostrarei coisa que elucidará melhor o assunto do que, propriamente, lhe falando.

Acompanhei-o e deixamos aquela secção de oficinas para nos dirigirmos ao edifício próximo.

Enquanto andávamos perguntei:

— Por que, na verdadeira civilização, a pessoa, pode matar, roubar a caluniar e não existe nenhuma consequência.

— Porque na verdadeira civilização não existem juízes, polícia e prisões, devido a alta compreensão e civilidade de seus habitantes. Possuindo este alto grau evolutivo, eles podem matar, roubar e caluniar mas não o fazem porque a sua formação moral e espiritual não o permitem.

— Suponhamos que em seu planeta todos seus habitantes fossem iguais a Jesus Cristo?

— Um Jesus eliminaria outro? Claro que não!

— Apesar de poder eliminar e não sofrer consequências, jamais isto aconteceria.

— Está claro?

— Claríssimo e muito obrigado Doutor.

CAPÍTULO XV - O GABINETE DE DESENHO

Andamos uns 80 metros e ingressamos numa construção muito menor, de proporções reduzidas, que comportava, apenas, uma única sala redonda de, no máximo, uns 9 metros de diâmetro.

No centro da sala uma grande mesa redonda tendo, em sua volta, dispostos doze esquisitos objetos reluzentes, de diversas cores. Assemelhavam-se a capacetes usados na última guerra pelo povo alemão, e eram, no caso, capacetes que eles utilizavam, como se verá!

Ao lado de cada um dos capacetes sobressaía um dispositivo estranho que representava um pião introduzido na superfície da mesa, em cuja extremidade se assentava um ponteiro. Esse indicador estava parado no centro de um círculo assinalado por um ponto escuro.

Em distância proporcional, separado um meio palmo, via-se, ao lado do referido círculo, um outro semelhante. Um largo traço, delineado em sentido oval e repleto de minúsculos riscos, os unia.

Em derredor da mesa notei, também, banquetas que correspondiam ao número de capacetes, dando-me impressão de cada uma delas se destinar à utilização do mecanismo nela instalados; ao todo 12.

Numa prateleira que se sobressaía da parede acomodavam-se pilhas de uma espécie de telas, feitas à guisa de grossa cartolina. Mais ao alto, em direção dessas pilhas, surgiam focalizadores análogos aos nossos faróis de automóvel.

Fitando-me, sem reбуços, o dr. Jânsle, disse.

— Este é um dos nossos gabinetes de desenho.

Estranhei aquela afirmativa porque não via pranchetas, réguas, papel ou quaisquer outros objetos que, sequer se relacionassem com os tão conhecidos apetrechos próprios de um departamento de desenho. Nada, ali, se assemelhava ou tinha analogia com desenhos, projetos ou mesmo se parecia com ambiente dessa natureza! Portanto indaguei, intrigado.

— E, para que servem aqueles objetos, tipo capacete?

— Aguarde e lhe mostrarei. Por agora, desejo vê-lo desenhar!

— Sinto-me acanhado em lhe dizer da minha pouca tendência para o desenho. Por certo, se soubesse da minha incapacidade, não me convidaria!

— Não importa como você se julga. O importante é experimentar e você vai fazer um sugestivo desenho. Para tanto, sente-se aqui.

Assim falando, indicou-me uma daquelas banquetas, na qual acomodei-me. Em seguida, ele colocou um dos capacetes na minha cabeça para, depois, dirigir-se até a prateleira e de lá trazer uma das telas redondas, depondo-a na minha frente.

Pedindo que me aquietasse, movimentou o dispositivo, tipo pião, girando o ponteiro por sobre os minúsculos traços da faixa que me ficava defronte sobre a mesa. Concomitantemente, o farol sito vis-à-vis na parede, projetou uma luz que me atingia o rosto e todo o capacete.

— Pense num objeto qualquer que pretenda desenhar e fixe fortemente os seus pensamentos nos seus contornos. Procure proceder a um desenho mental da melhor forma que puder. Faça isto com muita atenção, recomendou-me o dr. Jânsle.

Com os olhos cerrados, instintivamente, pensei no Cristo Redentor que se encima ao morro do Corcovado, no Rio de Janeiro. Diligenciei para recordar sua configuração, com os braços estendidos, cabeça um tanto inclinada e pés assentados na sua colossal base.

Não findara a minha concentração íntima á cata dos pormenores daquele estupendo monumento e, já, sentia a mão do dr Jânsle, tocando-me de leve. Abrindo os olhos vi, com imensa surpresa, na tela posta sobre a mesa desenhado o contorno do Corcovado, tendo ao alto o Cristo Redentor, de braços abertos, exatamente, como o havia mentalizado!

— Como pode dar-se esse milagre; isso não é bem um desenho, exclamei.

— Sim, isto não é exatamente um desenho, mas a fotografia do seu pensamento!

Por longos minutos fiquei pensativo, ao mesmo, tempo que observava aquela fotografia, imaginando a forma de poderem ter conseguido obtê-la. Ruminando tais concepções, dirigi-me ao dr. Jânsle.

— Não me conformo com isso. Eu estava de olhos fechados e tinha vontade de fazer uma nova experiência.

— Se você deseja dissipar dúvidas, façamos outra experiência, pense no que quiser, porém conserve os olhos bem abertos!

Dito isto, foi buscar o meu interlocutor outra tela e, como o capacete já se encontrava na minha cabeça, limitou-se a girar o mesmo dispositivo na mesa, cujo ponteiro avançou para esquerda no sentido dos riscos.

Outra vez, o jacto de luz projetou-se em meu rosto e fiquei atento à tela, sem que o foco me

prejudicasse a visão.

Procurando fugir a tudo quanto me tivesse rodeado no ambiente terreno, lembrei-me da estátua da Liberdade na entrada do porto de Nova York, cuja visão tivera, há poucos dias, por meio de um filme natural assistido em um dos cinemas da Capital.

A medida que ia focalizando mentalmente aquela obra gigantesca, surgia na tela, em consonância, os mesmos motivos, isto é: a cabeça com a corôa, o braço erguido empunhando uma tocha, a sua vestimenta, o pedestal e o panorama intimamente imaginado!

Completando-se o quadro, o dr. Jânsle reconduziu o dispositivo ao seu lugar e a luz apagou-se. Em seguida, livrou-me do capacete, repondo-o sobre a mesa, dizendo:

— Está satisfeito, agora?

— Satisfeitíssimo, Nem sei o que dizer!

— Como vê, o nosso departamento de desenho dispensa o uso de escalas, compassos, lápis, tinta, pantógrafos, câmaras de ampliações, modelos, mapas, etc...

— Realmente, notei que dispensam até quadros e fotografias, como usamos, habitualmente, dependurados nas paredes de nossas casas. Atalhei muito admirado.

— Guardar fotografias de certas pessoas seria rememorar um ser efêmero, ou seja, o corpo material. Para nos recordarmos dessa pessoa é dispensável ter sob nossos olhares a sua fotografia. Guardamos indelevelmente em nossos corações os seus dotes de bondade e suas ações mais benéficas em prol da coletividade. Então, é a parte imaterial que jamais se apaga de nossa memória! Quanto aos quadros da

natureza, nós os consideramos prenhes de uma visão fictícia, pois eles não captam a pureza, a essência ou a magnitude que se irradia nas plantas, flores e vegetação. Nada como sentir a natureza tal como é, razão pela qual permanecemos, parte de nossa existência em contato com ela, a fim de revigorar nossos sentidos. O homem terreno está na estrita obrigação de travar relações com a natureza, pelo menos, umas seis horas, semanalmente!

Após essa conversação, abstraí-me em reflexões e voltei a analisar os detalhes do esplêndido quadro. Assim, absorto como estava, não vi o dr. Jânsle sentar-se ao meu lado e, só quando suas mãos me tocaram, percebi a sua atitude. Voltando-me, imediatamente, para o seu lado deparei com o seu olhar compassivo.

— Isto aqui é uma enormidade!... disse-lhe eu.

Se eu falar deste Planeta para a minha gente, eles não darão crédito e, naturalmente, responderão com palavras irônicas e zombeteiras. Taxar-me-ão de maluco!

— Sim. Respondeu-me ele. Há os incrédulos indecisos, os dúbios, os mais esclarecidos e os cômicos para admitir a pluralidade dos mundos humanamente habitados. No entanto — preveniu-me o dr. Jânsle — quando isso acontecer, limite-se a dar um fraternal sorriso; se os músculos se contraírem, impedindo-o de sorrir, então tenha compaixão desses seres, e ficará conhecendo a pouca fé daquele que zombou de suas palavras.

— Mais do que nunca, avalio o quanto se enganam os ansiosos de acumular fortunas na insana exploração de humanas vítimas, locupletando-se com o sacrifício dos seus semelhantes.

— Tome sentido no que lhe vou dizer:

Se...
O homem usa;
Terra fértil,
para plantar;

Água limpa,
para beber;

Alimentos puros,
para ingerir;

Porque não imitar a
fertilidade terrena,
semeando boas ações?

A limpeza da água, em
limpos pensamentos!

E os alimentos puros, em
Pureza de seu Coração!

Porque?...

Neste tom, aprofundou-se em considerações de ordem filosóficas, alongando-se durante todo o exíguo tempo que me restava permanecer naquele gabinete e, mais ou menos, versaram sobre isto.

Faça de seu Coração, um grande hotel!
Selecione seus hóspedes.

Se todas as suas dependências estiverem tomadas pelo Amor, tolerância, e fraternidade, ao ser

procurado pelo ódio, rancor, e desonestidade, estes não mais encontrarão alojamento.

Resume-se em mais bondade, chutar uma casca de banana da calçada;

Do que, ofertar um cesto cheio de frutos a alguém.

Enquanto o animal ataca e fere para obter alimentos indispensáveis à sobrevivência, o homem o tem em fartura. Sabe como consegui-lo! Então, porque matar, exaurir, explorar, se usando critério e ponderação resolveria tudo, na equanimidade satisfatória para todos os seres?

O homem difere do animal pelo raciocínio, porém, é mais feroz! Seu passado, sua história, resumem-se num amontoado de consecutivas guerras e seus poucos períodos de paz é repassado de orgias e degenerantes bacanais que, novamente, os situa em condição inferior aos irracionais!

É verdade que a vida é movimento é progresso, mas um movimento e um progresso racional, porém o homem terreno criou, e está alimentando, um progresso irracional e unilateral.

São estas as ponderáveis razões de seus sofrimentos!!...

Volvendo para os primórdios de sua humanidade, verá o homem buscando inventar novos armamentos na infundável ânsia de domínio do mundo. Sempre houve os que pretenderam dominá-lo pelo poder das armas, contudo, jamais foi ou será conseguido!

Ai, está a bomba atômica! Pelo fim deste século o homem terreno encontrará o raio que denominamos "PULVEDESINTEGRADOR", o qual lançado sobre uma cidade, há dezenas de milhares de quilômetros, a

pulverizará em minutos, deixando seus habitantes reduzidos a um amontoado de pó branco!

Os aviões, em pleno voo, ao receberem o impacto desses raios desintegrar-se-ão como uma nuvem de pó, o mesmo acontecendo aos navios! O mar se cobrirá em grande extensão de uma tênue camada desse pó; sequer permitirá recordar o possante navio de guerra que o singrava!

Mesmo assim afianço-lhe: ninguém dominará o mundo!

Os homens se curvarão respeitosos ante os que tornarem obrigatório os estudos. Aos padeiros, mecânicos, agricultores, pedreiros, maquinistas, limpadores de peças, quando estes representarem, ao mesmo tempo, outros tantos engenheiros, médicos, técnicos e cientistas! O país onde um simples rebitador for um engenheiro, o plantador de hortaliças, um médico, o consertador de rádios, um professor, assim sucessivamente, ditará a paz ao mundo. Não por meios mortíferos, mas pela pujança do saber que se irradiará entre os demais povos! Caberá aos seus componentes iniciar a consubstanciação das raças.

Presentemente, ao atingirem a fase culminante do entendimento, na quase geral compreensão da necessidade do apuro de sentimentos nobilitantes, ilogicamente chegam a pregar a necessidade da dor para evoluir. Se a evolução tivesse por pedestal a dor, então seriam obrigados a evoluir compulsoriamente, isto é, sem, mérito algum.

Evoluiriam os homens pela dor se lhes fosse dado alijarem-se dela a qualquer momento. Entretanto, como são forçados a sofrer, nada mais fazem que resgatar os débitos contraídos no passado. Saldados

esses débitos, tão logo estivessem quites com a justiça universal, então estacionariam na escala evolutiva do ser, não mais ascendendo!

Em verdade, a evolução se obtém pela prática de boas ações, pela tolerância e bondade mental; em suma, pelo nosso amor ao semelhante, qualidade que somos abrigados a usar, senão pelo livre arbítrio!!.

Daí, se aduzir não ser a dor veículos evolutivo e se ela nos atinge é porque nos fizemos merecedores de sua ação! É a justa recompensa, a paga honesta dos nossos próprios atos, pois lhes foi ensinado: A sementeira é livre, porém, a colheita é obrigatória!

Contribui, sobremaneira, para alimentar a incompreensão entre os homens a questão racial. Com idiomas diversos, os grupos raciais se traduzem em facciosismo prejudicial, gerando a intolerância, discórdias e fomentando o germen da belicosidade.

Concórdia e paz advirão, como suplemento, quando da existência no vosso orbe de uma só raça e de um só idioma. Urge, pois, se iniciar a consubstanciação fornecendo cada uma delas a sua peculiar contribuição característica inata, assim:

Inteligência, pela raça Branca;
Resistência física, pela raça Preta;
Perspicácia e a Destreza, pela raça Amarela;
Perseverança e Austeridade, pela raça Vermelha!

O homem terreno está no dever de retroagir e concomitantemente iniciar o cruzamento das raças, a fim de apurar, em conclusão lógica, uma só raça! Raça definitiva para herdar os predicados e aptidões das que, atualmente, se encontra disjuntas!

A, esta altura, o dr. Jânsle colocou, paternalmente, as suas mãos sobre os meus ombros e olhando-me profundamente, assim se expressou.

— Vou lhe transmitir uma mensagem. Preste atenção no que lhe disser!

Sua missão está finda e a minha gente lhe é, imensamente, grata pela sua presença. Até agora, você foi o único habitante terreno a visitar-nos neste longínquo Planeta, e, disso, se mostrou muito digno. Pedem, agora, os meus concidadãos para, diretamente, lhe transmitir a nossa mensagem, endereçada a todos os homens de boa vontade do vosso Planeta.

Abrindo um parêntesis: o teor dessa mensagem ficou reservada para o fim deste livreto.

— Apreciaria muito sua permanência entre nós, contudo necessita o Amigo regressar. Se tiver de formular perguntas, faça-o durante a viagem.

Deixamos o Gabinete de Desenho e um volitor nos aguardava distante uns 40 metros. Subimos para ele e num instante já descíamos do outro lado daquela área, no campo de experimentação!

Do alto, via multidão aglomerada nos aguardando para, segundo o dr. Jânsle, assistir a minha despedida e me formularem os votos de uma feliz viagem de regresso.

Abandonamos o volitor e, mais adiante, o disco interplanetário se aquietava sobranceiro, como a dizer: aqui estou para servi-los, Calmamente fomos ao seu encontro e nos receberam os mesmos dois tripulantes que me vieram buscar à beira do rio Paraibuna.

Indaguei-lhes da maneira pela qual me despediria daquele povo, pois me seria impossível cumprimentar um por um, me asseveraram: será

suficiente o acenar das mãos para que se satisfaçam com a sua atitude.

Uma vez tendo me alçado para o disco, de pé à sua porta, levantei os braços e acenei de maneira cordial. Num segundo, sob o mesmo impulso, milhares de mãos responderam o adeus que eu, emocionadíssimo, lhes endereçava.

CAPÍTULO XVI - DE REGRESSO A TERRA

O volitor principiou a subir vagarosamente e na expressão do olhar daquela gente percebia o sentimento de compaixão pela minha pessoa. Reconheciam a obrigatoriedade do meu regresso a um orbe mais rudimentar!

Tristonho busquei o interior da astronave, indo-me juntar aos demais companheiros de viagem.

Pelos visores naturais do volitor via, lá em baixo, homens, mulheres e crianças acenando para nós, porém estava impossibilitado de responder às saudações. Condiçionava-me a pensar que deixava um Mundo de paz e amor para enfrentar o da luta e do desassossego.

Envolvia-me um emaranhado de pensamentos. Nem sequer notei quando a porta cerrou-se. Desse estado de absorvência fui tirado pela pressão dos dedos do dr. Jânsle apresentando-me o copinho com o mesmo líquido que ingerira, quando da nossa partida da Terra.

Nada mais restando fazer que guardar saudosa recordação daquele desconhecido Planeta e de sua gente, tomei o precioso líquido, indo assentar junto ao dr. Jânsle para desfiar, se possível, um rosário, de perguntas. Ao pressentir a minha intenção aquele cientista sorriu e disse, pode perguntar! De início, desejo fazer quatro perguntas:

1.^a Qual o motivo que as casas, objetos, jardins, enfim quase tudo é arredondado?

2.^a Porque é que os planetas são bem maior uns do que outros?

3.^a Porque, os planetas nunca chegam a um

ponto final, se eles estão em movimento e andando sempre?

4.^a Porque o sr. disse, mesmo que nossos cientistas conseguirem chegar a outro planeta, há hipótese, que jamais voltarão?

— Para a sua 1.^a pergunta respondo que:

Procuramos fazer tudo redondo para mais de perto seguirmos a própria natureza em uma das suas mais belas expressões. Veja que desde os frutos, árvores até as incomensuráveis massas celestes girando no espaço nos indicam a tendência da forma. Ora, discordar da sabedoria da natureza, seria contrariar a ordem natural, violentar os seus ensinamentos, o que não é concludente. Assim, afastamo-nos das anomalias para abraçarmos o lógico. Para a sua 2.^a e 3.^a perguntas, tenho a dizer: Por todo o Universo, os planetas, com suas partículas visíveis e invisíveis, e luz, calor, som, substâncias, matéria e elementos, tudo enfim é esférico, os mundos agem viajam e se desenvolvem a um máximo, em tamanho e esplendor, isto em trilhões de anos, para depois ir decrescendo desagregando-se e expelindo suas partículas, substâncias matéria elementos para outros planetas em desenvolvimento, até reduzir-se a um mínimo invisível e imponderável que é o Núcleo, Centro das Irradiações Cósmica e Evolutiva, (VIDA).

Peregrinando pelo espaço sem fim novamente este núcleo começa a tomar “corpo visível e se desenvolve, gravitando dentro de seu sistema solar, recebendo substâncias e elementos de outros planetas com o máximo já desenvolvidos e em decréscimo, mas isto sempre em movimento e em sentido circular, mesmo porque na imensidão do Universo não existe a

linha reta.

Conclui-se, não existindo começo e fim de uma linha ou ação, entende-se por infinito.

Para a sua 4.^o pergunta tenho a dizer: Os cálculos em medida de tempo, para viagens interplanetárias, dentro de seu mundo é um, fora dele é sensivelmente diferente. Também assim, as distâncias, e velocidade, dentro de um e outro planeta.

E te esclareço mais isto:

O cérebro humano é sintonizado com as rotações do planeta em que se vive.

Estas rotações é que nos dão proporções exatas na circulação sanguínea, nos dão o equilíbrio cerebral, e este, o raciocínio.

Se o homem da terra quiser viajar para outro planeta, poderá fazê-lo, desde que este tenha a mesma rotação terrestre, do contrário, ao pousar em outro orbe, esse turista cairá por terra, e o cérebro não raciocinará, e o sangue terá outra circulação, de acordo com a maior ou menor quantidade de rotações do planeta visitado.

Portanto, não lhe será possível, subsistir!

Dr. Jânsle, o sr. se referiu ao desenvolvimento da luz nos planetas?

Sim, quando essa luz inata estiver no auge o planeta permanecerá feericamente iluminado, pois essa luz é emanada do Centro das Irradiações Cósmica e Evolutiva.

Aliás essa luz já despontou em seu planeta, só que ainda é imperceptível a olho nu. Com o decorrer dos séculos, em que a atmosfera terrestre vão se tornando rarefeita, então os raios solares já não se encandecerão tanto ao contato com o oxigênio, e não

mais produzirão esse calor insuportável de hoje, tornar-se-á um calor confortável e revigorante para as plantas, homens e animais.

Mas em consequência os raios solares de então já não produzirão a mesma claridade, advindo daí que o planeta tornar-se-ia nublado se não estivesse possuído de luz própria. Nesta época o planeta já estará verticalizado, então haverá somente duas estações; três meses Outono e, nove meses Primavera. Agora, sou eu quem indago da sua pessoa, gostou do mundo onde tudo é arredondado?

— As palavras não traduzem o que me vai na alma, nem os meus sentimentos de gratidão para com todos, sobretudo extensivos a sua pessoa. É com franqueza, achei tudo maravilhoso e encantei-me por tudo. E, fazendo uma pequena pausa, acrescentei: sinto não permanecer por mais tempo ou mesmo continuar a viver aqui, neste ambiente de calma e de tranquilidade, onde passei horas de inigualável satisfação no prazer de ser recebido com sincera fraternidade por todos. Compreendo melhor, agora, porque Jesus, disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas...”

— Meu irmão, não se entristeça e não se lastime por não poder ficar, no momento, entre nós; mas, um dia você alcançará a graça de viver neste Planeta!

— Mas, isso, vai demorar muito? Indaguei cheio de curiosidade.

— Pelos meus cálculos você deverá estagiar em, mais ou menos, 28 planetas diferentes, aprendendo, cada vez mais, pelo estorço, estudos e desenvolvendo o amor ao próximo!

— Então podemos ter mais de uma vida em cada

planeta?

— Afirmo-lhe que a vida é uma só e eterna. Entretanto, fazemos os nossos estágios atravessando as fases da vida pelos diversos planetas. Quase sempre repetimos a lição três, quatro, oito e até dez vezes, vivendo no mesmo orbe!

— Como pode-se explicar essas fases da vida, doutor?

— A vida e suas fases resumimos, assim. E, passou a tecer considerações que tento reproduzir.

Tomemos um cone circular e o coloquemos com a parte mais aguda, ou seja, a menor, para baixo. Em torno de sua periferia em cuja altura medir, precisamente, um metro de circunferência, colocamos um metro com seus mil milímetros, até que suas pontas se toquem.

Contíguo a esse metro ajustamos outro de borracha em volta do cone, porém precisamos esticá-lo para que suas pontas se toquem. É claro, portanto, que pretendendo abranger superfície maior nos veremos na contingência de esticar esse metro de borracha, provocando dilatação entre seus milímetros. Como consequência, os milímetros do segundo metro tornam-se maiores.

Se acima do segundo metro colocarmos um terceiro, é evidente que este metro precisa ser mais repuxado, ficando, assim, os seus milímetros maiores.

Após o terceiro metro, se pusermos o quarto metro de borracha ele ficará, ipso-facto, mais reteso e os seus milímetros serão, ainda, maiores, porque maior foi a superfície a ser coberta.

Procedendo assim, sucessivamente, envolvendo o cone com metros de borracha até chegarmos a sua

boca, é obvio que o último metro será o mais tenso por ter coberto superfície mais ampla. Conseqüentemente, os seus milímetros ficarão bem mais separados e condicionados em maior dimensão!

A esta altura, tocou-me com uma das mãos, dizendo.

— Preste atenção no que lhe vou dizer. Este cone é a vida e aqueles milímetros são as fases da vida, ou os nossos diversos estágios. Iniciamos no primeiro metro e de milímetro em milímetro vamos prosseguindo até completarmos a volta do cone, então, teremos percorrido mil milímetros, cada um representando as mil fases da vida!

No segundo metro, começamos igualmente a atravessar as outras mil fases da vida, porém, neste caso, como o metro está um pouco mais esticado e seus milímetros são maiores, também as fases da nova vida são mais longas e maior o seu aprendizado, Por conseguinte, após muitos e muitos anos de prática do BEM, vencendo dissabores e contratempos, atingiremos o terceiro metro.

— Como é natural, neste terceiro metro os milímetros são mais compridos e teremos de percorrê-los com maior exercício do nosso livre arbítrio, ganhando em mérito para nos transportarmos ao quarto metro! Desta maneira, de fase em fase, de metro em metro, de evolução em evolução passaremos através do cone que representa a Vida. A vida que Deus na sua excelsa magnanimidade se dignou conferir-nos. E, findando a sua explanação, aduziu: eis, o processo evolutivo que lhe conferirá a tão desejada oportunidade de viver neste Planeta!

— Achei a sua explicação maravilhosa e a

imagem encantadora para me demonstrar o que é a Vida. Se me afigurou feita com todos os pormenores. No entanto, desejaria saber qual a altura e o diâmetro desse cone?

— Meu irmão, a altura desse cone é a altura do Universo que podemos qualificar de ilimitada e o seu diâmetro, igualmente, ilimitado!

— E, qual a verdadeira base desse cone: O que somos, o que fazemos e para onde vamos? Alvitrei, duvidosamente.

— Em poucas palavras procurarei fazer-me compreensível, disse o dr. Jânsle. As bases deste cone se resumem em três pontos vitais: Nascer, Sentir e Evoluir! Cada um com a sua significação.

NASCIMENTO: a mais sagrada de todas as coisas!

SENTIMENTO: formação evolutiva do ser!

EVOLUÇÃO: a razão de todas as coisas criadas!

Assim, com o nascer recebemos a síntese da sagração, que é partícula divina e centelha do amor; com o sentir e o compreender, ganhamos a grandeza e o esplendor das criaturas perfeitas; com os sucessivos ciclos evolutivos, somos conduzidos para mais perto de Deus, nosso real objetivo!

Em resumo:

“Somos resultantes de um ato Divino” — Nascimento!

“Cultuamos o bem e nos desenvolvemos” — Sentimento!

“Viajores perenes da eterna jornada” — Evolução!

Tinha a atenção inteiramente presa aos proveitosos ensinamentos da sua filosofia, procurando

assimilar bem o sentido de suas palavras, quando o dr. Jânsle, procurando me consolar acrescentou.

— Não se apoquente muito, volte para o seu mundo que é generoso e risonho quando se sabe conduzir a vida. Não a amargure com reflexões, condicionando-a ao que não pode obter, agora. Ao contrário, de futuro, terá um novo campo de ação por distinguir com mais amplitude a razão de ser das coisas e se dedicará proveitosamente a obras dignas que lhe trarão íntima satisfação, Procure difundir o que viu e assistiu e, se puder, escreva um livreto enfeixando os relatos desta viagem. Prometemos voltar e, futuramente, lhe propiciaremos uma outra viagem.

— Então, quer dizer que me vai ser dada aventura de tornar a rever o seu mundo? Que isso aconteça o mais depressa possível, são os meus votos afirmei com desusado entusiasmo!

— Na próxima excursão lhe mostraremos, então, mais três planetas para você ter uma ideia pálida da diversidade da constituição dos mundos, dentro da concepção que aludiu: "Na casa do Pai há muitas moradas" e, prosseguindo passou a narrar.

Em palestra que mantivemos já tive oportunidade de citar o primeiro deles. Esse encontra-se na fase antediluviana, numa espécie de período quaternário da Terra, onde seus habitantes arrancam as raízes do solo com as próprias mãos e as devoram com suas impurezas.

O segundo Planeta que pretendemos lhe mostrar, você terá a insatisfação de ver a sua superfície coberta de 96% de água!

Nele os seus habitantes conhecem a agricultura, porém lutam com tremenda escassez de alimentos.

Semeia-se nas suas terras inóspitas e inconsistentes e a planta nasce, porém, quando muito bem tratada produz um único fruto e dentro de um intervalo correspondente a oito meses do vosso calendário! Assim, um pé de feijão produz uma única fava; um pé de abóbora, uma única abóbora e uma laranjeira, uma única laranja. Avalie, portanto, a luta travada por esses seres, que mais se valem do elemento aquático do que de substância do próprio solo!

Apesar de serem velozes nadadores e exímios mergulhadores, fazendo inveja ao mais completo nadador do vosso orbe, constantemente são obrigados e enfrentar o produto do meio ambiente, representado por monstruosos e horripilantes animais aquáticos. Gigantescos lagartos e outros animais de grande porte semelhantes aos extintos brontosaurus, dimetrodons e demais congêneres da época antediluviana os atacam. Esses animais, dotados de uma ferocidade ímpar, têm a propriedade de, por sucção, atraírem para suas mandíbulas as suas infelizes vítimas!

Tais entes não estão muito distanciados da compleição orgânica do peixe. No líquido elemento são fortes e destros, porém fora da água são de espantosa fragilidade, suportando, quando muito, — um ser adulto — uma carga de 25 quilos!

O terceiro Planeta é muito avançado e podemos denominá-lo esfera LUZ; talvez lhe seja dado presenciar por meio de um visor especial.

Lá, os seus habitantes não possuem corpo tão denso, são, por assim dizer, semimateriais. Vivem longamente, cerca de 3.600 anos do vosso tempo; dispensam os alimentos sólidos ou líquidos, mas absorvem da atmosfera as substâncias exaladas. Ao

respirarem, já se alimentam! Suas vidas se processa em condições excepcionais e os seus trabalhos cingem-se, exclusivamente, ao que concerne ao espírito numa conjugação tão potente de força mental que, para prostrar-nos inconscientes e imóveis lhes é suficiente a vontade!

Tempo e espaço para eles pouco significam, pois com a força do pensamento sobrepujam a ação do tempo, bastando-lhes os indícios de uma emissão mental maligna para concretizarem o mal!

É-nos permitido de épocas em épocas sintonizar em nossos televisores esse orbe, do que nos advém benefícios incomuns, incentivo ao progresso, à elevação de sentimentos e de um modo geral o reconforto, bem como a esperança de lá, um dia chegarmos!

— Mas, é possível tanta força com o pensamento?

— Lembre-se, meu irmão, de que em seu Planeta foi, claramente, ensinado: A fé remove montanhas, e a fé é a sua expressão mais pura!

— Tenho a certeza de que ao tentar me referir a respeito desses mundos à minha gente, eles me retrucarão: você está falando asneiras. Foi o teor da minha afirmativa ao dr. Jânsle.

— Já o avisei de que, quando isso acontecer, limite-se a sorrir fraternalmente.

A seguir, mais uma vez, tornei a importunar o dr. Jânsle inquerindo-o sobre o fato da nossa humanidade viver num constante emaranhado de polêmicas e incompreensões, solicitando de sua pessoa esclarecimentos.

Entre outras coisas, recordo-me que o meu

interlocutor aludiu a certos pontos precisando elementos que pretendo, agora, reproduzir. Em conclusão, disse-me ele: se a vossa humanidade usasse a grande inteligência de que são dotados os seus componentes, alijando de si a vaidade e o egoísmo numa mutua colaboração, isto é na cooperação efetiva da prática da boa vontade em seus atos com o fito de minorar os sofrimentos dos seus semelhantes; se tentassem a difusão dos conhecimentos científicos indispensáveis ao progresso coletivo num pródigo auxílio de recursos materiais aos povos menos afortunados, teriam como sequências resultantes benefícios reais que, dentro de 30 anos, se traduziriam como por encanto em:

a) — desapareceriam das mentes humanas o fantasma das guerras;

b) — exterminar-se-iam grandes partes das suas atuais enfermidades, colocando em verdadeiro paraíso muitos dos seus flagelados agrupamentos;

c) — jamais se permitiria a substituição do trabalho pelo estudo, impedindo o trabalho da juventude até a sua maioridade quer na indústria ou no comércio, pois este ambiente concorre para a desvirtualização de sua formação moral.

Como resultante de tais premissas surgiria, naturalmente, intensa proteção à fauna e à flora, evitando-se a impiedosa devastação que se pratica com evidente perigo de sua própria sobrevivência; a redução e aprimoramento da sua alimentação com a conseqüente abolição da carne; equivalência cultural entre trabalhadores e operários; eliminação de 90% dos hospitais, casas de saúde, penitenciárias, cadeias, asilos e manicômios; grande redução no número de

horas de trabalho; as leis e decretos passariam a ser meros preceitos legais; as forças armadas deixariam de existir e, finalmente, todos viveriam mais uns 40 anos e, sobremaneira, suas indumentarias seriam reduzidas.

Decorridos esses 30 anos, então, a vossa humanidade estará às portas do terceiro milênio e no processamento da verticalização do planeta advindo, apenas, duas únicas estações no ciclo anual — outono e primavera. A esse tempo a alimentação poderá constar, exclusivamente, de frutas, hortaliças, ovos, leite e seus derivados, grandemente acrescida das preciosas variedades aquáticas que se encontram em seus oceanos, sem dúvida um inesgotável manancial de variedades vitamínicas cuja utilização se concretizará para o aproveitamento dos seus verdadeiros valores nutritivos!

Após esses conceitos valiosíssimos que procurei transcrever, houve uma longa pausa na palestra que vínhamos mantendo.

Valendo-me desse interregno da conversa, aproveitei a oportunidade para fazer ao dr. Jânslé uma pergunta no sentido de satisfazer minha curiosidade. Assim, indaguei.

— Qual a velocidade dos volitores que eram chamados para nos servir, por intermédio das pequenas colunas?

— Trata-se de volitores preferenciais destinados a tarefas particulares e urgentes que servem a casos como o nosso, Ao ser solicitado, sua velocidade é da ordem de 2.600 quilômetros, entretanto, podem atingir trinta e três vezes mais!

Mentalmente fiz os cálculos de 33×2.600 e, tomando-lhe pressurosamente o braço, exclamei.

— Oitenta e cinco mil quilômetros por hora! Não estará o senhor brincando comigo?

— Porque haveria de brincar, se tenho sido tão sincero todas as vezes que me interroga!?

— Perdoe-me doutor a força de expressão, porém penso que a essa velocidade o volitor ficaria em brasa e não se poderia resistir ao seu calor!

— Sinto contrariá-lo no seu modo de ver, mas você não tem razão! Eu explico.

Foi assim que o dr. Jânsle principiou a dissertar sobre a velocidade dos volitores, dizendo: os materiais utilizados na confecção dos volitores são submetidos à alta velocidade e conseqüentemente, também, à pressão atmosférica. Podem se aquecer e se incendiarem até a desintegração. Mas, para contornar esse obstáculo, passamos a nos valer de um sistema de eliminação de calor, ou seja, adotamos um processo de refrigeração. Assim equipados, suportam os volitores, gradativamente, até 6.200 quilômetros e ultrapassando essa velocidade pomos em funcionamento um aparelho colocado no bojo para, desta vez, produzir aquecimento!

Motiva esta alteração o fato — para você inédito — de que acima de 6.200 quilômetros horários é o aparelho que desintegra o ar ou atmosfera, tendendo o volitor a se esfriar até seu completo congelamento!

Isto diz respeito às transladações em nossa atmosfera, cujos princípios são, em parte, aplicados nas viagens interestelares. Nos casos de viagens interplanetárias, como a que realizamos neste momento, a energia magnética ao lado da criação de campos adequados é o sistema preponderante utilizado, dependendo, ainda, de fatores de outra

ordem.

Daí, passou a discorrer sobre um complexo sistema de campos magnéticos, cuja matéria era muito superior ao meu entendimento e da qual nada pude concluir, por não dispôr de compreensão à altura. Lembro-me, porém, que finalizou a sua explanação com as seguintes palavras:

— ... nesse ponto, não mais utilizamos à alta rotação!

Ele voa sem girar — o que lhe parecerá absurdo —, contudo, mantendo os poros abertos, recebendo e gerando energia devido à alta velocidade, ele começa a tomar forma alongada. Ao atingir essa velocidade o controle dos poros se faz automaticamente para segurança do volitor!

O disco por você pilotado poderia ter sua velocidade, gradativamente, aumentada até 300 MIL quilômetros, que representa o ponto máximo de resistência para os volitores de uso intestino.

Quanto aos de uso interplanetários ou interestelar, como disse, fatores diversos entram em jogo por vermo-nos na contingência de transpôr barreiras de natureza diametralmente opostos. E, tendo em vista as enormes distâncias a percorrer, a velocidade usual é da ordem superior a UM MILHÃO, cognominada por nós “ALCANCE LUZ”.

Finalmente, são alguns pequenos detalhes que lhe estou transmitindo, por reconhecê-lo tão interessado no assunto, concluiu o dr. Jânsle!

Caro leitor! Abrindo um parenteses em nossos relatos, desejo fazer sentir que, agora, reconheço a infantilidade de certas perguntas feitas ao dr. Jânsle, na ânsia de auferir ensinamentos para lhes transmitir,

e, dentre elas, mais esta.

— Com essas minúcias que o prezado Amigo me transmite seria possível ao cientista da Terra construir um volitor igual a este?

— Depende, meu irmão. Muito depende das suas finalidades e das que esse volitor se destinasse! Se não for aplicado no sentido do BEM, para atender propósitos humanitários, garanto-lhe que será quase impossível ao homem-cientista consegui-lo!

— Mas, o que uma coisa tem com a outra? Qual a influência no caso?

— É claro e insofismável. A Santa Sabedoria indica aos descobridores ou inventores o momento propício. Acaso, não observou a medicina, mormente no setor da cirurgia, a humanidade terrestre está adiantadíssima, entretanto em armas de guerra os homens estão atrasadíssimos.

É sempre a lei geral que regula os eventos dentro dos moldes evolutivos. Não pode haver dissonância entre o progresso material e a evolução do espírito!

A vossa medicina realiza milagres que os próprios cientistas-médicos não compreendem ou explicam. Pois sua ação se alicerça no objetivo de minorar as dores, em atenuar sofrimentos, portanto o seu progresso e desenvolvimento se faz graças ao sopro da Inspiração Divina. É a EXCELSA MAGNANIMIDADE a permitir maior grau evolutivo, atendendo aos sagrados objetivos!

Logo que o médico terreno se compenetre da sua missão de verdadeiro sacerdote, então, a vossa medicina atingirá inconcebíveis páramos. Aí, reside a questão!

— Mas, os nossos aviões de guerra, os projeteis teleguiados, o radar, os canhões atômicos e a própria bomba de hidrogênio, acaso não são inventos moderníssimos?

Depois de esboçar um largo sorriso de complacência, como quem está senhor da situação e seguro de todos os conhecimentos, calmamente, ponderou.

— Reafirmando-lhe o nosso conceito, achamos tudo isso inoperante. Em hipótese alguma atacamos ou tememos ser atacados, eis porque julgamos dispensável esse poderio bélico que você acaba de mencionar. Pense neste axioma: se você possuísse uma boa faca para cortar e um grande queijo bem macio para retalhar, você o faria, facilmente; não é assim? No entanto, sem vislumbres de ufania, apenas para estabelecer paralelo de potencial, asseguro-lhe que se utilizássemos os nossos raios guítricos a uma altura de 20 quilômetros, em alta frequência, retalharíamos o seu globo terrestre em vinte minutos, apenas!

— Transformá-lo-íamos em miríades de minúsculos corpos vagabundos e possíveis meteoros derramados pelo sistema solar. No atendimento das leis que os regem, aguardariam seu completo desaparecimento até a desintegração pela incandescência ou a fusão com outros mundos em desenvolvimento, para os quais seriam, fatalmente, atraídos!

— Mas, isso é fantástico e inconcebível? Exclamei, afoito. Aqueles raios guítricos que vi nas oficinas perfurando peças? Repeti quase maquinalmente, ainda deslumbrado pela revelação!

— Exatamente, os mesmos raios ou seja à base

daquela mesma força. Meu amigo deve-se recordar que, na ocasião, afirmei estar sendo utilizado o raio guítrico para fins úteis e pacíficos, mas submetidos à alta frequência eram de inimaginável poder destruidor! O raio Pulvedesintegrador, ansiosamente buscado pela vossa humanidade, nada mais é que a combinação do raio Gama com outros elementos e ele não passa de mero auxiliar de nossos raios guítricos!

Por aí, o amigo tem uma base para aquilatar do seu poder destruidor!

O globo terráqueo não possui em toda a sua contextura um metal tão resistente quanto àquele, facilmente, perfurado em nossas oficinas. Ademais, considere que viu raios guítricos seccionados, em proporções reduzidíssimas de força e poder. Isento dos seus efeitos maléficos. Improcede, pois, a sua estupefação!

— Para mim, disse-lhe eu, a sua exposição é transcendente e a minha inteligência não atina com possibilidades de certos fatos, no meu modesto entender inexecutáveis. Contudo aceito, sinceramente, os seus esclarecimentos e sinto-me honrado pela sua deferência em me dar tão grande atenção. A sua conversação é atraente e elevada que me condiciona a um minúsculo peixe atirado num grande rio.

— Você não é pequeno como julga, meu amigo! Você é dotado da centelha divina, como eu. No entanto, acredito tê-lo entretido com a minha palestra, pois, parece-me não ter percebido estarmos prestes a chegar. Já vamos aterrizar próximo ao sítio onde o recolhemos!

Imediatamente, corri para os visores e distingui o mar e uma série de montanhas, parecendo-me que

deslizávamos em ângulo inclinado, quando um dos tripulantes movimentou uma das alavancas do painel e a astronave passou a descer em sentido vertical, sempre com a mesma prodigiosa velocidade.

Agora, estávamos à baixa altura; vi, ao lado, uma cidade que seria Paraibuna, quando descrevendo uma rápida curva o disco estacionou.

Tive a sensação de que nos íamos chocar com a Terra, quando o volitor parou e, de uns 20 metros de altura, iniciou lenta aterrissagem, parando suavemente a meio metro do solo!

CAPÍTULO XVII - ENTRE OS MEUS

Positivamente, durante a longa narrativa do dr. Jânsle, percebi leve aumento de claridade no interior da astronave. Sem dúvida era uma decorrência da luz solar; no entanto, não tivera sequer tempo para indagar do fato!

Abriu-se a porta e saímos.

Fiquei pesaroso e sentia algo estranho. Qualquer coisa de esquisito passava-me em mim; achava desconcertante e desajustado o ambiente do meu próprio mundo!

Habituará-me, facilmente, ao conjunto maravilhoso do Planeta que visitara, às suas indescritíveis belezas e me encontrava como uma pessoa ao deixar formosa sala de visita para ingressar de inopino, numa rústica choupana.

Estranhei o sítio em que aterrissamos. Aquele campo coberto de uma vegetação raquítica, de enfraquecidos arbustos e raras árvores crescidas sob meio hostil.

— O rio fica perto e nesta posição, disse o dr. Jânsle, indicando-me a direção a tomar.

Ao mesmo tempo, tomou o meu pulso, olhou nos meus olhos, procedeu um rápido exame como fizera outras vezes e, assim, falou.

— Está tudo bem. Nos encontramos a menos de um quilômetro do local que o apanhamos, o qual fica para o lado de cima do rio. Agora, sei da sua satisfação em nos ter visitado. Como lhe prometi, trouxe-o de volta, satisfeito, cheio de saúde e nada lhe sucedeu!

— Dou graças a Deus. Sinto-me feliz por ter sido o primeiro intermediário entre a minha gente e o seu

nobre povo, dotado de uma civilização muito avançada. Se antes me considerava pequeno, agora, o sou muitos mais!

— Sabíamos dos seus dotes de coração, entre os quais se incluía paz e humildade e estamos satisfeitos por lhe havermos proporcionado este passeio!

Despediram-se de mim os outros dois tripulantes; também estendi a mão para o dr. Jânsle e como recordação final asseverei.

— O senhor disse-me valer mais um sincero, aperto de mão que um saco cheio de riquezas, não é verdade? Portanto, aqui está o meu sincero aperto de mão.

— Incontestavelmente, é assim!

Subiram, para o disco-voador e, de pé à porta, esboçaram um cordial sorriso. Acenaram as mãos e desapareceram no interior do aparelho que volitou até uns 20 metros de altura. Vi-os, ainda, através dos visores olhando para baixo.

Daí a instante o disco subiu até certa altura, ganhou impressionante velocidade, formando sob aquele céu escaldante uma bola de luz azulada e sumiu, em questão de segundos, da minha vista.

Grande foi o contentamento que inundou minha alma: comecei a sentir lágrimas nos olhos, pois descobri que existem seres humanos, verdadeiros anjos, de cujas corações se irradia a perene e pura grandeza de Deus: A BONDADE.

Por uns minutos fiquei parado e convencido da inutilidade de pretender devassar o espaço, procurei saber as horas. Consultei o meu relógio e ele marcava, precisamente, 17:06 horas do dia anterior.

Havia parado! Parado, assinalou, certamente, a

hora que eu havia ingressado no Disco-voador para encetar a viagem na tarde da véspera.

Pela altura do sol deveriam ser umas 10 horas da manhã!

Procurei caminhar na direção indicada e foi-me fácil encontrar o rio para a minha orientação. Subi marginando o seu leito, não tardando a encontrar a minha linha de profundidade que permanecia amarrada a um pequeno arbusto.

Dos meus sanduíches só restava o papel de invólucro que voara pouco mais longe. Recolhi a linha e continuei o caminho até divisar a cabana armada pelos meus quatro companheiros.

Descia um tope mais saliente do terreno, quando um deles, ao deparar comigo, gritou:

— Olhe o Rossi! Apontando na minha direção.

Da barraca saíram os outros três companheiros para certificarem-se da minha presença, O meu cunhado correu ao meu encontro ansioso por indagações.

— O que lhe aconteceu, rapaz? Onde passou a noite? Procuramos você em toda a parte, em que diabos se meteu?

Pela promessa feita ao dr. Jânsle de guardar segredo, durante oito dias, da minha inesperada viagem, limitei-me a responder.

— Não me aconteceu nada. É que desci muito lá para baixo e fiquei pescando a noite toda!

— Onde estão os peixes, você não pegou nada?

— Apesar de me parecer local piscoso, nada paguei!

— A sua cara não é de quem passou a noite no mato. A sua fisionomia está diferente, afirmou, ele.

Fiz aquele trecho em companhia do meu cunhado, respondendo da melhor forma suas perguntas e a entrada da barraca os meus três companheiros me aguardavam.

— Você nos pregou uma peça, disse um deles.

— Pensamos que tivesse morrido, alegou o outro. Fomos procurá-lo por toda beira do rio e ficamos apreensivos!

A opinião era geral, as alegações se sucediam com amarga censura pelo meu procedimento e não se cansavam de me recriminar pelo sucedido.

— Bonito! Você me desaparece ontem e me surge, agora, às dez e meia (10:30 horas) com cara de quem comeu e não gostou. Imagine o susto que nos pregou. Já íamos dar parte na delegacia do seu desaparecimento, alegando possibilidade de afogamento.

— Rossi! Aqui tem um resto de sanduíche e um pouco de pinga. Coma, porque pretendemos sair lá pelo meio-dia.

Assim dizendo, mostrou-me alguns peixes que haviam conseguido pescar. E com ênfase acrescentou.

— Isto é que é ser pescador. Você anda léguas e nada consegue. A próxima vez vou te dar umas lições de como se fiska um dourado!

— De pescaria você só tem prosa. Intervalou o outro companheiro, afirmando: A boia está naquela sacola.

— Não quero nada, não tenho fome, respondi.

— Você está sem fome! Passou a noite toda acordado e me vem com essa. Você come igual a um monstro e nada quer, agora! Concluiu um deles.

— Olhe, afirmou outro. Para mim você andou na

casa de algum caipira pela beira do rio e na certa achou uma cabocla. A sua fisionomia não nega. Vá contar isso a outro!

— Estou meio indisposto, declarei pera finalizar a conversação.

— Indisposição não deixa ninguém com ar pensativo como você está. Pode parecer mentira, mas o seu jeito é de preocupação; com certeza você andou fazendo alguma arte esta noite!

Durante o tempo que os auxiliei a arrumar a bagagem para dispô-la no automóvel, de volta a São Paulo, fartei-me de ouvir o léro-léro dos meus companheiros. Isso, perdurou toda a viagem. Embora novidades surgissem pelo caminho, sempre que se deparava ensejo repisavam o acontecido, acentuando o fato de eu estar macambúzio.

Aquela noite não achei acomodação no leito.

Na manhã seguinte em lugar de me dirigir para o serviço, como habitualmente o fazia, fiquei perambulando pela cidade, sempre com os pensamentos voltados para aquele orbe onde fora levado.

Atravessava as ruas da cidade meditando no acontecido; tudo se me afigurava tão irreal e incrível, dir-se-ia que me libertara de um mágico encantamento!

Após haver tomado uma refeição num restaurante, fui ao cinema a fim de espairecer. Finda a sessão, retirei-me absorto, e ainda monologava comigo mesmo sobre tudo quanto presenciara.

Não obstante procurar me distrair ou enganar a mim próprio, traíam-me as ideias fixas!

Decorreu-se a semana e os comentários eram

visíveis. Feitos na minha presença com a preconcebida intenção de me arrancarem algo. Entreviam qualquer coisa de anormal, porém, eu resolvera silenciar!

Na fábrica, na hora do café, eram comuns os reptos desse naipe.

— Você já notou como o Rossi mudou depois daquela noite que andou sumido, lá na beira do rio? Acho que ele viu assombração! Afirmação de uns.

— Isso mesmo, desde aquele dia o rapaz perdeu a alegria de viver. O coitado está tristonho, qualquer novidade houve, parece que ele anda meio no ar! Diziam outros.

Recordava-me à noite de certas passagens e de pontos abordados pelo dr. Jânsle em conversa:... e a Terra tornar-se mais fecunda, quando pisada pela mulher. A missão da mulher é muito mais elevada que supõe o homem! Posso afirmar ser a sua missão altamente moralizadora, visto ela possuir o sentimento inato da nobreza. Elas não deveriam trabalhar na indústria ou no comércio. Seria imprescindível zelar pela conservação de sua saúde, dando-lhe campo propício de trabalho. Suas faces tornar-se-iam bronzeadas e a sua saúde verteria com exuberância se os seus afazeres se conjugassem com o ambiente campestre; a esbelteza do seu físico realçaria. Pelo campo, e através do campo, a mulher será emancipada um dia.

As plantas são mais visórias, as flores produzem mais perfume e as frutas são mais doces quando tratados pelas mãos da mulher. E, assim, ficava recordando, durante horas das magníficas preleções do dr. Jânsle.

Contudo, evitei fugir ao compromisso assumido,

fiz hercúleos esforços para dar cumprimento à palavra empenhada. Resolvi aguardar a próxima segunda-feira, quando se expirava o prazo concedido.

Durante o intervalo de 15 minutos, à hora do café daquela segunda-feira, reuni os dez encarregados de secção da fábrica e mais os companheiros de pescaria e como se submetido fosse a uma mesa redonda, resolvi resumir-lhes o sucedido!

Desnecessário se torna dizer que o tempo foi escasso e logo o sinal de retorno foi ouvido.

Choveram as perguntas e as interrogações. Assim, uns diziam:

— Olhe, para mim, prefiro uma balzaquianíssima das nossas e não quero um bellissimo “broto” de lá!

— Essa história de só comer líquido não me serve. Nada como um bom frango assado com farofa ou um belo lombo de porco. Isto é que é vida, exclamava outro!

— A minha opinião é que você sonhou. Dormiu na beira do rio e me vem, agora, com essa conversa de outro mundo de gente com dois dedos e mulher sem nada. Eu, não acredito nisso, asseverava outro companheiro.

— Escute, quando você for pescar comigo, você não vai sair de perto de mim, entendeu! Se os homens aparecerem eu quero ir no tal Planeta. Comigo, não tenha dúvida, ou eles me contam de onde são, ou pegos a tapa. Dizia uns dos companheiros da pescaria.

O meu caso espalhou-se, imediatamente, por toda a fábrica e à saída tive de enfrentar um punhado de colegas curiosos, ávidos por minúcias. Tive de lhes responder às perguntas, foi um verdadeiro inquérito.

Em minha casa, alguns deles foram me procurar

desejosos de conhecer os pormenores da estranha viagem e vi-me na contingência de fazer minucioso relato de tudo quanto me acontecera, desde a minha partida às 17:06 horas de sábado, até às 10:20 da manhã de domingo, hora provável da chegada.

Assim, de maneira geral, se uns deram crédito, outros se mostraram céticos e outros descrentes. Contudo, tinha convicção do que me sucedera!

CONCLUSÃO

Ao redigir estes relatos em atenção ao pedido do dr. Jânsle, cingi-me a narrar os fatos dentro das minhas possibilidades, procurando dar-lhes o maior cunho de realidade, sem atingir às raias do exagero tão comum aos que relatam fatos excepcionais. Eis, finalmente, o teor da mensagem que me foi dada pelo dr. Jânsle, no Gabinete de Desenho:

AOS HOMENS DE BOA VONTADE

1) — Deveras, todos nós nos sentimos entristecidos por saber que os terrícolas, ainda, vivem uma existência mal conduzida.

2) — Formulamos votos para que a sua humanidade seja compreensiva na tolerância mútua do respeito entre os povos, a fim de que a Paz reine no coração de cada um e a ninguém seja dado atear o rastilho do ódio.

3) — Fazemos um apelo, aos homens de consciência reta, no sentido de envidarem esforços para suavizar os sofrimentos e amenizar as aflições dos habitantes da Terra, que sofrem pela geral incompreensão às leis de Deus!

4) — Regozijamo-nos perante o Criador por tudo quanto se fizer em prol, de seus semelhantes na Terra e os alertamos com a sábia máxima: Ajudem mutuamente, para serem ajudados!

É esta, em suma, a resenha da magnífica mensagem endereçada aos homens da Terra, da qual fizeram-me porta-voz, a fim de trazê-la ao conhecimento de todos os meus compatriotas do orbe

terráqueo!

Para mim, foi sem dúvida uma preponderante razão entre as que me alicercei para atrever a publicar o relato desta inédita viagem.

Infelizmente, faltam-me os recursos literários peculiares a uma prosopopeia convincente e, para o desempenho desta missão, vali-me do salutar concurso de amigos que, sobretudo, auxiliaram-me a concretizar essa obra.

Se a minha diminuta capacidade não satisfizesse contudo, leitor Amigo, saiba que fui sincero nas minhas afirmativas e, sem recriminações, aceito a sua censura.

Ao recordar a frase de JESUS: "Na casa de meu Pai há muitas moradas". (João 14:2), deixo-lhe os meus agradecimentos.

O MAIOR EXEMPLO

— Um dos grandes males do homem terreno é pronunciar palavras ditadas pelo cérebro.

— E os senhores não emitem palavras ditadas pelo cérebro? Eu não compreendo, Dr. Jânslé!

— Sim, nossas palavras também são formadas no cérebro, mas, antes de ser emitidas, são purificadas pelo coração. Vou dar-te um maior exemplo.

Quando de passagem pela Terra, Jesus era um ser humano como o somos nós, possuía nossos sentimentos inatos, nossas necessidades e sentia nossas dores.

Em sua bagagem, para sua imensa missão por todo o Planeta, Jesus nada trouxe mais que um pequeno estojo de um puríssimo, imaculado vermelho. Esse estojo vinha transbordante de milhares de pequeninas pedras preciosas...

Todos aqueles que de pronto viram o estojo e as pedras preciosas, não mais abandonaram Jesus, seguindo-o por todas as partes, sempre na esperança de receber algumas daquelas pedras.

De fato, Jesus, seguindo pelo mundo, de vez em quando parava, lançava seu meigo e sereno olhar aos que o acompanhavam e, singelamente, abria aquele maravilhoso estojo, distribuindo algumas pedras...

A pequena multidão exuberava de alegria, e oferecia profundos agradecimentos a Deus!

De plagas distantes, de longínquos lugares, outras pequenas multidões afluíam para onde Jesus se achava, também na esperança de receber algumas daquelas minúsculas pedrinhas preciosas, que as iriam enriquecer para o resto de suas vidas.

E Jesus as recebia de braços abertos, tomava de seu purpúreo estojo, distribuía novamente, a todos, puríssimas gemas até então não encontradas na face da Terra.

No afã de enriquecer-se mais, as multidões esqueciam as dificuldades das caminhadas e, acompanhando sempre a Jesus, aguardavam pedras maiores, das que até então haviam recebido.

Perguntado por que não distribuía maiores pedras, Jesus respondeu:

— Seria demasiada riqueza para vós!

E, assim, de hora para hora, de dia para dia, de mês para mês, por onde quer que fosse, a passagem de Jesus ficava indelevelmente marcada por novas distribuições de milhares de tais pedrinhas..

Por muitos anos, ora caminhando a pé, ora sentado em um burrico, mas nunca deixando, por um segundo sequer, seu sagrado estojo, pequeno na aparência e infinitamente grande no conteúdo, Jesus ia pelo planeta oferecendo a todos novas preciosidades. E todos se enriqueciam, aguardando, cada vez mais, que Jesus os atendesse distribuindo outras porções de novas e imaculadas gemas.

No entanto, apesar dessa fabulosa riqueza que transportava, Jesus não usava de belíssimos cavalos, ricamente ajaezados para transportá-lo, nem, quando cansado de suas longas caminhadas, contava com coxins, mas sentava-se em um tosco tronco de árvore ou em uma ponta de pedra, dispensando troncos de ouro maciço, carregados por seres humanos, pois considerava a estes tão dignos quanto Ele, tendo deixado expresso certa vez:

— Vós também sois Deuses!

Sua roupa não passava de um simples manto, não tendo jamais se endeusado com riquíssimos e reluzentes indumentárias guarnecidas de frisos de ouro, e cravejadas de padrarias. Com os próprios pés demandava longínquos e áridos caminhos. Sítios inóspitos, que se opunham à sua marcha, Jesus transpunha com rudimentares sandálias, sem nunca fazer uso de caríssimos calçados feitos de encomenda, sob medida, por peritos profissionais. Jamais usou chapéus de puro veludo nem muito menos coroas de ouro encrustadas de brilhantes, esmeraldas, rubis.

Sua cabeça era nua.

Quando coroaram-no, e Ele aceitou, foi uma coroa de espinhos, que se tornou reluzente pelos puríssimos rubis de suas gotas de sangue. Foi uma Verdadeira Coroação, que ainda mais o consagrou pela eternidade das eternidades.

Em lugar de faustosos banquetes, onde sobejam o faisão, a lagosta, o chantili; onde se regam generosos vinhos, Jesus teve, em toscas pedras como mesa, pão passado.

E o Divino Mestre, em sua terrena caminhada, novos viajeros ia encontrando e novas pedras preciosas ia ofertando.

Jesus sentia-se feliz ao ver estampado nos semblantes daqueles que o seguiam, paz e amor. Estes regozijavam-se por se tornarem milionários, por possuírem aquela fabulosa riqueza oriunda daquelas minúsculas continhas preciosas.

Jesus Cristo, nosso Excelso Civilizador e Supremo Orientador Espiritual, retinha ainda em seu maravilhoso estojo, que era verdadeiro manancial, milhares de pedrinhas que, como Divino Agricultor, iria

semear de cidade em cidade, de vila para vila, de aldeia a aldeia, de lugarejo a lugarejo e de tribo a tribo.

Vergonhosamente, porém, os interessados assim, o não quiseram e, com determinante profanação, crucificaram-no.

Forçaram-no a carregar pesada cruz,, muito superior às suas forças físicas, que Jesus, sem pedir auxílio — em mais um imorredouro exemplo — levou sozinho, até o cimo do Calvário.

Jesus crucificado, em tremendas dores, já no estertor da vida, mais uma vez ofertou uma de suas preciosas pedras — a maior — rogando:

— Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!

E agora nos resta, do Cristo, as milhares de pedras preciosas, que foram seus ensinamentos, tirados daquele puríssimo estojo — pequeno na aparência, mas infinitamente grande no conteúdo — que era SEU CORAÇÃO!

Como vedes, meu irmão, para não alegardes que a Natureza vos deixou na escuridão, Deus Onipotente vos enviou Jesus Cristo, essa Insuperável Luz para dissipar-vos as trevas, esclarecendo-vos o Verdadeiro Significado da Vida.

FIM

* * *